



O XI DE AGOSTO

ÓRGÃO OFICIAL DO CENTRO ACADÊMICO XI DE AGOSTO

REDATOR CHEFE: JOSÉ ROBERTO FRANCO DA FONSECA

ADMINISTRAÇÃO: RUA DO RIACHUELO, 275 - 11.º and. - salas 1.108/1.109 - Tel.: 36-7060

ANO IV

ARCADAS, 30 DE ABRIL DE 1955

N.º 2

MISSÃO DA POLÍTICA ACADÊMICA

J. R. FRANCO DA FONSECA

No momento em que se preparam os partidos acadêmicos para a renovação de suas Comissões Diretoras, com vistas às próximas prévias internas e, futuramente, às eleições finais do C. A. XI de Agosto, circulam pelo pátrio rumores de que o sistema de pronunciamento dos acadêmicos, em Assembléias Gerais democráticas e livres, seria substituído por um simulacro de corporativismo. Colegas, em quem estávamos acostumados a enxergar paladinos da Liberdade, movidos — estou certo disto — do propósito honesto de contribuir com sua parcela para o Onz. iriam propor, aos que estudam Direito, deixassem alguns dentre eles pensar, discutir, falar, comparar e decidir por todos, presentes e ausentes. F. de misté. portanto, frizado e renetido e repisa e novamente comentado, por amor da responsabilidade de que é investida a imprensa de uma Casa que defendeu sempre aos liberticidas consumassem seus designios, o princípio formador por excelência do espírito e da política acadêmica: o respeito à Liberdade, senão o seu culto. A política acadêmica cabe a missão, que lhe as lutas de ontem transmitiram, de preservar no seu próprio seio a Liberdade, apanágio do Homem, para, ao depois, pregar na praça. As pugnas políticas das Arcadas deverão sempre refletir uma emulação de vontades livres, de atitudes racionais, de igualdade nos embates, de pensamentos sem restrição, sem superstição, sem fanatismo ou ignorância. O acadêmico que admite a tutela política de alguém que, em nome e por conta dele, pense e fale e julgue, não é acadêmico: é um paradoxo. Paradoxo, pelo caracterizar, como acadêmico, o espírito do anti-acadêmico, que é o servilismo da Razão, a preguiça de pensar, a consagração, enfim, do liberticídio como ideal, da indiferença como diretriz, da castidade intelectual como meta.

A isso nos levaria a reforma intentada por colegas que, impressionados por notícias que nos chegam após cem anos a estas plagas que Cabral houve por bem descobrir, acerca das excelências do regime parlamentar (que confundem com o corporativista), não relutam em ouvir os acordos do coração adolescente, que lhes ordena fazer alao de «novos», sacrificando, embora, todos os 53 anos de liberalismo de seus avoengos.

Porisso, com a responsabilidade de redator desta folha, declaramos, alto e bom som, em nome nosso e no de colegas que como nós pensamos, que não permitiremos, nem toleraremos ou acataremos que um magote fale por nós, em nosso nome e por conta nossa, passando por cima do nosso silêncio, do nosso protesto, e — o que é mais grave — da Liberdade e da Razão que nos diferenciam como Homem.

DUAS GRANDES CAMPANHAS PREOCUPARÃO NESTE ANO O C. A. XI DE AGOSTO

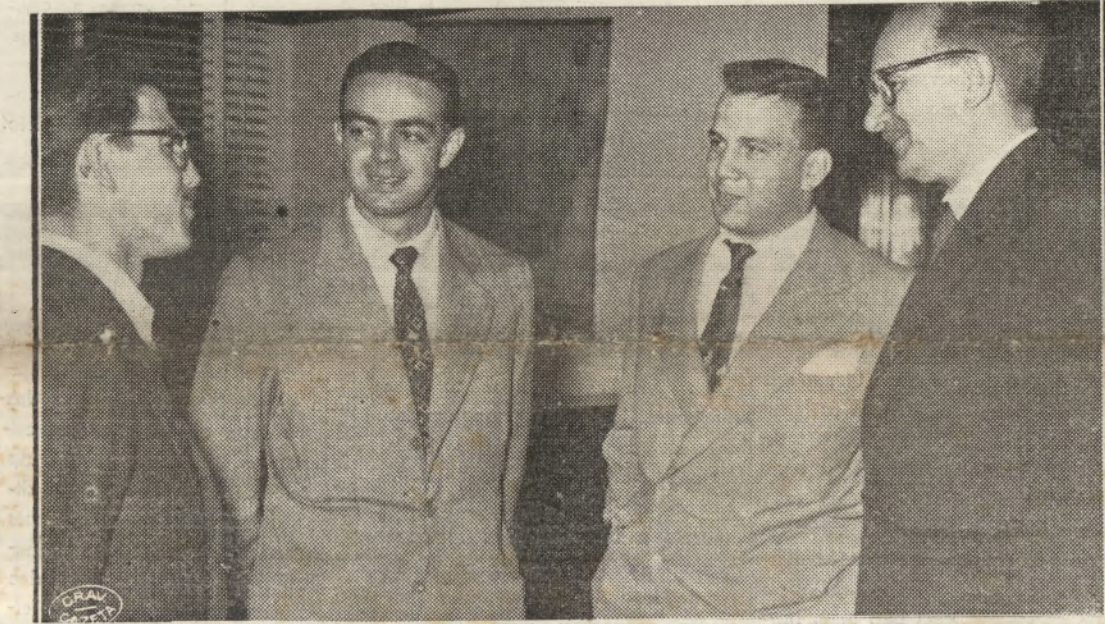
A CRIAÇÃO INTEMPESTIVA DE ESCOLAS DE DIREITO E A REFORMA ELEITORAL — ENTREVISTA CONCEDIDA POR LUÍS CARLOS PEREIRA BARRETO A «A GAZETA» — ORIENTAÇÃO POLÍTICA DO C.A. XI DE AGOSTO

Em entrevista concedida a «A GAZETA», no dia 20 de abril p.p., Luís Carlos Pereira Barreto, Presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, fez pormenorizada exposição das atividades da tradicional agremiação dos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo. Naquela ocasião, declarou que foram grandemente ultrapassadas as expectativas dos fundadores do Centro. Fundado em 11 de agosto de 1903, nestes 50 anos de existência o Centro Acadêmico XI de Agosto muito se desenvolveu, ultrapassando o ideal de seus primeiros fundadores. Suas múltiplas atividades sociais, culturais e políticas se constituem num motivo de permanente orgulho a todos os acadêmicos que cursam a tradicional Escola de Direito do Largo de São Francisco, o não menos famoso «Território Livre». Comprovando esta afirmação, fez o Presidente um relato das atividades várias do Centro aos jornalistas daquêle vespertino, dizendo da existência, além de várias Comissões de caráter transitório, de Departamentos cuja função é eminentemente social e humana, como o Jurídico, que presta assistência jurídica gratuita a todos aqueles que, desprovidos de recursos financeiros, necessitam daqueles serviços; ou de Apostilas, que confecciona e vende a preço de custo, as apostilas das aulas ministradas pelos Professores, e tantos outros, destinados à atuação do Centro no setor cultural, esportivo, político etc.

CRIAÇÃO DE ESCOLAS DE DIREITO

A criação intempestiva e arbitrária de escolas de Direito no interior do Estado, a título político-eleitoral, vem causando verdadeira onda de revolta e indignação entre os acadêmicos, advogados, professores e gente honesta de São Paulo. Barreto, em sua entrevista, referiu-se ao magno problema, confortando àqueles que do Centro esperavam, há muito, uma atitude enérgica que pusesse um paradeiro a esta

situação calamitosa. Falou o Presidente do Centro nos seguintes termos: «Em todos os grandes momentos cívicos que agitaram a Nação nestes últimos 50 anos, o Centro Acadêmico XI de Agosto fez sentir a todos os brasileiro que os estudantes de Direito têm vivido



O Presidente do C. A. XI de Agosto quando concedia sua entrevista aos jornalistas de «A GAZETA»

e compreendido perfeitamente todos os magnos problemas que afligem o país, sempre trazendo à praça pública a manifestação idealista e desinteressada dos moços das Arcadas; a Campanha Civilista, a Campanha Nacionalista, o Voto Secreto, a Revolução de 1932, o Movimento contra a Ditadura, culminando com a gloriosa jornada de 9 de novembro de 1943, o Movimento em prol da tese do Monopólio Estatal do Petróleo etc... No momento, pretende a atual Diretoria convocar Assembléias Gerais, para que a classe se manifeste sobre dois importantes problemas: — o primeiro, a criação intempestiva de escolas de Direito por todos os recantos do Estado, fato que está prejudicando sensivelmente a formação cultural do advogado, acarretando, portanto, considerável desprestígio à classe».

REFORMA DA LEI ELEITORAL

Continuando em sua entrevista ao vespertino paulistano, referiu-se o acadêmico Luís Carlos Perei-

ra Barreto a outra campanha que, paralelamente a esta, preocupará as atenções do Centro Acadêmico, neste ano: «O segundo o projeto de Reforma da Lei Eleitoral, cuja mensagem foi recentemente enviada pelo Executivo à Câmara Federal. Enten-

demos que o país necessita de uma Lei Eleitoral à altura de suas tradições cívicas e culturais, pela

ocorre, seja objeto de mercantilismo inescrupuloso qual o voto seja valorizado e expresse realmente uma opinião consciente, e não, como atualmente por parte de diversos indivíduos».

Convocada já a Assembléia Geral do C. A. XI de

VII Congresso Estadual de Estudantes

Reune-se, neste ano, de 7 a 14 de maio, em Piracicaba, nas instalações da Escola Superior de Agricultura da Universidade de São Paulo, o VII Congresso Estadual de Estudantes, conclave que deverá reunir cerca de 200 universitários, representando os 14 mil alunos das escolas superiores existentes em nosso Estado.

O Presidente de Honra do VII Congresso Estadual de Estudantes será o Prof. Eurípedes Simões de Paula, vice-Reitor da Universidade de São Paulo e Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da mesma.

TEMARIO

Reunidos os Presidentes de Centros, ficou deliberado o seguinte temário, a ser desenvolvido no Congresso: I. Problemas do universitário. — II. Problemas do ensino. — III. O universitário e a pátria. — IV. Os centros acadêmicos e a União Estadual de Estudantes. Estes temas serão estudados, debatidos e julgados nas diversas reuniões plenárias do Congresso a ser instalado.

CALENDÁRIO

E' o seguinte o calendário dos trabalhos que se desenvolverão no Congresso deste ano, que é o sétimo da U. E. E.:

Dia 7, às 14 hs. — Sessão preparatória: a) composição das Co-

missões; b) discussão e votação do temário e calendário; c) eleição do Presidente de Honra da sessão de encerramento; — às 20 hs., Sessão solene de instalação do Congresso.

Dia 9, às 20 hs. — 1.ª sessão plenária: a) Relatório da Comissão de credenciais; b) discussão e votação do Regimento Interno; c) discussão e votação do item I do Temário.

Dia 10, às 20 hs. — 2.ª sessão plenária: a) continuação da discussão e votação do item I do temário; b) discussão e votação do item II do temário.

Dia 11, às 20 hs. — 3.ª sessão plenária: a) continuação da discussão e votação do item II do temário; b) discussão e votação do item III do temário.

Dia 12, às 20 hs. — 4.ª sessão plenária: a) discussão e votação do item IV do temário; b) relatório da Diretoria e prestações de contas.

Dia 13, das 9 às 14 hs. — Eleição da nova Diretoria — das 15 às 16 hs. — apuração; — 20 hs. — 5.ª Sessão plenária: a) proclamação dos eleitos; b) discussão e votação do programa mínimo administrativo; c) discussão e votação da proposta orçamentária; d) discussão e votação da Declaração de Princípios.

pre prontos a oferecer à Nação as suas idéias, as suas sugestões, as suas críticas e, quando necessário, o seu sangue.

ORIENTAÇÃO POLITICA

Na mesma entrevista, divulgada para todo o Brasil, reafirmou o Presidente do Centro os seus propositos de levar aos mais longínquos rincões do país o pensamento dos moços do Largo de São Francisco. Estas duas campanhas, que se iniciarão nas Assembléias para tanto convocadas, serão o marco de uma nova etapa na vida da Academia, revivendo assim as tradições de lutas do passado como os grandes movimentos de ontem, liderados pelo Armando Marcondes Machado e pelo Victor Augusto Fasano. Assim finalizou Luís Carlos Pereira Barreto a sua entrevista a «A GAZETA»: «Evidentemente, toda vez que se fizer sentir a necessidade de um pronunciamento dos estudantes de Direito, estes saberão honrar suas atribuições mormente num período como este em que vivemos, quando a Nação prementemente carece de nosso arrôjo, de nosso desprendimento e de nosso idealismo».

Dia 14, às 20 hs. — Sessão solene de encerramento: a) solene Declaração de Princípios; b) Posse da nova Diretoria da U. E. E.

REPRESENTAÇÃO DOS CENTROS

Nos termos do art. 7.º da Constituição da U. E. E., são membros titulares os representantes de cada centro acadêmico reconhecido, indicados pelo critério de proporcionalidade ao número de alunos, dentro da seguinte tabela: até 200 alunos, 2 representantes; até 300, 3; até 400, 4; até 500, 5; até 700, 6; até 900, 7; mais de 900, 8 representantes. Os presidentes de Centros acadêmicos são representantes natos e não se contam entre os atribuídos pela representação proporcional.

Neste ano, devido a sérias dificuldades de ordem financeira, segundo se notícia, não poderá a U. E. E. receber em Piracicaba senão um suplemente de cada bancada. Foi o que decidiu, em reunião, a Comissão Organizadora do conclave.

Dentro da próxima semana, todos os centros acadêmicos deste Estado já terão nomeado, por intermédio de seus Presidentes, os componentes das respectivas bancadas.

Luiz Sergio Person

Devido a alguns contratemplos, deixaram de sair os artigos desta série nas edições de Janeiro e Março.

Constatando que certos caracteres surgem como constantes que de modo diverso influem sobre tipos de arte de determinados povos, havíamos salientado a proeminência do espaço na arte egípcia e a do tempo e do movimento na arte dos povos mesopotâmicos, os quais antípodas em suas inspirações estéticas integraram com outros precedentes estilos a conjunção da arte grega, em si também bifurcada em dórica e jônica.

As duas formas da arte grega contendo em si elementos oriundos dos estilos anteriores podiam jogar com maiores recursos dentro do espaço e extrair todo o possível dos valores plásticos: o vaso François, analisado no artigo III, embora precursor, é bem o exemplo dessa teoria.

Traçado o limite das artes espaciais em sua utilização do tempo e movimento (v. apont. de cin. n.º IV) contrastam-las com a poesia e a literatura narrativa delineando respectivamente as possibilidades e insuficiências atribuídas tanto às primeiras como às segundas.

Entretanto, mais acima da poesia e da narração atingimos com a música o completo manéjo do tempo abstraído ao máximo da espacialidade requerida por outras espécies de arte. Assim, nos dois vértices opostos de uma conceitualização artística podemos situar num a arquitetura como a mais «corporal» das artes, lidando com elementos estáticos e imóveis e num outro vértice a música como a mais vivente e dinâmica, tratando com a total fluidez do tempo, prescindindo quase que absolutamente da expressão concreta. Entre esses dois vértices portanto, poderíamos intercalar todas as outras formas artísticas.

Na Grécia encontramos, então, segundo esse critério, um antagonismo determinado pela arte plástica apolínea, da divindade Apolo, e da arte desprovida de formas, musical-dionisiaca inspirada pelo Deus Dionísio.

Sobre esses dois elementos, o apolíneo e o dionisiaco, assentam distintamente as manifestações gregas até determinada época.

A expressão, por meio da arte apolínea ou da dionisiaca deixava uma insatisfação; negava ao artista um sentimento de domínio simultâneo sobre o que era torrente de melodias, transcurso de tempo, e sobre o que era plástico, visível, concreto. Os dois elementos formavam necessidades im-

periosas que deveriam agregar-se para supri-las mutuamente.

A fusão não tardou. Proveniente das celebrações onde aos sons de flautas as «bacantes» cantavam ditirambos para honrar Dionísio, o côro primitivo foi-se desenvolvendo sob a égide de seu deus até que se fundiu com a arte dórica, engendrando a TRAGÉDIA GREGA ao mesmo tempo apolínea e dionisiaca.

As brilhantes objetivações das esculturas de Policeto e Fídias, a poesia de Homero transformada em ditirambo dramático, as ações épicas, «paralizadas» nas métopas do Partenon, saltam para a vida pelo toque da varinha musical-dionisiaca. Por seu turno a música sob a influência apolínea se manifesta visível numa simbólica corporal. E tudo, criando um novo mundo de símbolos, se aprestava em ritmo e harmonia logrando uma unidade até então não alcançada.

A síntese das artes espaciais e temporais estava realizada na tragédia grega comprovando o anelo estético e histórico de amalgamar formas diversas de arte. Todavia, o problema parecia subsistir, reclamando algo mais completo, que no entanto, deveria tardar ainda séculos e séculos.

BIBLIOGRAFIA: - El origen de la tragedia, Frederico Nietzsche-Ed. Aguilar B. Aires.

Las artes y el hombre, Raymond S. Stites.

Historia universal del cine, Antonio del Amo-Ed. Plus Ultra Madrid.

Planos da Contadoria do XI de Agosto

Orientação dos Acadêmicos Henrique Silva e Antonio Padovani Neto — Programa de ação.

1. — Registro de Livros contábeis Legais no Cartório onde se acham registrados os Estatutos do Centro Acadêmico XI de Agosto, que é sociedade civil.
2. — Levantamento do patrimônio do Centro conjuntamente com a Comissão para isso nomeada.
3. — Unificação da contabilidade dos diversos Departamentos.
4. — Organização do PLANO DE CONTAS. Contabilização do movimento econômico e financeiro pelo sistema de partidas dobradas.
5. — Balancetes financeiros mensais.
6. — Balanço econômico e financeiro SEMESTRAL ou ANUAL.
7. — Levantamento das contribuições devidas ao I.A.P.I

MACHADO DE ASSIS, em alemão

José de Campos Amaral.

E', pois, verdade que o nosso Machado está se esticando no mundo. Já lhe não bastam as tramas de «Brás Cubas» e do «Dom Casmurro» no inglês da febricitante terra da América do Norte, às quais o Times recebeu com estes comentários denunciadores do êxito: «Acclaimed in his own land and lifetime (1839-1808) lhe best Brazil's man of letters, Joaquim Maria Machado de Assis would doubtless have belished the irony of this posthumous foreign recognition for a novel whose hero is a garrulous ghost, bent on describing his own small genius for failure while alive».

Não admira o tenha acontecido, porque, embora nenhuma afinidade mental ou física possuísse o nosso mulato das Laranjeiras com os da nação de Tio Sam (exceto com Poe, de quem traduziu, insubstituivelmente. «O Corvo»; mas, Poe, lá, só houve um), é suficiente, para justificá-lo, a avidez de exotismo, de novidade de qualquer gênero, que é um traço muito próprio aos nossos bons amigos do norte. Corra a notícia de alguém que aja diferente ao comum, em qualquer setor da atividade humana, e esse alguém, ou a sua obra, será levado para a civilização da produção em série. Acentua-se mais o fenômeno em relação à arte, eis que, preocupada da riqueza, do conforto,

com o progresso, com a paz do mundo, a América, proporcionalmente, não tem tempo para a arte pura. E' por isso que dela de há muito já dizia Joaquim Nabuco: «A desapareição do seu poder nunca seria, como a da França ou da Itália, da Alemanha ou da Inglaterra, o eclipse de um sol fecundante para a inteligência humana». O que, de forma alguma, não o impedia de afirmar também: «Não sei o que teria sido a história do mundo, se a democracia americana não se tivesse fundado».

Inolvidar sob muitos aspectos Machado, tão referido, sempre elogiado, despertou-lhes, após algum tempo, a curiosidade e foi encher-lhes um lugar na estante. Ao menos, devido à técnica dos capítulos curtos, pode ser lido entre duas paradas — de ônibus, ou no intervalo de dois telefonemas... A falta de outros motivos, compreende-se, com estes parcos, a aparição do poeta de Carolina nos Estados Unidos.

Agora, sorrateiramente, importou-o do Brasil a língua alemã. Eu, que não a domino, não pude pedir ao meu amigo M. C. o empréstimo do «Quincas Borba» e do «Brás Cubas» — (presente que lhe fez o prof. Bentex, da Universidade de Zurique, quando de sua visita a São Paulo, não não faz muito), editados com tal gosto e esmero que, no Brasil, deveriam, e não o são, imitados.

Ainda não entendi porque cargas d'água personagens latinas, amenas, tropicais, brasileiras em suma, estavam pontilhando no meio daquela língua áspera, frrrea, língua de comando e de ordem. Quem não conhece o mundo espiritual de Machado? Na verdade, psicologicamente, é que vivem os seus personagens. Se lhe há grandes ações nas histórias, são as ações mentais, em que se entrecrocavam e se destroem caracteres humanos, revestidos de bondade, externamente, e construídos de egoísmo, na realidade, Machado não é destruidor, como querem alguns, pois aquilo de humano que estilhaço, bem o merece, nada encontrou, como observador e analista penetrante, de durável no mundo, que pudesse sobreviver inteiramente puro. Neste ponto, porém, é que se assenta a afirmação positiva de sua herança: desaparecendo com o falso, realçando-o nas suas multiformes aparências para con-

de Agosto". Ela se impõe com a força poderosa das coisas evidentes, inapeláveis. O prestígio do nome da nossa instituição a exige inadiavelmente. Por isso, não hesitamos um só momento em atender ao brado do colega Lauro. O nosso pensamento fica exposto acima, vai além do que pretende o ilustre acadêmica, mas na mesma ordem, na mesma direção. O apóio dos colegas não há de faltar. E a idéia, lançada pelo Lauro Bueno de Azevedo, vingará, porque todos os acadêmicos, que põem os interesses da sua instituição acima dos seus próprios, já compreenderam a necessidade da mudança.

Sabem que, ou ela se fará, ou o nome do C. A. «XI de Agosto» se afundará no desprestígio e na desmoralização, a que o vai atritando as deficiências e os defeitos do atual sistema de Assembléia Geral. Só a adoção do sistema, mais democrático, de representação das classes salvará,

seguir-lo, deixou uma vaga enorme, mas delimitada, limpa, enxuta, para que os homens, os otimistas, colocassem, incorruptivelmente, o que fato deles presta e existe. E com que arte, com que profundidade psicológica soube fazê-lo, num sentido universal, em que pese o ambiente determinado que lhe foi campo de ação!

E quem assim é, como pode estar entre essa gente traçada para as ações incontidas? Na América, pátria de mesma língua que a de sua mãe espiritual, a Inglaterra, nesta, na França, na Itália, admitir-se-ia que o autor de Missa do Galo logo fôsse dar com os costados. E que o compreendessem. O contrário, porém, vem acontecendo: parece que ele teima em tomar primeiro as praças fortes mais guarnecidas contra si: não nos assustemos, pois, se, paradoxalmente ao lógico, o tivermos na Rússia, muito em breve.

Melhor para nós, os que encontramos, apesar das opiniões críticas adversas, o vigor, a alegria da vida, que lhe promanam das páginas. Pior para esses que, embora lhe louvem o estilo, preciso e escorreito, a técnica, personalíssima insistem em lhe ver no conteúdo somente ceticismo, como se a sua monumental obra fôsse apenas bela mensagem convidando ao total suicídio moral do gênero humano...

Mais algum tempo, e a universalidade de sua filosofia, com a qual tratou, em poucos homens, da alma humana toda, será conhecida pelos que pesam o valor desses estudos. Já duas cidades, as mais hostis, pelas circunstâncias de etica e do temperamento consequente, cairam ao seu seu impacto. — As outras, basta acenar-lhes... aderirão sem luta: são da mesma procedência.

Então, uma época há de chegar, em que, como de outros espíritos iluminados vários povos receberão á luz vitalizante daquele que, vivendo nas trevas de difícil existência, soergueu alma acima delas. o velho Machado!

Reforma dos Estatutos

I. Foi muito bem recebido o artigo do acadêmico Lauro Bueno de Azevedo sobre o problema das Assembléias do Centro. E foi com satisfação que constatamos o interesse de grande número de colegas no sentido de apoiar mais essa campanha do ilustre companheiro. Todos compreendem a necessidade da mudança do sistema. Sabem que as Assembléias não mais funcionam como órgão soberano de fato, não representam mais a totalidade dos membros do Centro, porque se tornaram inadequadas ante o desenvolvimento da nossa entidade.

E disso tivemos exemplos fríantes no correr do ano passado. As Assembléias têm sido vergonhosas, pois há colegas que inteligentemente não se compenetraram ainda da importância desse órgão e, por isso, aproveitam-se da atual deficiência do sistema, apoderando-se do recinto das reuniões, para estabelecerem um regime de desordens e desmoralização, como se tivessem incumbidos da missão sinistra de espezinhar o passado glorioso, conquistado a preço de sacrifícios pelos que

promoveram a grandeza cívica do C. A. «XI de Agosto».

E, para conseguirem os seus designios, não titubeiam um só instante: lançam mão dos meios mais hediondos. Donde as bombas e as brigas, as obstruções imorais e tantos outros recursos incompatíveis com o nome da nossa instituição, os quais somente concorrem para desprestigiar-lhe os pronunciamentos. Isto para não referir as atitudes dúbias e contraditórias, decorrentes de decisões de grupos diversos. Hoje, um grupo decide por uma medida; amanhã, o outro grupo desfaz o pronunciamento anterior. Não há unidade nas decisões das Assembléias, tudo porque elas não representam mais a vontade dos associados, mas, tão somente, a daquela minoria que, primeiro, toma conta da Sala do Estudante. E essa minoria mesma, muitas vezes, composta de desordeiros e irresponsáveis a que o Presidente não consegue impor a sua autoridade, a não ser por meio de atitudes, de todo em todo, inconciliáveis com a posição que ocupa.

A reforma proposta pelo Lauro tem a virtude de sanar esses defeitos, além de dar ao Centro um sistema administrativo mais democrático do que o atual. Aliás, o Presidente Barreto, quando candidato, prometera adotar o sistema em tese. E temos a certeza de que o seu amor à entidade, que dirige, há de levá-lo a envidar todos os esforços para a reforma dos Estatutos, dando ao Centro o sistema que o há de salvar da desmoralização.

II. Quanto à necessidade da reforma não tem nenhuma dúvida. Se dúvida pode existir, é quanto à sua profundidade. E, nesse ponto, divergimos do colega Bueno de Azevedo, porque somos de opinião que a reforma deve ser

JOSE AFONSO DA SILVA

feita, desde já, no sentido parlamentar, de modo que a Assembléia dos Representantes das Classes deva ter as seguintes características: 1) ser eleita no princípio de cada ano letivo; digamos, até o trigésimo dia depois do encerramento definitivo das matrículas; 2) constituir-se de dez representantes de cada classe, eleitos por voto secreto e direto, (eleger-se-ão, também, alguns suplentes, para eventuais substituições); 3) ser dirigida por uma mesa, eleita, dentre os seus membros, no início dos seus trabalhos; 4) reunir-se, ordinariamente, pelo menos, uma vez por mês, até o dia dez, para apreciar o balancete do Presidente do Centro e tratar de outros assuntos em pauta; e, extraordinariamente: a) por convocação do Presidente do Centro; b) por convocação do seu presidente, c) a requerimento de determinado número dos seus membros — mas somente para tratar de assuntos urgentes; 5) ter caráter deliberativo e fiscal (pelo que se extinguirá o atual Conselho Fiscal); 6) ter todas as competências da atual Assembléia Geral e ainda a de cassar o mandato de membro seu, na forma do Regimento Interno; competir-lhe-á, também, aprovar o relatório anual do Presidente do Centro. Estudará a conveniência de sua prévia autorização para as despesas maiores do Centro, sendo o Presidente do Centro obrigado a comparecer à sessão, sempre que for convocado para dar esclarecimento sobre assunto previamente determinado.

III. Toda reforma importante deve ser precedida de estudos metódicos. E' preciso levar em consideração as mínimas coisas a fim de que seja completa e benéfica. Julgamos imprescindível a reforma do sistema das Assembléias do Centro Acadêmico «XI



VÔE PELO CONSÓRCIO

PARA TODO O BRASIL E MONTEVIDEO - BUENOS AYRES

O XI DE AGOSTO

Órgão oficial do Centro Acadêmico Onze de Agosto, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

EXPEDIENTE:
 REDAÇÃO: ARCADAS
 Administração:
 Rua Riachuelo, 275, 11.º - Sala 1108 e 1109 - Fone: 36-7060

REDATOR-CHEFE
 JOSE ROBERTO FRANCO DA FONSECA

REDADORES:
 EDGAR DE SILVIO FARIA
 PEDRINHO A. FURLAN
 ABÉRIO SAMPAIO JÚNIOR
 ANTONIO CARLOS GALRÃO LEITE
 DIVA MARIA SALVATORE
 EMILIO GONÇALVES

NOTA: Os originais, mesmo não publicados, não serão devolvidos.

Trote por todo canto. Nos corredores sombrios da Academia, a ecoar a algazarra despreocupada dos moços, os velhos bustos dos juristas de antanho parecem sorrir, vendo passar, tímidos e atemorados, os calouros de 1955. Todos os anos, por estes meses de abril e maio, é a mesma festa de iniciação dos jovens no convívio acadêmico, animado de um salutar espírito de amizade, que se destina a perpetuar-se no tempo.

Parece que a Ordem dos Advogados vá mesmo começar campanhas para preservar o prestígio da classe dos bachareis, ameaçado pela criação extemporânea, absurda, inoportuna e arbitrária de faculdades novas de Direito aqui e acolá. O Parecer do Prof. Paulo Barbosa de Campos Filho, conselheiro da O. A. B., Secção de São Paulo, patenteia o intuito de saneamento a que nos referimos.

Iniciou-se, praticamente, o ano acadêmico, com a convocação de uma Assembléa Geral, na primeira quinzena de abril, a fim de discutir-se o aumento das anuidades do Centro, determinado pelo Presidente Pereira Barreto. Instalada a mesma, declinou o Presidente as razões que o levaram a adotar tal medida, visando à recuperação financeira de nosso órgão associativo. Usou da palavra, em seguida, o acadêmico Jefferson Siqueira, primeiro signatário do Requerimento de convocação. Falaram ainda dois oradores, respectivamente apoiando e reprovando a proposta do acad. José Carlos Rêa, no sentido de se aceitarem as explicações do Presidente e as decisões por ele tomadas. A proposta recebeu aprovação quase unânime dos presentes, encerrando-se, em seguida, a sessão.

O Professor Honorário Monteiro, Catedrático de Direito Comercial desta Faculdade, pretende, segundo notícias veiculadas no pátio, fundar brevemente um Instituto de Direito Comercial, destinado a promover, orientar e divulgar estudos daquela disciplina, possibilitando um maior intercâmbio e cultura desta Casa e entre os cientistas daquele ramo jurídico que lecionam em outras terras. Com isso, quer S. Excia. contribuir com uma obra de envergadura para a Escola em que pontifica há longos anos, e de cujo seio será apartado em breve pela aposentadoria.

É mesmo pouco promissora a situação financeira do Centro. As antigas anuidades eram irrisórias, e mesmo as atuais serão insuficientes para que um bom andamento caracterize as inúmeras realizações programadas para este ano. Mas, o entusiasmo, o arrojo e o desinteresse imediato foram sempre apanágio dos estudantes de Direito. Porisso é que confiamos em que o Centro vá de vento em pópa.

Em Belo Horizonte, no segundo semestre deste ano, realizar-se-á a V.ª Semana de Estudos Jurídicos. Acha-se afixado no quadro de avisos da Faculdade o informe enviado pelos acadêmicos mineiros a respeito, bem como o temário de estudos, que deverá ser objeto de teses, para selecionar os delegados de cada Faculdade. O temário é interessante e dá bem uma idéia da importância de que se revestirá o conclave de Belo Horizonte.

Volta ao Largo de São Francisco a cerimônia do hasteamento da bandeira simbólica do trote. E toda São Paulo irá ver, no "Ritendo castigat mores" do Território Livre, a divisa dos moços que, fazendo sair às ruas a perua da, as caravanas artísticas e as serenatas, fizeram também a abolição e a república, a reação à ditadura e a batalha da renúncia.

ZIGUE ZAGUE

FORA DA FACULDADE

DENTRO DA FACULDADE

A V.ª Semana de Estudos Jurídicos, em Belo Horizonte, irá de 3 a 10 de setembro, e do seu temário extrairmos os seguintes tópicos, para dar uma idéia do seu interesse: 1) unificação do Direito Privado; 2) intervencionismo do Estado no direito contratual; 3) as tendências modernas n otocante aos filhos naturais; 4) autonomia municipal; 5) da relação de emprego; 6) monismo do Direito Público; a unidade jurídica do mundo; 7) prisões abertas, etc.

Os estudantes das Arcadas têm sentido um reavivamento da vida acadêmica e do convívio dos moços. Isto se deve, em parte, aos cursos de extensão promovidos pelo Centro, e que, neste ano estão em pleno funcionamento, proporcionando a seus alunos a oportunidade de maior estreitamento de relações e amizade, além de conhecimentos subsidiários para o curso jurídico. É preciso frequentar estes cursos, interessar-se por eles, ansiar por um nível mais alto de cultura, conversar e discutir no pátio com os colegas. Só assim estará preservada a fonte do prestígio e da autoridade incontestes da nossa Escola: — o convívio acadêmico!

Outro conclave se avizinha: o VII.º Congresso Estadual de Estudantes, que terá lugar, na 1.ª semana de maio, em Piracicaba. O Centro Acadêmico XI de Agosto, como sempre, será representado por uma bancada combativa e capaz, que se não calará diante das oportunidades em que seja necessário fazer-se ouvir a sua voz.

O curso de Oratória, ministrado pelo Prof. Adelino d'Azevedo, iniciou suas atividades no dia 19 de abril, e prosseguirá, todas as terças e quintas-feiras, às 18 hs., na Sala João Mendes Jr. Outro curso concorrido é o de Italiano, cujas aulas profere o Prof. Leonzio Ronconi, todas as segundas e quartas-feiras, também às 18 hs., na Sala Barão de Ramalho. Eis aí, portanto, com o curso de Oratória e o de Italiano, magnífica oportunidade para os futuros penalistas desta Casa. Sem falarmos do curso sobre "Prisões abertas", que tem reunido na Sala do Estudante, todas as noites, os alunos da Faculdade.

Os jornais estamparam, há dias, uma «Carta Aberta aos Estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo», endereçada aos acadêmicos do Largo de São Francisco pelo general Pantaleão da Silva Pessoa. Preconiza o general uma ação imediata dos estudantes, visando à divulgação de uma cartilha contendo os Deveres e Direitos do Cidadão. O general, que confia na mocidade acadêmica, faz suas as palavras ditas outrora por Bilac aos mesmos jovens: «Vinde, moços, moços que amais a vida! Vinde e prepara! a grandeza e a unidade da vida futura do Brasil!»

Após um mês de aulas começa a fervilhar, no pátio e nos corredores, a política acadêmica. Manifestos. Eleições para as Comissões Diretoras dos Partidos. Atas e façanhas. Candidatos às prévias. Consultas, murmúrios, esperanças... idealismo às vezes. Mas, sobretudo, a unir os estudantes e a superar as divergências partidárias, a amizade irrestrita, o amor à Faculdade, o intuito de dar alguma coisa de si ao Centro Acadê-

mico XI de Agosto. Ou não é bem assim? Pelo menos, pode e deve ser assim...

Não ficou sem resposta a Carta-Aberta do general Pessoa. Quando de sua estada no Rio, entregou pessoalmente o Presidente Barreto ao velho militar, em cerimônia singular nas comove, a resposta do Centro Acadêmico XI de Agosto. O general, emocionado, reafirmou sua confiança nos altos destinos da Faculdade de Direito de São Paulo.

Reiniciou suas atividades, na segunda quinzena de abril, a Academia de Estudos Literários e Jurídicos «João Mendes, na Casa do Estudante. Preside-a, neste ano, o acad. Elói Mello do Prado. Toda gente já sabe o que constitui a Academia: um pugilo de jovens que se reúnem todos os domingos para estudar Literatura e Direito, adestrando-se na tão difícil, porém bela arte da Oratória.

Procura-se, nos meios universitários, estabelecer um estreitamento de relações entre professores e alunos. O corpo docente entende que os centros acadêmicos, entidade associativas dos discentes, não são simples «estudantadas», mas a condição do prestígio da classe e a garantia de sua efetiva responsabilidade, nos dias que correm. O Prof. Almeida Jr., persistente estudioso da vida universitária, empreende uma análise da estrutura, organização e funcionamento desses órgãos estudantis.

Com o início das aulas, voltam a atuar as Ordens da Academia, que lhe dão aquele aspecto pitoresco e a distinguem dos demais institutos de ensino. Aos sábados, uns acadêmicos magros e esbomçados, sob a direção do "Vultur maximus" Valois, ruflam as asas negras em direção às festinas da sociedade paulistana: é a Ordem do Corvo. Em um ponto qualquer da cidade, sob o manto cinzento da garça, outro grupo de acadêmicos preocupa-se com os mistérios da boemia: é a Ordem do Pijama. Ou são jantares as reuniões em que se comem galinhas-de-angola, não sem regá-las com bom vinho, e então é, em plena atividade, a Ordem da Galinha-de-Ángola. Há a Ordem do Badalo, a do Peru, a da Capivara e tantas outras, em letargia temporária, à espera de um cochilo do rigorismo do general Pradel.

A chamada «vassourada» empreendida na Universidade teria causado consequências calamitosas para a nossa Faculdade, que se veria privada da Biblioteca Circulante e vários outros setores imprescindíveis, não fôra a dedicação do Prof. Brás Arruda e o esforço do sr. Flávio Mendes, Secretário da Escola, conseguindo ambos convencer o Reitor a, dentro dos limites legais, conservar o pessoal indispensável: foi a Faculdade o setor em que um mínimo de funcionários foi dispensado. Parabéns dos estudantes!

Conta a Faculdade de Direito com um Teatro Acadêmico de primeira ordem. Nem poderia deixar de ser assim, na Casa onde pontificaram os nomes tutelares da poesia e da prosa, das letras, da oratória e das Artes em geral. É imprescindível que continue em sua brilhante trajetória o elenco de «Corrupção» e de «Rosmersholm». Urge, ainda, que se incentive a criação de grupos, literários ou

Notícias da Casa do Estudante

AO REINICIAREM-SE AS AULAS na Faculdade, a Casa do Estudante voltou ao seu ritmo normal. Normal o movimento, porque em voltando das férias, seus moradores injetaram-lhe vida e seus corredores, seus apartamentos, suas escadas (escadas sim, porque o elevador ainda é problema) momentos não vivem sem que moço lá esteja, estudando, pensando, conversando, discutindo, vivendo acidentalmente a vida da casa dos acadêmicos.

NORMAL DE TODO AINDA NÃO, pois que há ainda alguns bacharéis que se não retiraram, para dar o lugar a novos moradores. É que o concurso para o preenchimento de vagas do Ministério Público realizou-se ainda em abril e muitos dos recém formados advogados, que como estudante moravam na Casa, nele se inscreveram e é natural e justo que usufruíssem por mais um mês do teto e do ambiente que lhes garantiu tantos e tantos outros estudos para os exames do curso de bacharelado. Foi sem dúvida medida acertada, concessão justa da presidência do Centro.

TODAVIA JA É TEMPO de que na Casa não morar os novos de dela necessitam, convocados por ordem de inscrição e aprovados no exame da Comissão de Sindicância, cujos honestos princípios pairam, quando cumpridos, acima de favoritismos injustos e nocivos.

E TUDO SERÃO VITÓRIAS tão cedo se possa saber a Casa realizando o sonho de seus construtores de ondem na gratidão dos beneficiados de agora.

TORNEIO DE XADREZ Rapaziada inteligente e culta, liderada pelo gênio enxadrístico do acadêmico. Di Munõ Corrêa, grande número de moradores da Casa é afeiçoado do nobre e intelectual esporte. Assim sendo, pretende para dentro de muito breve

artísticos, que possibilitem a revelação de vocações entre os acadêmicos. Por falar nisso, e a Academia de Letras da Faculdade, onde anda?

O mês de maio, que se inicia, é, sem dúvida, o mês dos aniversários, entre os Meses da Faculdade. Faz anos, no dia 5, o Prof. Livre Docente Flávio Queirós de Moraes; o Prof. Goffredo Silva Telles Jr., no dia 16; o Prof. Gama e Silva, no dia 19; o venerando Prof. Pinto Pereira no dia 27, e, finalmente, no dia 29, o Prof. Ataliba Nogueira.

Excessos do trote, parece que não os houve neste ano. Isto é sinal de que os veteranos já se vão convencendo de que o trote não é um mal em si, senão quando levado a efeito com o intuito de desprezear a dignidade humana dos calouros, aviltar-lhes o natural amor-próprio. Praticado, como o foi, neste ano, com moderação e espírito, só faz resguardar uma velha tradição da Faculdade que é uma casa de moços.

Também aniversária, no dia 23 de maio corrente, o velho e querido Epaminondas, antigo Porteiro da Faculdade, amigo leal e sincero da meninada travessa, cujas peraltices acompanha desde 1926. O estimado «Vôvô» é um verdadeiro «arquivo ambulante» da Escola, tendo presenciado as mais belas campanhas saídas do Largo de São Francisco. Esperemos até o dia 23 do corrente, quando «Vôvô» deverá aparecer nas Arcadas, para que o possamos «raptar» e levá-lo a uma chopada comemorativa.

realizar um torneio cujo vencedor receberá, por prêmio, a TAÇA CASA DO ESTUDANTE. Aliás as inscrições já estão sendo feitas com o Di Munõ que cobra também uma pequena taxa para cobertura de despesas naturais com o torneio, inclusive a compra da taça e as inscrições que nela serão apostas.

Significativo é o fato de três dos cinco componentes da equipe de xadrez do Onze de Agosto morarem na Casa. Com a assistência e as inscrições do líder enxadrístico referido, que promete treinar toda a turma, dentro de algum tempo a Casa será um dos mais sólidos núcleos enxadrísticos universitários de São Paulo.

Todos gostam do fino esporte e se há quem não o pratique por dela não gostar ou por razões outras quaisquer, principalmente por essas, — é de se lembrar o grande pensamento do enxadrista filósofo: «Ninguém em sã consciência pode jogar xadrez sem estar com a consciência sã».

LOTERIA DOMINGO FELIZ A grande idéia do J. Cássio e do Henrique teve ótima aceitação. Mas a duração foi efêmera. Por que não revivê-la?

Trata-se da Loteria Domingo Feliz Durante a semana os moradores adquiriam, por Cr\$ 10,00 apenas uma das centenas de um lista que, se fosse sorteada no sábado, daria Cr\$ 1.000,00 ao felizardo se todas as centenas vendidas tivessem sido. E este passaria um domingo feliz. Sem Sanduiche ao jantar e na matiné com a namorada. Assim dizem os cartazes. Assim é mais.

Chegou a funcionar por algumas semanas. O primeiro vencedor foi o José André e depois o Edgar. Se a inauguração foi precedida

SURMANN

a maior e mais antiga fábrica de

CARTEIRAS SOCIDIS



- Douração legítima
 - Gravação esmerada
 - Couros escolhidos
- Quantidade mínima: 100 peças

FÁBRICA SURMANN

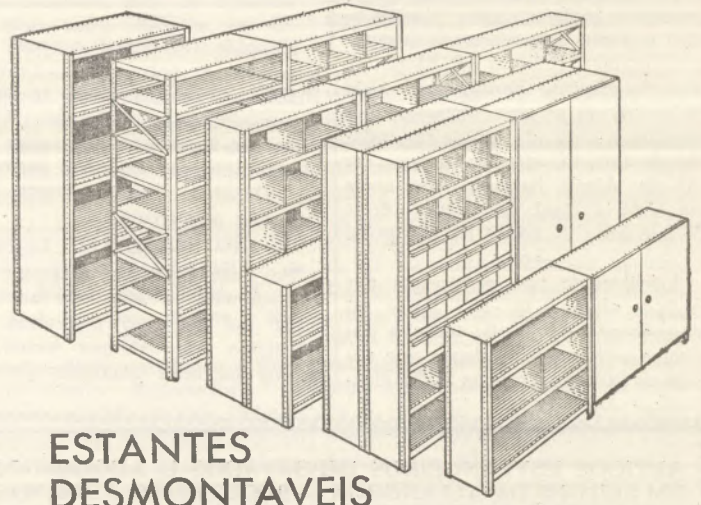
SÃO PAULO R. Antonio Pais, 119 C.A. Postal 3677 Fone. 34-3828

Atendemos pelo Reembolso

da de tanta publicidade em cartazes artísticos e convincentes (e sugestivos), o renascimento poderá ser produto de outra campanha publicística. Não pode?



eu quero é qualidade



ESTANTES DESMONTÁVEIS



adaptam-se a qualquer uso e local

TECNOGERAL S.A.

Rua 24 de Maio, 47 - Rede Tel. 35-5187

ESPORTES NAS ARCADAS

Levantado pelo C. A. de Agôsto o título de campeão universitário de esgrima

Os primeiros frutos estão começando a aparecer... Está de parabéns a Diretoria da Associação Atlética, principalmente o presidente Ruiz, que não tem poupado esforços para que neste ano a Taça Eficiência venha abrigar-se sob o teto das Arcadas.

Vamos iniciar o noticiário propriamente dito com Esgrima, cujo campeonato realizou-se nos dias 12, 13, 14 de Abril.

Tenente Carolino Xavier de Oliveira e Jan Krotoszinsky foram os nossos heróis, que souberam honrar sobremaneira o nome do XI. Competiram ambos nas três modalidades; florete, espada e sabre, sagrando-se o primeiro campeão absoluto de Espada, e conseguindo nas outras duas armas classificações honrosas. Jan contribuiu decisivamente para o sucesso de nossas cores, obtendo colocações nunca inferiores ao 5.º lugar, o que nos possibilitou terminar a competição em primeiro lugar juntamente com a «Alexandre Gusmão» de Santos. Um viva, pois, ao XI de Agôsto, Campeão Universitário Paulista de Esgrima de 1955.

XI de Agôsto, Campeão Feminino do Torneio Estímulo de Natação.

Na friorenta noite de 22 de Abril, Deloé Gianoti, Alzira Helena, Lilian de Abreu, Neide Fabra e Yara Falcone, conseguiram, na Piscina da A. D. Floresta, aquilo que até então jamais conseguimos alcançar; o Título, Máximo de Estímulo Feminino. Estamos todos de parabéns. Estão de parabéns principalmente, - e a elas todas as homenagens, - as bravas colegas que não mediram esforços para elevar e engrandecer o nome sempre glorioso do Centro Acadêmico XI de Agôsto, da Associação Atlética e no Departamento Feminino.

Feito dos mais brilhantes, conseguiram também realizar os rapazes do Estímulo Masculino, classificando-se em 3.º lugar; mais não fizeram porque o impossível também foi tentado... René Sierra, Roberto Levy, Joel de T. Campos, Leonardo Frankental, Cristiano F. da Cunha, Almerico, Francisco Erasmo, Zé Luiz e Roland Sierra, o Diretor dos Esportes Aquáticos, deram o máximo de seus esforços para acumular pontos para as nossas cores, e conseguiram ultrapassar a expectativa. Roland, você é o maior... parabéns.

As «meninas», ainda uma vez, na parte do Atletismo, fizeram bonito. XI de Agôsto: Vice-campeão feminino do Estímulo de Atletismo. Maria H. Prado, Maria Elizabeth Schoch, Yara Falcone, Luiza, e Bina foram as heroínas das Arcadas. Estão de parabéns.

O Campeonato Universitário de Xadrês está em andamento. Já somos finalistas, graças ao nosso colega Lourenço Cordioli, um dos azes no enxadrismo de S. Paulo. Esperamos também, uma classificação honrosa dos nossos demais representantes Antonio Di Munno e Rui do Espírito Santo, que aliás já venceram os seus primeiros adversários, isto na primeira rodada do torneio, que se realizou em 20 de Abril. Estamos confiantes na Vitória final de nossas cores. Xeque-mate... não é Di Munno?...

Infelizmente não poderemos dar notícia alguma no que tange ao campeonato de Tenis; todavia podemos afirmar aos colegas que somos os favoritos, graças à alta clas-

se de nossos atletas, quais sejam: Armando Ferla, Aratagy e Serson. O Torneio iniciou dia 19 de Abril e somente dia 26 é que interviremos, medindo forças com a MED.

A «SAN-SÃO» sai mesmo... é o que nos afirmo o presidente Ruiz: «Em Setembro, si Deus quiser». Aliás, é grande o interesse que vem despertando nos meios universitários esta nova competição. E' de bom alvitre flizir, nesta página, a dedicação, a boa vontade que vêm demonstrando os colegas de Santos, representados na pessoa de seu presidente Arrabal, para que venha tornar-se realidade brilhante esta nossa «SAN-SÃO».

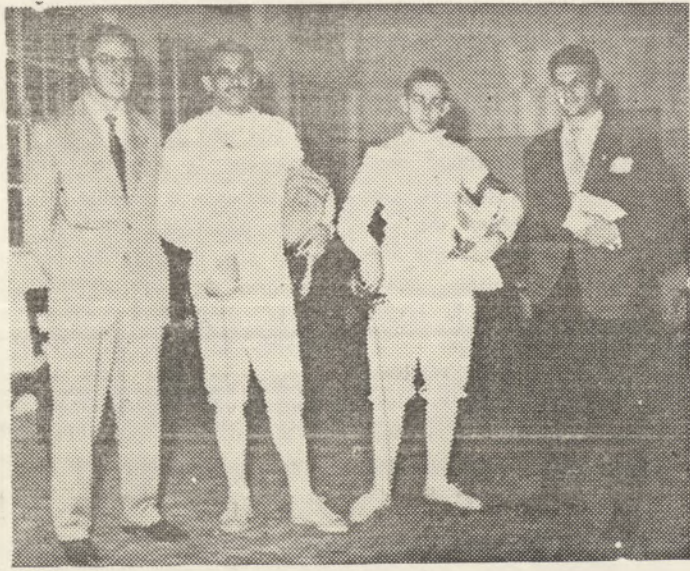
E' nos grato registrar nesta página o comportamento do presidente do Centro, com relação aos esportes. O colega presidente tem comparecido a todas as disputas em que tomaram parte nossos atletas. Já elogiamos verbalmente seu comportamento e o fazemos agora por escrito. Sempre assim, Barreto.

Infelizmente precisamos comentar, neste nosso noticiário, a falta

Taça Eficiência. O calouro Walter S. Zalmanovits foi a figura destacada, pois, venceu com brilhantismo as provas de 1.000 mts. 295 cl barreiras: Como recompensa irá o calouro receber um belo «trote» individual...

Atenção futebolistas, os trenos já começaram, todos, inclusive os «pernetas»... Precisamos movimentar o ambiente... Como diz o Diretor da modalidade... «Todos têm chance... não há panela...» não é Celso?

Nota-se um certo desprezo, ou por outra, indiferença por parte dos colegas no que se refere ao incentivo aos atletas. A não ser na competição aquática, não tivemos «torcida» nenhuma. Aliás, na competição do dia ou noite de 22, aconteceu um fato interessantíssimo. No revezamento 4x50 quatro estilos, prova disputadíssima, o Roland andou mudando de balisa... e acabou criando um «caço» tremendo, pois, os juizes nos quiseram desclassificar, havíamos ganho a prova. Mas 90% da tor-



Os acadêmicos Carolino Xavier de Oliveira e Jan Krotoszinsky, que levantaram o campeonato de esgrima da F. U. P. E. leadeados por Barreto e Pedrinho Furlan.

de compreensão de alguns colegas, que, pensada ou impensadamente, não o sabemos, vieram prejudicar enormemente o trabalho da Diretoria da A. A. A. XI de Agôsto, consequentemente prejudicando o próprio Centro. Lanço daqui, um apelo a todos os colegas, esportistas ou não, no sentido de prestigiar o esporte da Academia; precisamos recuperar a posição que sempre nos pertenceu por direito e por justiça. Nunca desprestigiamos!

Ada Pelegrini Gianpiero! Você, colega, está merecendo o aplauso de todos nós pela dedicação, pelo trabalho, pelo esforço que vem demonstrando na direção do Esporte Feminino do XI. Continue sempre assim, Ada.

Donaldo Armelin, é o nosso colega que faz parte da diretoria da FUIPE. Vejamos como se sairá. Recomendamo-lo junto ao Conselho de Representantes como um elemento capaz. Não nos desmereça, Donaldo. Temos certeza que isto não acontecerá.

Por circunstâncias várias, não conseguimos ir além de um 6.º lugar no Estímulo masculino de Atletismo. De qualquer forma fizemos uns bons pontinhos para a

cida era nossa... e... ganhamos mesmo. Viram?... Se estão pensando que houve coação... estão muito enganados... houve, isto sim, «incentivo»...

— CALOUROS! VOCES ENERGIENOS, SAO A ESPERANÇA DO XI DE AGOSTO E DA A. A. A. (Associação Atlética Acadêmica, seus burros!). PROCUREM INSCREVER-SE. 3 FOTOGRAFIAS E' O BASTANTE, NÃO HA' MENSALIDADE E NEM NADA. COMPAREÇAM AOS TREINOS E JOGOS.

FEDERAÇÃO UNIVERSITÁRIA PAULISTA DE ESPORTES

Entidade Máxima do Esporte Universitário Paulista

Entidade de Utilidade Pública - (Lei n.º 1878/52)

Edifício das Federações - R. Germaine Bouchard, 451

S. Paulo - Brasil

Calendário Esportivo Oficial da F.U.P.E.

Para Maio de 1955

TAÇA DISCIPLINA E TAÇA EFICIÊNCIA
MAIO — 4 e 5 Torneio Início de Bola ao Césto 20 horas Pacaembú
» 7 Campeonato Universitário Paulista de Natação 14 horas (Masc. e Fem.)

» 8 Campeonato Universitário Paulista de Saltos Ornamentais 10 horas Pacaembú

» 11 Torneio Estímulo de Remo 14 horas Tietê

» 11 a 13 Fam Fei

» 14 Início do Campeonato Universitário Paulista de Polo Aquático 14 horas Água Branca

» 14 e 15 Campeonato Universitário Paulista de Atletismo (Masc. e Fem.)

» 14 horas Tietê

» 18 Campeonato Universitário Paulista de Remo 14 horas Tietê

» 19 Torneio Início de Futebol

» 21 a 28 Mac. Poli

» 22 a 29 III Jogos Universitários Paul. do Interior (Piracicaba)

O "CORUQUERÊ" JURÍDICO

IBRAIM CALICHMAN

Estampou o último número do "XI de Agôsto" um oportuno e objetivo comentário a respeito da proliferação desastrosa dos cursos jurídicos, assinado por esse rapaz culto e de larga visão que é o diretor da Casa do Estudante, Eivaldo Atalla.

Realmente oportuno foi o seu brado de alarma, trazendo ao fogo vivo das discussões isso a que chamaríamos de "praga" de "coruquerê" dos cursos jurídicos do Brasil e principalmente de São Paulo. Nesta oportunidade, de modo algum poderíamos permanecer alheios a esse brado, principalmente pelo fato de sabermos perfeitamente o que significam tais simulações de faculdade de Direito, criados a trouxe-mouxe, numa lamentável e desastrosa indiscriminação. Conhecemos várias dessas "faculdades" de algibeira, tivemos inúmeras relações com estudantes que frequentam seus bancos, vimos muitos dos seus interessantes (e traqui-cômicos) exames vestibulares e é justamente por isso que nos revoltamos contra essa proliferação, que mereceu tornar-se alvo da pena justificadamente virulenta do nosso amigo Atalla. A frequência livre com todo o seu cortêjo de irregularidades gritantes, os exames feitos "por procuração", a rendosa indústria de apostilas impingidas obrigatoriamente, as faltas que misteriosamente "somem" do livro de chamada (quando este existe), as mancomunações criminosas, tudo isso e mais alguma coisa caracteriza essas faculdades de pórticos austeros erguidos às pressas e professores recrutados aqui e ali, como aliás bem notou o Atalla.

Principalmente duas conseqüências decorrem dessa proliferação de cursos jurídicos. A primeira é de ordem econômica: vê-se o Estado onerado tremen-

INDICADOR PROFISSIONAL

ROBERTO MERCANTE

ADVOGADO

Escrit. Rua José Bonifácio, 367 — 4.º andar — Tel.: 33-1816

EUVALDO CHAIB — LUIZ GONZAGA DE CARVALHO

ADVOGADOS

Praça da Sé, 247 — 1.º andar — Salas 111 e 113

Telefone: 32-3035

WALDYR F. DE MENDONÇA

ADVOGADO

CIVIL E COMERCIAL — HIPOTECAS

Rua Quintino Bocaiuva, 107 - Sobrelaja - Sala 6 - Fones: 35-9587 - 35-9973

MANOEL DA SILVA CARNEIRO

ADVOGADO

Rua Barão de Paranapiacaba, 73 — 6.º andar — Tel.: 36-8971

JOSÉ ALTINO SILVEIRA BRASILIANO

ADVOGADO

Rua da Liberdade, 21 — 7.º — Conj. 703 — Tel.: 36-2043

Residência: Rua Oscar Freire, 2403 — Fone: 80-5296

FARAH TACLA

ADVOGADO

Rua Senador Feijó, 29 — 7.º andar — Fone: 32-8989

HELIO BARRETO MATHEUS

ADVOGADO

Praça do Patriarca, 78 — 4.º andar — Sala 41 — Tel.: 32-7793

Residência: Rua dos Bandeirantes, 96 — Tel.: 34-6325

FERNANDO BACARIN

ADVOGADO

Escritório: Praça da Sé, 54 — 4.º S| 410-11 — Fone: 35-1321

Residência: Rua Apotribu, 244 (Jabaquara) — Fone: 7-8757

damente com a instalação e manutenção (ambas dispendiosas em excesso) de tais faculdades, acarretando mesmo, às vezes, dispersão de numerário que mais racionalmente aplicada traria benefícios bem maiores.

A segunda conseqüência já é de raízes bem mais profundas e fere frontalmente a nossa tradição jurídica. Perlustrada por Ruy Barbosa, Benjamin Constant, por toda uma plêiade de juristas que tu do fizeram para enriquecê-la e distingui-la, é ela agora vilmente comercializada e reduzida a moeda corrente para a compra de vantagens políticas e quejandos. "Dá-nos uma faculdade de Direito e darlemos tantos votos" é proposta muito usual nos tristes dias atuais. Espelzinha-se desavergonhadamente as instituições centenárias e irredutíveis na sua probidade, ou as que, mesmo não tendo tradição, fazem do culto do Direito um sacerdócio e não um balcão onde o diploma de Bacharel é vendido como quinquilharia.

O que enfurece até as pedras é o descaso das autoridades, mórmente do C.N.E. frente a tal estado de coisas. Nada se providencia, não se move uma palha sequer para por cõbro a essa praga infamante. Aliás, não nos espanta tal inércia, e nos apressamos a explicar por que:

Se esta própria Academia permaneceu calada, fria, totalmente alheia ao "alerta!" de Eivaldo Atalla, que podemos nós esperar dos que estão lá fora, e não sentem na própria carne a extensão e a gravidade do problema? Se o assunto não mereceu sequer servir para discussões no pátio das Arcadas, se nem mesmo um comentário despontou de uma rodinha de acadêmicos ali na porta da Faculdade, então, decididamente: não podem ser censurados os dirigentes da administração escolar.

O centro "XI de Agôsto" — vá lá o desabaço — tem de uns tempos para cá se lançado ou dado seu apoio a campanhas completamente inócuas, desprovidas de sentido e de mérito, arriscando assim o seu prestígio e sua tradição, descreditando-se perante a opinião pública, que sempre vibrou com suas atitudes e sempre o acompanhou em suas magníficas arrancadas. Por que esse mesmo glorioso Centro não reagiu ao brado de alarma Eivaldo Atalla? Se se trata de proteger a integridade moral dos Cursos Jurídicos de Faculdades que o são realmente, principalmente da pioneira e tradicionalíssima Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, então porque não se vê o Centro "XI de Agôsto" agir? Porque

(conclui na 13.ª pág.)

CASA PEREIRA BRITO
Indústria e Comércio de Ferragens Ltda.

IMPORTADORA

FERROS EM GERAL

Chapas pretas, Galvanizadas, Aço para diversos fins, Chapas onduladas, Fitas, Molas, Fabricação de Ferro U., Tiras p/ portas articuladas e Ferro p/ grades de enrolar

FÁBRICA: RUA FLORA N.º 123

AV. RANGEL PESTANA, 1074/82 - FONES: 35-5448 e 33-1942
ESCRITÓRIO: 33-4338 - SÃO PAULO

ARTIGOS ESTRANGEIROS IMPORTADOS E ADQUIRIDOS EM LEILÕES DA ALFÂNDEGA — BIJOUTERIAS, ADORNOS, PERFUMES E GRANDE VARIEDADE DE PRODUTOS ESTRANGEIROS P/ SENHORAS E CAVALHEIROS

"I AMAR"

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO LTDA.

Loja: LARGO DO OUVIDOR, 35 FONE: 34-4759
Depósito: RUA DOS JACINTOS 423 - SÃO PAULO

Palavras aos Estudantes de Direito

Entrevistando o Prof. Spencer Vampré — Saudade, amizade e esperança — O amigo dos estudantes — Palavras do velho Mestre à geração de hoje

Fomos encontrar, trabalhando no aconchego dos alfarrábios e dos alentados volumes de seu gabinete, um velho Mestre da Academia, Lente jubilado de Introdução à Ciência do Direito. Amigo, confiante, hospitaleiro e gentil, distingue-se o Prof. Spencer Vampré pela grande cultura que lhe emoldura a inteligência viva e sempre curiosa. Antes de dirigir aos moços das Arcadas, por nosso intermédio, os conselhos e sugestões por nós solicitados, tratou o bom do Mestre de nos familiarizar com as recordações acadêmicas que traz consigo e tão ciosamente guarda. A adornar as paredes de seu gabinete, sobressai uma pintura de Van Emelen, grande artista que por estas plagas andou, reproduzindo as Arcadas silenciosas do velho Convento, a projetar sombras pelo pátio acolhedor. Adiante, pintada por outro artista, a reprodução da Ponte Pênsil do litoral vicentino. O Prof. Vampré, de fino espírito, refere-se ao fato de que os moradores do lugar costumam denominá-la imprópriamente de «Ponte Spencer». Por todo o gabinete de trabalho recordações e imagens, símbolos amigos conservando sempre presente a velha Faculdade.

Por sobre a mesa um grande livro aberto. Sobre suas páginas debruça-se diariamente o venerando Professor, na faina dedicada de traduzir para o vernáculo todo o saber latino do «Digesto». O Mestre abandona por instantes seu trabalho, lê dois ou três versos da poesia publicada no último número, comenta-a conosco. Fala da Academia e suas coisas, da algazarra dos moços, do civismo do Centro, do túmulo de Júlio Franck, em quietude e paz imperturbáveis. SAUDADE, AMIZADE E ESPERANÇA

Contam os estudantes com um amigo leal no Prof. Spencer Vampré. Demonstrou-nos isto o entusiasmo e a emoção que lhe embargavam a voz, ao relembrar coisas da Academia. O tempo, estampado no atêntico de seus cabelos, viu correr os grãos de areia da ampulheta e, nada obstante, encontra no Prof. Vampré de hoje o mesmo invencível adversário de outros tempos, saudável de compleição e jovem de atitudes, animado de uma esperança inabalável nos altos destinos da mocidade acadêmica.

AMIGO DOS ESTUDANTES
Referiu-se o entrevistado à sua vida de Professor das Arcadas e estudioso do Direito. Conheciamos todos já, de autoria deste jurista, as obras que já se vão tornando clássicas, em torno do «Do Direito como expressão das Leis Universais», do «Papel do jurista na hora atual», além do «Manual do Direito Civil Brasileiro», da tradução das «Institutas», de vários trabalhos publicados na «Revista da Faculdade de Direito» e numerosas outras obras. A nós, acadêmicos, era-nos particularmente cara a edição das «Memórias para a História da Academia de São Paulo». Na entrevista de que damos hoje um relato, manifestou-nos o Mestre o desejo de ver publicado em 2.ª edição o seu «Manual», já esgotado. Disse dos percalços que para tanto tem encontrado. Para dar um exemplo da amizade que nutre o Prof. Vampré pelos moços da Faculdade, aqui vai um fato; não logrou publicar até hoje a almejada 2.ª edição da referida obra, porque não encontrou ainda algum livreiro que se dispusesse a satisfazer as condições exigidas pelo autor, a saber: que a obra fosse vendida para os estudantes, a Cr\$ 50,00 apenas por volume, em prestações.

Membro da Academia Paulista de Letras, manifestou o entrevistado o desejo de ver estreitarem-se as relações entre os órgãos e entidades literárias da Faculdade, nomeadamente a Academia da Letras da Faculdade de Direito de São Paulo, e aquela casa de escritores em São Paulo, da qual fazem par-

te vultos da estôfa de um Altino Arantes, de um Monsenhor Manfredinho Leite e tantos mais.

Foi do seguinte teor a comunicação que pediu o Prof. Vampré transmitissemos aos moços da Faculdade:

PALAVRAS AOS ESTUDANTES DE DIREITO

«Poucas vezes, em minha longa vida de estudos do Direito, me tenho sentido tão pouco preparado como agora para aconselhar os moços do Centro Acadêmico XI de Agosto.

A mocidade é uma divina impaciência. Esta frase célebre abre aos estudantes todas as portas; mas, — ai de nós! — faz convergir sobre os velhos docentes todas as atenções. Não dou mais lições; não compareço, a não ser arrastado pela saudade, ao velho Claustro, onde me decorreram os melhores anos da vida, e se destizeram os mais belos sonhos da juventude.

Querem, suplicam, insistem os acadêmicos de agora. Tortura-os a incerteza do momento pre-



Prof. Spencer Vampré

sente; irrita-os a reserva cautelosa dos estadistas mais experimentados; aferroa-os o aguilhão da crítica jornalística, o renoque à porta dos cafés: «Que pensam vocês? — «Por que não promovem um comício no Largo de São Francisco? — «Por que, no «território livre», não erguem protestos vernáculos, ou não sacodem os guizos tilintantes da ironia e da sátira?»

— «Por que não aderem às reivindicações proletárias? — «Por que não exigem do Governador do Estado, ou do Presidente da República, ou de seus Secretários e Ministros, a solução dos problemas estudantinos?»

Talvez, nesta altura de nossa conversação, comecemos a perceber que os meus pontos de vista são, em linhas gerais, e neste momento, os seguintes:

1) — Não há problemas específicos dos estudantes de Direito, ou de Medicina, ou de Engenharia, ou de Artes e Ofícios, ou de Contadores...

O grande problema neste instante é de organização e trabalho pacífico: de constância e regularidade; de modéstia e de confiança no próprio esforço; de economia e de aproveitamento do tempo para as horas do estudo.

2) — Há crase de produção, encarecimento de todas as utilidades, alto preço de livros, roupas, alimentos, moradia...

Responderei: — a solução não está nas mãos dos estudantes, mas dos Poderes Constituídos, no cumprimento dos dispositivos constitucionais. Estudemos, e deixemo-los trabalhar.

Nem vejo como possam os estudantes dedicar-se simultaneamente aos livros e à conquista do pão de cada dia. Apresentam-se exemplos em contrário. Não quero desencorajar os audazes; reflito com os dados normais e comuns.

3) — Casas de pensão, restaurantes, alfaiates, livreiros, trabalhadores mecânicos e manuais, — todos sofrem igualmente os males presentes.

Ajudemo-los, e dêmos-lhes o exemplo de confiança hoje e no futuro.

Não se extinguirão facilmente

(se é que se extinguirão) o desemprego, a mendicância, a prostituição, o alcoolismo, as moléstias infecciosas, a desonestidade, a ineducação, o analfabetismo... Nem dispõem os estudantes de meios de combater esses males sociais, esses resíduos que o organismo social ainda não pode reduzir ou extinguir.

Tenho lutado ao lado dos estudantes de Direito, e, também por via de consequência, ao lado de outros, que se preparam para diferentes profissões. Só o posso fazer, entretanto, dentro do que conheço: — estudando, escrevendo, ensinando, pelejando.

Aconselho-os a que aguardem com paciência o desenrolar dos acontecimentos; que não julguem precipadamente os homens públicos; que moderem as invectivas ou os elogios; e que votem livremente em quem entenderem melhores, e mais promissores. Arregimentem-se em partidos, ou em trações de partidos; e com o auxílio de correligionários lutem no seu setor.

Mas, principalmente, estudem e raciocinem; discutam e não criem inimizades, exprimindo com dignidade, e sem paixões desnordeadoras, as preferências juvenis.

Acho-me, no momento, empenhado em reeditar os meus tratados de Direito, há muito esgotados; e a traduzir o «Digesto», segundo velho sonho, desde os meus tempos de calouro.

Se, de futuro, necessitarem de trocar idéias, peço-lhes que me falem. Não ticularão sem resposta».

PORQUE SE VOTA MAL

JOÃO LOPES GUIMARAES

Não é segredo para nenhum de nós os meios e as artimanhas usadas pela maior parte de nossos políticos para guindar-se em cargos eletivos.

É o dinheiro que jorra à rãda é a demagogia que campeia desenfreada, é a cabala desonesta, é, enfim, uma série de artifícios os mais inescrupulosos, os mais desleais, a gutar uma boa parte dos candidatos a funções públicas.

A nosso ver isso resulta principalmente da absoluta falta de conhecimento do Direito constitucional e eleitoreiro de nosso povo. E, quando dizemos povo, não nos referimos somente ao proletariado, — sem dúvida alguma, a classe que constitui a maior parcela do eleitorado e que com maiores dificuldades luta para instruir-se — mas a todos em geral, inclusive os de instrução superior.

Excluindo de bachareis em direito, e claro, os demais salvo algumas exceções, nada conhecem e nada sabem sobre leis eleitorais ou direito constitucional. E, assim vemos então o povo nada sabendo acerca da Câmara ou Senado; já ouvindo falar mas não entendendo nada de tripartição de poderes e falando a verdade, não compreendendo mesmo o que seja Constituição.

Parecerá aos colegas, lendo o que acima foi dito, que exageramos, que vai um pouco de fantasia em nossas palavras; responderíamos então que façam o que já fizemos, comecem logo, hoje mesmo, ao saírem das Arcadas, a perguntar a seus amigos e conhecidos, — alunos de outras Faculdades; interroguem-lhe sobre o que é Constituição, para que serve, quando foi promulgada, e em seguida inquiram o sobre seu artigo 1.º. Isso bastará para provar que a razão está conosco.

Por isso que o povo vota mal desorganizado e desorientadamente; na maioria das vezes prevendo apenas os candidatos a postos executivos (pois aí a propaganda é mais intensa), largando mão e votando completamente sem

CURSO BRIGADEIRO

DE PREPARATÓRIOS PARA AS FACULDADES DE MEDICINA

(FUNDADO EM 1941)

Desenvolvimento completo dos programas vestibulares teórico-práticos das escolas de Medicina e congêneres

PERÍODOS: MANHÃ — TARDE — NOITE

Avenida Liberdade, 834 - 1.º andar - Tel.: 36-1781 (Sede própria)

Diretores:

OSCAR MASSARIOL FARINA

RODOLPHO CUTOLO

Notas Jurídicas

ESTUDOS DE DERECHO, vol. XV, n.º 45, Medellín, Colômbia, 1954

Circula mais um número desta revista, editada, pela Faculdade de Direito e Ciências Políticas da Universidade de Antioquia. A matéria deste número vem dividida por cinco seções magnificamente confeccionadas: 1) Estudos; 2) Trabalhos de seminário; 3) Seleções jurídicas; 4) Bibliografia; 5) Crônica da Faculdade. Entre os estudos jurídicos, salientam-se o de Dr. Mantilla Pineda, sobre «A egologia jurídica de Carlos Costio», e o do Dr. Carlos Restrepo

noção em candidatos ao legislativo. Oriundo dessa falta de conhecimento de nossas leis eleitorais, e também, a falta de consciência partidária de nossa gente, que elige determinado candidato executivo e as vezes nenhum outro da mesma fileira partidária para o legislativo.

Muito se falou e se fala ainda em reforma eleitoral e reforma do ensino, mas ninguém se lembrou ainda de incluir nessa reforma ensinamentos de noções de direito eleitoral. Urge portanto, que se ensine aos brasileiros como votar, instituindo-se desde já nas quartas séries ginasiais ou nos cursos colegiais e normais, uma cadeira de «Noções de Direito Constitucional e Eleitoreiro»; criando-se novos cursos mantidos pelo SESI, SENAI, etc., essa disciplina e posteriormente abrindo cursos populares de 3, 4 ou mais meses, especialmente para ministrar esses conhecimentos.

Evidentemente, não pretendemos aqui, que se institua cursos semelhantes aos que temos nesta Faculdade, mas tão somente que se ensine os conhecimentos básicos, elementares, tais como o que seja República, Federação, diferença de Câmara e Senado, tempo de mandato dos diferentes cargos, incompatibilidade, tripartição de poderes, etc.

Ao Sr. Ministro da Educação, que é antes de tudo, eminente professor de Direito Constitucional desta Casa, lançamos aqui este apelo, pois temos a certeza que isto feito, o povo saberá votar melhor e nós poderemos escolher melhor...

Dumit, sobre «Ações e acionistas». Entre as seleções jurídicas, publica este número um trabalho do grande criador da escola do direito puro, Hans Kelsen, que se subordina ao tema: «Teoria pura do direito e teoria egológica». Destaca-se, ainda no número 45 da Revista «Estudios de Derecho», uma vasta e bem ordenada bibliografia econômica colombiana, de interesse imprescindível para os estudiosos da matéria e para os que se dedicam ao Direito, de modo geral. A Revista é dirigida pelo Dr. Alfredo Uribe Masas, Reitor da Universidade de Antioquia, e pelo Dr. Eudoro González, decano do mesmo instituto.

IOWA LAW REVIEW, n.º 2 Iowa, Estados Unidos, inverno de 1955

A revista publicada trimestralmente pela Faculdade de Direito de Iowa, nos Estados Unidos da América do Norte, vem a público, agora, com variada matéria, confiada à pena de professores de nomeada. Contém este número um pormenorizado estudo sobre a lei americana de adoção, seguido de várias estatísticas, como não poderia deixar de ser, em se tratando de uma revista norte-americana, sobre a verificação, na prática, da adoção. Há ainda um ótimo estudo acerca dos «Aspectos psicológicos do processo de adoção», de autoria de John G. Martire e Boyd R. Mc Candless. Além destes trabalhos, segue-se um comentário sobre o movimento legislativo do trimestre, além de comentários sobre casos recentes, em Direito Constitucional, Processo Penal, Direito Fiscal etc. A orientação dada aos artigos e comentários é de natureza prática e simples. Não falta, ao final das páginas, um pequeno noticiário bibliográfico.

MANUAL POPULAR DE DIREITO DO TRABALHO, de Mozart Victor Russomano, 4 tomos, José Konfino Editor, Rio, 1955

O autor deste trabalho é o Prof. Mozart Victor Russomano, da Faculdade de Direito de Pelotas, da Universidade do Rio Grande do Sul. É também Juiz presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Pelotas e membro titular da Sociedade Internacional de Direito Social. Autoridade na matéria, dividiu seu manual, que chama de «popular», em 4 tomos: I) Direito do Trabalho; II) Direito Sindical; III) Direito Judiciário do Trabalho; IV) Previdência Social. A obra reveste-se de grande interesse por ser ilustrada com formulários relativos à matéria versada no texto. Pretendeu o autor

acentuar, deste modo, a finalidade eminentemente prática de seus livros, chegando mesmo a afirmar, na «Advertência» preliminar que precede a obra, que «este livro se destina aos estudantes das Faculdades de Direito e das Faculdades de Ciências Econômicas do país.

... Sem expor uma única teoria e sem conter sequer uma única citação, esta obra se reveste de um caráter eminentemente prático».

TRAITE DE DROIT CIVIL NEERLANDAIS, de Paul Scholten, trad. de B. E. Wielenga, Librairie Générale de Droit et de Jurisprudence Paris, 1954

Este livrinho recentemente editado é o primeiro, talvez, de uma série a ser publicada, pois estudamos apenas a Parte Geral do Direito Civil da Holanda. Vem prefaciado por um grande civilista francês, o antigo docente da Faculdade de Paris. Seu autor é Professor da Universidade de Amsterdão, e parece tratar a matéria com boa bagagem de conhecimentos e grande percuência de observações. Todo este pequeno volume trata do «Método no Direito Privado», com vistas, naturalmente, ao direito positivo holandês. É de grande interesse para os que desejarem especializar-se em Direito Civil, aos quais é imprescindível uma formação razoável no direito comparado.

A CRISE DA DEMOCRACIA E A REFORMA ELEITORAL, de Ruy Bloem, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1955

O jornalista Ruy Bloem desenvolveu, através das «Folhas», intensa campanha em prol da reforma do nosso Código Eleitoral, que acredita cívico de anacronismos e contradições. Acaba, agora, de reunir em volume os artigos publicados na imprensa a respeito do momentoso assunto, e oferece-o ao público através da Livraria Martins Editora. Nesta obra, desdobra-se o sr. Ruy Bloem em jornalista, político, sociólogo, economista e talvez um pouco... jurista. Homem que sempre se interessou pelos maiores problemas que afligem a nossa estrutura, analisa em sua coleção de artigos todas as desvantagens e inconveniências das nossas leis eleitorais, confrontando-as com os quadros e as situações da realidade prática, que está a exigir uma melhor adaptação da forma jurídica à vida social, neste caso. A reforma de nosso Código é uma campanha que já se vai tornando vitoriosa, motivo por que o interesse que o livro do sr. Ruy Bloem irá despertar será geral e insopitável.

A FERA

Edgard de Sílvia Faria

Tudo que há de negro neste mundo,
De mal, de inclemente,
De bestial, de desumano e frio,
De fero e repelente,
Concentrava aquêlo olhar de esguela.

Ora, mudo e triste, era a peste,
Dardejando agudos, lancinantes,
Pedidos de socorro.
Ora, infernante, era uma fera a tocar passantes
Na solidão de um deserto morro...

Impiedoso, com o amargor da bilis,
Atacava de imprevisto,
E arrazava com seu olhar de esguela
O outro olhar, o qual fugia,
E espantaria qualquer outra fera.

Tal era êle, desumano e frio, mal
Repelente, negro e fero,
Inclemente e bestial...

O PRETO

HUDINILSON URBANO

Entraram no ônibus. Eram três amigas. Percebia-se facilmente. Os rostos e o torneado dos corpos prognosticavam-me uma escada de idades. Para ser mais claro, dezoito, vinte e vinte e cinco anos, segundo aparentavam... Mas isso não vem ao caso. Trajavam-se bem. Era domingo!... As duas mais novas ocuparam um assento transversal, a minha direita. A outra, melhormente vestida, tomou lugar, sozinha, também em um dos assentos duplos, em frente ao das primeiras. Ao lado permanecia um lugar vago. Até aí nada de mais.

No ponto seguinte, porém, na leva de gente que se comprimia a entrada do coletivo, um rapaz, de côr, antecipando-se vai ter ao lado da moça solitária. O rapaz estava modesta mas decente e até invejavelmente trajado, mas... era negro. Ela encolheu-se além do suficiente para ceder-lhe lugar. Coisa que êle não reparou, naturalmente. Reparei eu. E reparei, ainda, que as outras trocaram entre si intuitivo sorriso, cuja significação se colhia no ar. Foi correspondido pela terceira, como se dissesse: — que fazer?! —

Não sou afeito a artigos e muito menos a tocar em cancro como o que ora desenvolvo, pela delicadeza de que se reveste e cuja terapêutica não é fácil. Não que seja contra os articulistas, pelo contrário. Cuidai, porém, que um artigo deve apresentar sempre utilidade e finalidade práticas, objetivas e imediatas, baseado que será em fatos e convicções. Não ser vazio, apenas bonito, apenas agradável. Daí, aos que já me têm lido — e a quem volto à pena, — a explicação do porque só tenho assuntado ao que a imaginação transborda. Mas, sou observador, talvez infelizmente.

Cenas, qual citei, têm-me paginado a memória. Doutra feita, foi uma senhora escura e já de idade que, solicitando mais atenção de um motorista de ônibus, emudeceu-se apenas com a irrefletida talvez, mas doida exclamação do chofer. — negra também já pode reclamar?! —

Quadros semelhantes alvoroçaram-me sempre os já conturbados pensamentos. Qual a razão? E' que a abolição da escravatura moral até hoje não se tornou realidade. O preto tem sido hodiernamente ainda o indicativo de mau gosto, de mau caráter... de mau homem. Não o libertamos até então das chacotas (embora livres dos chicotes!), das referências depressivas. Voluntariamente por vês

zes, sem se advertir quase sempre, ouvem-se a rôdo coisas assim: — que sapato! parece de negro... ou, caiu no leite, hein. Preto é quem gosta de terno branco, ou, ainda, — parece serviço de negro!

Minhas observações prosseguem: Uma colega permitiu em seu conto, saído à luz no XI de Agosto (muito interessante, por sinal) semelhante referência, quando punha na boca de uma aluna (falava de alunas de colégio), aludindo-se ao vestido de sua rival, a seguinte frase: "E eu vi uma preta com um vestido igualzinho..." Em suma, não são êles expressão de bom gosto. Há certa base n'isso, como exporei adiante.

Longe de mim incriminar quem assim diz ou tal procede. Já disse, fazem-no, fazemo-lo inadvertidamente. Contudo, faz doer...

Aquilo, segundo os psicólogos — e porque não, nominalmente Freud faz concluir-se que se realiza no subconsciente do que fala, algo que, em confronto com uma imagem que o provoca, projeta-se e se revela. Todo fato psicológico tem causa! Em outras palavras, assim procedemos, porque ainda, embora nos esforcemos racionalmente, nosso ego parece não se conformar com a paridade inter-racial nem com a possibilidade de êle, o negro, ter-nos iguais qualidades. Continuamos a escravizá-lo moralmente. Empequeçemo-lo, temendo nos ombre, não lhe fornecemos ambiente, não batalhamos por acomodação, pelo "modus vivendi". Tudo isso inconscientemente, não ponho dúvidas.

Como nos à situação verificada do Negro nos E. U., todavia nossas restrições, têm semelhante caráter. Abra-se um "Diário Popular" e proceda-se à estatística dos empregadores que preferem, já nos anúncios, pessoas de cor branca, quando não é esta condição mesma uma "conditio sine qua non" para os candidatos. As razões dessa preferência fundamentam-se na honestidade, higiene, aspecto, apresentação, limpeza, etc. Por vês — convém aceitar essas razões procedem. Vez ou outra, há de se convir que fique "cada macaco no seu galho"!

Mesmo quem se dedica a sobrelevá-lo, peca pelo subconsciente. Veja-se no título de um filme que alugou, há tempos, os luminosos da cinelândia: "Preto de alma branca". Pseudo-tributo seguir se faz da suposição imediata, evidente e lógica de que a alma de todo negro lhe acompanha na côr, uma vez que a alma de Preto do filme, revelava que

foi, preenche uma exceção. Excepcionalmente, tem-na branca, o que confirmaria a regra.

—()—

A culpa não é só nossa. Cabelos também. Provindos de gerações escravas, cuja escravidão nunca fôra somente física mas necessariamente moral — pois, nem diferentemente se podia crer — trazem na alma solidário sentimento que tende predestiná-lo à servidão. As honras e pudores violados e gemidos por Castro Alves com os "escravos" continuam lembrados e ressentidos. Quantas vês pequeno castigo lhes fôra as senzalas e as correntes! Mas o coração sem correntes e sem senzalas palpáveis, sangrados, gemiam:

"Senhor, basta a desgraça,
de não ter pátria nem lar,
de ter honra e ser vendida,
de ter alma e nunca amar".

Oxalá o escravo fôsse vendido sem alma! Essa alma que nem em paz abandonava o corpo, "porque nem são livres pra morrer" — chora o verso do Navio Negroiro. Mas vociferam as "Vozes d'África": "E que é que fiz, Senhor?"

A dor moral, é óbvio, fôra imensa e porque dor moral, constante e parece inextinguível. Quando a "Escrava" — de Gonçalves Dias, — sofre na honra, não se pode encontrar crime no "Rei Negro" — de Coelho Neto.

Ainda mais. A pele que o sol queimou e Deus se descuidou de embranquecer é causa — e não se pode negar — de abatimento moral e prostração completa. Não bastasse o encarvoado da epiderme, quantas versões as mais desumanas e desamorosas da sua origem! — Sempre expressão do mal! E' Belzebu, invejoso do Criador, que, semelhantemente teria moldado um homem de barro. Esquecendo-o, porém, por demais no forno, te-lota retirado já denebrido. É, aventura o "Livro das Lendas" de Nelson Wainer, consequência do desheredito de uma voz. Exortara os primeiros homens, negros todos que eram, a banharem-se em determinada fonte. Os que desobedeceram à vez, de cujo poder desconfiaram, não conseguiram a branquidão dos demais.

Podia prolongar-me, se o desejo de contar lendas me houvesse conquistado.

Arrazoadas é a mágua, por causas múltiplas, que capea o negro. Não pretendo o sonho-feito-realidade nem proponho-me às campanhas meritórias de Rui e Patrocínio, tão menos aos versos imortais de Castro Alves, embora suas vozes devessem, hoje, acordar dos ossos, sacudir as covas, abalar as

sepulturas, destruir o tempo e o espaço e vibrar, e vibrar a quantas pudesse! Mas, "depois de conseguido êsse desiderato (abolição), após a lei Áurea, calaram-se os oradores, silenciou-se a musa..." lamenta o Sr. Otávio Goulart de Camargo.

Não me creiam às raias do pessimismo, também, não milito so. Após ter alinhado mentalmente o presente trabalho, temendo sua indecifrável repercussão, tendo em vista a delicadeza da matéria e — porque não confessar — em busca de escudos, empenhei-me em colhêr em outros pensamentos idênticas preocupações. Não fui excepcionado, encontro-me plenamente tutelado.

Uma libertação diferente se impõe; uma abolição da escravatura moral, se almeja; um incondicional restabelecimento na posição de homem igual, se precontiza; uma preocupação sincera com o problema, faz-se oportuna.

Afirmava eu que os pretos, se não repartem culpa conosco, provocam, todavia, de modo geral, essa desarmonia. Abram-se os jornais e a porcentagem de negros criminosos, vagabundos e vadios que disputam as grandes é sobremaneira avantajada à dos delinquentes brancos. Rebusquem-se os lugares escuros e as calçadas estreitas, as horas de sono e negros e mulatos, em porção maior, trazem nos olhares cansados e nos rostos esqueléticos, estampadas, como trazem a côr, as ostentações de "marginais", valendo o termo como "à margem da lei. Muito mais amiude se lamenta da desonestidade e mal procedimento de negros. Enfim, parece que sejam predestinados para tudo que se não comporta dentro do bem.

Estou expondo fatos. Porque "acomodarem-se as classes inferiores" como se a cor assim predestinasse? Anotei de Donald Pierson depoimento de que «na Bahia (c. é evidente, em São Paulo) os brancos, em geral se identificam com as "classes superiores" e os pretos com as "inferiores". E' uma realidade que anda a saltar aos olhos, mas não uma fatalidade. Nada proíbe que se invertam ou se equiparem. Nem se pode crer ainda em "enorme desorganização de sua personalidade" que observa um sociólogo...

Pretos e brancos devem ambos e juntos palmilhar o bem, o grande e o belo, porque devem ser expressões disso, pois, homens sadios de Deus herdaram-lhes parcelas disso. São irmãos, porque filhos de mesmo Pai. Deixem-se complexos e predestinações sepultados no berço. Nasçam livres!

Os brancos, ergamos à nossa altura quem se não nos emparelha, ou a teme. Também se honrem patra nos motivar orgulho deles.

Haja muitos Cruz e Souza, porque se sabe e o testemunho de Harvey clama "que o negro não é inferior aos outros homens".

Constrastem-se-lhe: a côr e a alma. Esqueçam as lamúrias dos "quadrados" e os batuques à música das correntes. Não há mais o "baque de um corpo ao mar" nem "boiã mais os restos de navios do tráfico". Esqueçam-se o soba e as atuais Umbandas com babalaô, babá e jabonam, e constrtuamos juntos um Brasil que indistintamente nos pertence.

Lembrem-se de que há, sobre o altar que uma toalha verde, bordada de telhados e "emes" do Paraíba enfeita, uma Senhora Negra — cuja côr também se lhe não indagada a origem — por cujas mãos se escoam a par e infundáveis duas torrentes de graças que alcança duas cores de brasileiros.

INDICADOR PROFISSIONAL

ITURBIDES BOLIVAR DE ALMEIDA

SERRA

ADVOGADO

Rua Benjamin Constant, 23 — Salas 1 e 2 — Telefone: 35-1021

NUNZIO CALABRIA

ADVOGADO

Rua Senador Paulo Egidio, 61 — 5.o — Tels.: 32-1103 e 32-5043

RENATO MARQUES SILVEIRA
JOSE MESA CAMPOS FILHO
ANTONIO BRAS CARDOSO
PAULO PORCHAT DE ASSIS KANBLEY
Rua Boa Vista, 314 — Conjunto «G» — 8.o andar
Telefones: 35-3623 — 32-4514 — 32-9613

ANUAR SABINO

ADVOGADO

JOSÉ SOLER LOPES

ACADEMICO

Rua S. Bento, 100 — 2.o — Sala 10 — Escri.: 33-6295 e Res.: 8-4318

ANTONIO CILENTO

ADVOGADO

Esc.: Rua José Bonifácio, 209 - 3.o andar - sala 302 - Tel.: 35-5600

GARIBALDI DE MELLO CARVALHO

ADVOGADO

Rua Senador Paulo Egidio, 34 - 7.o andar - Salas 76/7 - Tel.: 34-5439

DRS.

AURELIANO GUIMARAES

ADMIR RAMOS

ABGAHIR PEREIRA RAMOS

GERALDO EDUARDO SAMPAIO GUIMARAES

Rua Quintino Bocaiuva, 176 — 4.o andar — Salas 418/419/427/428
Telefone 32-4080

HYGIDIO AUDI

ADVOGADO

Praça da Sé, 247/297 - 5.o andar — Salas 529/30 - Telefones 32-4552 e 35-3888 — (Edifício Santa Helena)

J. ALMEIDA VERGUEIRO

ADVOGADO

Rua da Liberdade, 21 — 6.o andar — Conj. 611 — Tel.: 33-2791

SYLVIO TH. BELEGARDE ARAUJO

EDMAR DE ARRUDA MILANI

ADVOGADOS

Praça do Patriarca, 78 — 4.o andar — Sala 44 — Fone.: 32-7793
Av. Dr. Vieira de Carvalho, 172 - 3.o andar - C. 305 - Tel.: 35-0444

ANTONIO CARVALHO NETO

ADVOGADO

Escr.: Rua Cons. Crispiniano, 344 - 7.o - Conj. 710 - (Edifício Marrocos) — Fones: 35-6336 — 34-8302 37-6259

FABIO BOHN CALDEIRA

ADVOGADO

Rua Barão de Itapetininga, 273 8.o andar — Sala 3 — Tel.: 32-5379

LUIZ CARLOS D'CONTY LEITE

ADVOGADO

Rua Quintino Bocaiuva, 71 — 6.o andar — Sala 611 — Fone: 35-9381

ALVARO GOMES DOS REIS

JOSÉ HAMILTON MONTEIRO DOS REIS

ADVOGADOS

Rua Quintino Bocaiuva, 122 - 3.o andar - Salas 39/40 - Fone: 36-2067

HORACIO SALLES CUNHA JR.

ROBERTO SALLES CUNHA

ADVOGADOS

Rua Quirino de Andrade, 219 6.o andar - Conj 64 Fone: 36-8685

JOSÉ ANDRÉ BERETTA

ADVOGACIA FISCAL E COMERCIAL

Av. São João, 327 — 3.o andar — Conj. 6 — Fone: 34-8967

J. PAULO BITTENCOURT

ADVOGADO

Escr.: R. Barão de Itapetininga, 140 - 7.o and. - Conj. 73 - Tel.: 35-7128

PAULO DE ARAUJO MARQUES

ADVOGADO

Rua Benjamin Constant, 77 - 2.o Pav. - Salas 5 a 8 - Fone: 32-8609

MILTON CASTRO FERREIRA — SEME

S. GABRIEL — ARY NUNES GARCIA —

ANTONIO F. LEPORACE

ADVOGADOS

Rua Conselheiro Crispiniano, 53 — 4.o andar — Conj. 43 — Fones: 32-2579 e 35-1375 — SAO PAULO

MILTON F. MORAIS LEME

ADVOGADO

Escr.: Rua Quintino Bocaiuva, 176 — Salas 405-7
Telefone: 32-5392 — SAO PAULO

JOÃO ALVES MARTINS DOS SANTOS

ADVOGADO

Rua Senador Paulo Egidio, 22 — 2.o andar — Tel.: 33-9375

SECUNDINO DOMINGUEZ FILHO

ADVOGADO

Escr.: Praça da Sé, 287 — 2.o andar — Salas 230/2 — Tel.: 32-1642

RUY BARBOSA NOGUEIRA

ADVOGADO

QUESTÕES DE DIREITO TRIBUTARIO
Rua 7 de Abril, 34 — 10.o andar — Tels.: 36-7945 e 35-3042

VICTOR AUGUSTO FASANO

ADVOGADO

Escr.: Rua José Bonifácio, 367 — 8.o andar — Tels.: 36-0641 e 33-1054

V
A
S
P

Traço de união entre
os maiores centros
produtores do Brasil

REFORMA DO SISTEMA PENITENCIÁRIO

Recentemente, o Governador do Estado assinou importante decreto nomeando uma comissão constituída de notáveis juristas, criminalistas e criminologistas, sob a presidência do Diretor da Penitenciária, Dr. J. B. Viana de Moraes, incumbindo-a de proceder a estudos para a elaboração de um plano de reforma do aparelhamento carcerário, do sistema penitenciário do Estado e da organização do Departamento de Presídios e, o que é mais importante, dar execução ao plano aprovado. A leitura do texto legal traz a declaração oficial de que todo o aparelhamento carcerário do Estado está em crise, o que não constitui novidade dolorosa para ninguém, principalmente para os estudiosos do assunto. Sabemos que há, entre nós, crise em outras instituições humanas, aguardando medidas semelhantes dos poderes públicos e que esperamos não venham a ser adotadas tão desumanamente tarde, tão tardiamente como as que, somente agora, procuram resolver o complexo problema das prisões e dos prisioneiros.

Os renitentemente penitenciaristas, em que pese a sinceridade de suas convicções, não poderão destruir os fatos que aí estão, e nos mostrar a decadência das prisões, cujos primeiros movimentos de reação foram iniciados há mais de 70 anos. O instituto do "sursis", procurando evitar o convívio curto dos delinquentes, mas suficiente para perverter, das penas de curta duração, e o livramento condicional, abreviando a pena longa, insuficiente para corrigir, fizeram diminuir sensivelmente a execução da pena de prisão. A par da criação desses dois institutos, e sob a influência do estabelecimento aberto de Witzwill, na Suíça, fundado no fim do século passado pelo Dr. Otto Kellerhals, todos os países civilizados têm procurado reformar o sistema penitenciário, visando impedir a reincidência dos delinquentes, não esquecidos de que o delito, por ser fenômeno da personalidade humana, deve ser tratado e resolvido por processos humanos e que, mais do que a doença, se deve tratar do doente. Do isolamento, pretensão absurda dos que desejavam reeducar e reformar o delinquente, através o monólogo shakespeariano da própria alma, à promiscuidade das nossas atuais prisões, traçou-se, a trajetória em declínio da vida dos cárceres, que não têm envelhecido apenas os que neles entram mas, também, a própria sociedade que tem tolerado a sua existência. Nessas condições, todos os Congressos Penitenciários e Penais verificadas das últimas têm recomendado aos Governos a adoção dos estabelecimentos penitenciários abertos, como o XII Congresso Penal e Penitenciário Internacional de Haia em 1950, o Seminário Latino-Americano sobre a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente, realizado em 1953, no Rio Janeiro, sob os auspícios da O.N.U., com algumas seções em São Paulo, numa das quais verificou-se profundo desentendimento de doutrina penitenciarista entre professores desta Faculdade.

A comissão ilustre integrada pelos Drs. J. B. Viana de Moraes, Alvaro Pires da Costa, André Teixeira Lima, Carlos E. Bittercourt, Esther de Figueiredo Ferraz, Geraldo Prudente de Aquino, Miguel Campos Jr. e Theophilo Cavalcanti e a quem coube tarefa tão árdua, já prestou algumas declarações à imprensa, adiantando alguns pontos do trabalho já efetuado. São eles:

1 — A comissão propôs a reunião de todos os serviços carcerários sob a orientação de um único Departamento, subordinado a uma única Secretaria de Estado, a da Justiça. Atualmente, três Secretarias têm atribuições carcerárias: as cadeias públicas do interior, Casa de Detenção e Presídio do Hipódromo e Ilha Anchieta estão afetos à Secretaria de Segurança; o Presídio de Mulheres e a Penitenciária à Justiça e o Manicômio se subordinam à Secretaria da Saúde. 2 — Utilização, pelo Governo, das Escolas Práticas de Agricultura, do interior paulista, transformando-as em penitenciárias agrícolas, como as de S. José do Rio Preto, Pirassununga e Itapetininga 3 — Estabelecimento penal só para mulheres, num dos estabelecimentos do Estado, onde caberiam de 250 a 300 condenadas.

O nosso comentário neste número vai se conter apenas no que se refere à transformação das escolas em estabelecimentos penais. A declaração feita aos jornais pela Comissão seguiram-se os primeiros protestos de representantes de Associações Rurais e, felizmente, de apenas um deputado à nossa Assembleia. Vê-se, logo, o desconhecimento do assunto pela forma com que foram feitas essas primeiras críticas. Chegou-se a afirmar que deveria se proceder a um plebiscito das populações interioranas, já se proclamou a insensatez de se fechar escolas para se abrir prisões quando o oposto, fechar prisões para abrir escolas e que seria o certo. Há críticas, finalmente, no que se refere à segurança dessas populações que estariam ameaçadas com a invasão desses delinquentes e com o perigo constante das fugas dos reclusos, uma vez que esses estabelecimentos se caracterizam pela ausência de grades, muros, guardas ou qualquer defesa ostensiva que lembre as prisões clássicas. Necessitam, pois, as nossas populações interioranas, de serem esclarecidas primeiro quanto à absoluta necessidade dessa utilização, de que ninguém se prejudicará, uma vez que há mais escolas agrícolas do que alunos matriculados. Em segundo lugar, quanto ao receto de segurança e possibilidade de fuga, é preciso que se propague o êxito da medida posta em prática em outros países, como, por exemplo, em China, na Califórnia, onde floresce uma nova vida para os detentos, sem se ter acusado sequer um motim, e que, de 1911 a 1945, o índice de evasão foi pouco mais de 4% e, nestes últimos anos, têm sido menos de 2%. Devemos salientar, também, que essa vida de reclusão, suavizada pelo ambiente que favorece melhor saúde física e mental aos delinquentes, não deixa de obrigá-los a um esforço moral muito grande. Presos apenas por um compromisso de honra, gozam de uma vida que se assemelha e se aproxima muito da liberdade plena, o que não parece um paradoxo penal, mas os estimula a se vencerem a si próprios quando então serão conduzidos da liberdade ilusória a liberdade definitiva, merecedores de um tratamento semelhante àquele que dispensamos a qualquer doente familiar que acabou de vencer a fase aguda de uma doença.

Uma das dificuldades maiores do problema é estabelecer o critério de seleção dos delinquentes que deverão ser enviados aos estabelecimentos abertos. O Prof. Noé de Azevedo entende que

(Conclui na 10.a pag.)

FORUM FEMININO



Seção a cargo do Departamento Feminino, sob a responsabilidade de DIVA MARIA SALVATORE

ENTREVISTA DO MÊS

O Brasil na Organização das Nações Unidas

Entrevista do prof. Ernesto de Moraes Leme a Forum Feminino — Os trabalhos avançados em nosso país sobre a energia atômica — A igualdade jurídica das Nações — As mulheres na O. N.

U. — A Ciência e as normas jurídicas.

O professor Ernesto de Moraes Leme, Catedrático de Direito Comercial da Faculdade, ex-Reitor da Universidade de São Paulo e



O Prof. Ernesto de Moraes Leme, quando concedia sua entrevista a Forum Feminino

A mulher perante a justiça

Suprimento de consentimento — Recusa paterna de consentimento para casamento.

Aplicação do art. 188 do Código Civil:

Art. 188 A denegação do consentimento, quando injusta, pode ser suprida pelo juiz, com recurso para a instância superior.

O consentimento paterno para o casamento de menor de 21 anos pode ser suprido quando injustamente negado (Código Civil, art. 188), e a iniciativa para o suprimento pode ser do noivo, agindo em seu próprio nome, mesmo sem autorização da mãe, interessado legítimo que é na sua obtenção. É o ensinamento de Carvalho Santos (Código Civil Brasileiro Interpretado, vol. IV, pgs. 71 a 74).

Mario de Assis, locutor de uma estação de rádio de Maceió, informado com a recusa do pai de sua namorada, Jocy Magalhães, em conceder autorização para a celebração do seu casamento, requereu ao juiz, com base no citado art. 188, o suprimento de consentimento, alegando serem intuídas as alegações paternas porque 1.º — dispunha de recursos econômicos suficientes e capazes de preservarem o bem estar e a segurança de Jocy Magalhães; 2.º — eram infundadas as alegações paternas de que não era rapaz de bons costumes, juntando, na petição, atestados de idoneidade de algumas pessoas residentes na localidade; 3.º — a recusa era mero

(Conclui na 11.a pag.)

que chefiou, recentemente, a delegação brasileira junto à ONU, pelo período de um ano, prestou interessante e importante entrevista a Forum Feminino, procurando mostrar o papel relevante e o prestígio que o Brasil desfruta entre as Nações Unidas. O Brasil foi escolhido para membro da Comissão Consultiva da Conferência de Energia Atômica, que será realizada em Genebra, em agosto próximo, figurando nessa Comissão apenas mais seis países: Estados Unidos, França, Inglaterra, Canadá, Índia e União Soviética. A escolha do nosso país para essa importante conferência, deve-se aos trabalhos que vêm sendo feitos, entre nós, sobre energia atômica, e que o prof. Ernesto Leme ressaltou durante a sua atuação à 9.ª Assembléia Geral.

IGUALDADE JURIDICA DAS NAÇÕES

Perguntamos ao ilustre professor se existia, realmente, a igualdade jurídica das Nações. — Minha resposta a essa indagação se encontra no discurso por mim proferido na Assembléia Geral das Nações Unidas, a 1.º de outubro de 1954. Tive, então, oportunidade de dizer: "um dos princípios fundamentais da Carta se encontra no art. 2.º, n.º 1, que reconhece a "igualdade soberana de todos os seus membros". É o mesmo princípio que foi sustentado pelo sr. Ruy Barbosa, representante do Brasil, na Segunda Conferência da Paz, em 1907. Mas esta igualdade jurídica de todos os membros das Nações Unidas encontra-se em contradição com o art. 27, n.º 3, que possibilita o veto dos Membros Permanentes do Conselho de Segurança, no caso de uma decisão de fundo. É o poder reconhecido a certos Estados, na frase do sr. Basdevant, de impedir, por seu voto contrário, que o Conselho de Segurança tome uma decisão; "é o poder mesmo de impedir sejam tomadas as decisões mais importantes da Organização das Nações Unidas".

A Delegação do Brasil, em São Francisco, conformou-se com a instituição do veto: era mister obter a Carta e, sem o veto, esta não seria possível. Nossa atitude foi bem explicada pelo presidente de nossa Delegação à 5.ª Assembléia Geral: foi depositada toda confiança nas grandes potências, às quais se outorgava este privilégio, na convicção que elas não fariam d'ele um uso abusivo. Nossa experiência dos trabalhos do Conselho deve convencer-nos que ele jamais poderá desempenhar satisfatoriamente suas atribuições, com a possibilidade que têm os Membros Permanentes de anular todos os esforços dos outros membros, no sentido de manter a paz e a segurança. Basta examinar os 60 vetos opostos pela União Soviética às decisões do

Conselho, para demonstrar a necessidade de considerar esta questão com profundo interesse, na revisão da Carta, em 1955. Força iniciar desde logo o nosso trabalho. Se não é possível ainda abolir o veto, é mister, sem dúvida, regulamentá-lo, reservando sua aplicação a casos excepcionais".

O DESARMAMENTO

Abordamos a questão do desarmamento. Respondeu-nos o prof. Ernesto Leme: — Faz oito anos que as Nações Unidas trabalham afim de obter um acordo sobre o desarmamento. A União Soviética tem superioridade em efetivos militares; mas, no terreno das armas nucleares, a superioridade é das Nações Unidas e das demais nações do ocidente. É necessário, em face disso, buscar o equilíbrio, que não é fácil, entre os dois hemisférios, de sorte a que o acordo sobre o desarmamento não venha a ser, em vez da garantia da paz, o incentivador da guerra. A Comissão de Desarmamento e, principalmente, o sub-comitê por ela criado e que ora trabalha em Londres, vencem, a pouco e pouco, as dificuldades existentes, dando-nos a esperança de melhores perspectivas para o futuro.

AS NORMAS JURIDICAS E O VÔO DA CIÊNCIA

O progresso tecnológico abalando as normas jurídicas, não faz com que o direito não esteja em condições de lhe acompanhar a celeridade de evolução?

— O direito não é estático, e sim dinâmico. A medida que a técnica evolui, novos princípios jurídicos são criados, novos institutos surgem, para atender às novas necessidades das relações humanas. Por sua própria natureza, essas normas somente se formulam quando as novas criações da ciência já existem, impondo a modificação dos princípios vigentes ou a formulação de regras originais.

O CÓDIGO PENAL INTERNACIONAL

Desejando saber sobre o trabalho que se realiza na ONU, com referência ao Código Penal Internacional, respondeu o nosso entrevistado: — A Comissão de Direito Internacional, criada em virtude da resolução n.º 174, da 2.ª Assembléia Geral, em 1947, vem se reunindo com frequência, para a formulação das regras necessárias à codificação desse direito. O trabalho é lento, porque difícil. O Brasil está representado nessa Comissão por um exímio jurista e diplomata, o embaixador Gilberto Amado. E os esforços da Comissão estiveram patentes, ainda em 1954, durante os trabalhos da 9.ª Assembléia Geral.

A UNESCO

Quanto ao desenvolvimento econômico, a educação e a cultura? (Conclui na 10.a pag.)

A NOITE

ROBERTO A. BESSA

Noite soturna de funestas faces,
Onde há sombras de dor e de alegria,
O' musa inspiradora, hedionda e fria,
Que traduz versos para quem padece!...

Replote assim, doce companhia,
Quando arqueada em tuas tristes preces
A dor profunda que o teu braço tece
Espalhas sempre com tua voz sombria.

Mas te amo ainda mais, quando bem tarde,
Vem o vento falar-me entre as ramagens
Que o meu amor de mim sente saudades...

E é então, sob os clarões da lua virgem,
Que consigo compor minhas imagens
Para os meus versos cheios de vertigem!...

Está em atividade o Departamento de Apostilas

Alcançou o máximo de organização, que se poderia desejar. Dentre os principais problemas, que sempre atormentaram outras direções, citamos:

Datilografia — Em virtude do fato de possuímos apenas três máquinas, havia sempre atraso no preparo do material a ser impresso. Resolvemos a questão com máquinas próprias, que trabalham em suas respectivas casas.

Taquigrafia — Só estamos empregando taquígrafos da Câmara Municipal e da Assembléia Legislativa, tendo escolhido os melhores dentre eles.

Estoque — Estão ordenadas e catalogadas todas as apostilas — completas ou folhetins esparsos — que se encontram no Departamento. Facilmente localizáveis, podem ser entregues aos interessados num pequeno espaço de tempo, apostilas de dois e três anos anteriores.

Papel — Nunca o Departamento se viu em tão más condições, no que diz respeito ao papel. Dispúnhamos de quota de papel estrangeiro, o chamado "Linha D'água", próprio para o nosso serviço, mas estamos na iminência de perdê-la, em virtude da falta de dólares que atravessa o País. O Presidente do "XI de Agosto" está trabalhando no sentido de conseguir licença para importar papel. Enquanto tal não se concretiza, tomamos drásticas medidas para solucionar o impasse. Por exemplo, passaremos a datilografar as apostilas em espaço simples e, por outro lado, usaremos papel de jornal. E note-se que esse papel é de qualidade muito inferior ao estrangeiro, embora custe quase a mesma coisa.

Preço das apostilas — Era de nosso intuito reduzi-lo, mas o surto crescente de aumentos "patrocinado" pelas nossas "cofaps" e "coaps" impediram-no. Com grande dificuldade estamos conseguindo manter o preço do ano anterior.

Presteza na entrega de apostilas — Usando dos expedientes acima citados, ou seja, trabalhar com datilógrafos fora do Departamento e usar papel inferior — aliás, o único com que podemos contar, pelo menos dentro dos próximos três meses —, cremos poder bater neste ano um verdadeiro recorde, entregando apostilas com grande antecedência. Só não poderemos responder por aquelas cujas aulas são corrigidas pelos professores, pois, como é sabido, não obstante a boa vontade desses poucos cola-

boradores, contam eles com pouco tempo para tal trabalho.

THALATTA!

Depois de atroz e penosas lutas, através de vales e montanhas, vêm os gregos afinal, debulhados nas bárbaras praias, o oceano reverberante, imenso e indômito! Um grito jubiloso irrompe do peito e estoura: Thalatta! Thalatta! O mar! O mar!

O pélogo apresentava-se-lhes como uma conquista! A conquista da Liberdade!

Como é imensa a Liberdade! Pela luta renhida e constante adquirimo-la como uma Justiça e conservamo-la como um Direito. Sabe aos mais deliciosos neactares, que nem a todos é dado provar...

Estes pensamentos ocorrem-me no momento exato e para mim solene, em que adentro à Faculdade de Direito, depois de ter passado um bom pedaço da vida sobre livros, ruminando latim, francês, matemática, etc. Percorro-a sob as tradicionalíssimas Arcadas, espiado por graves vultos de trajetórias belíssimas, amplexado por vetustas paredes, que em seu vitorioso e sazonado silêncio guardam, como estojos, fatos internacionais, emoções do passado, lições do presente dos mais augustos Mestres...

A Faculdade! A Faculdade! Eu a conquistei, por Justiça! Arrojo-me ao Direito, e ora galgo os primeiros degraus do seu Templo sagrado, rumo ao

Evidentemente Augusto se ruborizara com a bronca do chefe da seção. E que fôra apanhado no "mundo da lua", ou melhor, o enfado da manuscricão do Diário da firma houvera sido momentaneamente sustado pela passagem da secretária do chefe. (Diva era menina que, onde passasse, deixava o odor embriagante das suas bem torneadas pernas, dos seus rebolantes quadris, do seu busto "à la Jane Russel" aprisionado pelo negro sueter, dos seus louros cabelos, do seu lindo palminho de róseo rosto, conjunto esse que, a sua passagem, fazia todos os olhos do escritório se transferirem da papelada para si. Tanto as mulheres como os homens, alguns descaradamente, outros de soslaio, não deixavam de observá-la. Se os últimos a desejar, platinicamente uns raros, com pruridos de excitação na carne a maioria, as primeiras também tinham motivo, e podia-se perceber alguns desses olhares femininos o brilho selvagem e amarelo do ódio e da inveja, inveja que se tornava flagrante nos mexericos do W. C. e nos diz-que-diz da hora do café). Augusto, após a fugaz passagem daquela que viera lhe distrair a atenção, esqueceu-se do trabalho, mergulhado como ficou o seu pensamento pelo perfil daquela adorável loirinha que, desde o primeiro dia que a vira,

THALATTA!

JOSE URBANO PRATES

altar da Liberdade completa.

Como é doce e pesado sentir-se acadêmico do Largo de São Francisco. Doce, pela vitória; pesado, pelo sacrossanto dever de continuar-lhe as velhas e gloriosas tradições...

Que me importam os veteranos caçando calouros, esbravejando e pecando contra as normas gramaticais: Pega êle! Esfola êle! Mata êle!

O' mocidade acadêmica, em ti "marulha o sangue virgem do Brasil", emana o caudaloso rio das esperanças, brame o alcandorado mar do Ideal. O' mocidade, és como o sol, nunca envelheces, renova-te a cada dia, na sadia pletera da vida e da alegria. O' mocidade, és um céu estrelado de idéias cintilantes de fé e patriotismo, de luta e amor. O' mocidade acadêmica, que os clarins do dever encontraram sempre de pé e peito aberto para a magnífica glória de penar e morrer pela vitória do pensamento, da democracia, da pátria... eu te saúdo comovido!

O' Arcadas, eis-me sob suas penumbras. Aleitem-me com a seiva viva do Saber, saciem-me com o maná da Justiça, armem-me defensor do Direito, enfim, ordenem-me sacerdote zeloso da Liberdade e dos seus rutilos exemplos, que ficaram na História!

A felicidade num bilhete

ARTUR ALVES DE AMORIM JR.

lhe povoava o espírito e que era-lhe a criadora de muitos agradáveis sonhos. Imaginava Augusto Felipe estar beijando ardentemente aqueles rubros lábios, que tremiam de excitação só enchendo perto dos seus. Não só em chegando perto dos seus. O seu coração pulsava desordenadamente ao supor sentir o calor de seu colo junto ao seu. Ele imaginava tudo isso ao vivo, e nos momentos paroxiais de um fantástico ósculo, êle, debruçado na mesa de trabalho, chegava a cerrar as visitas e a se babar, como espasmo daquelas ilusórias sensações. Muitas vezes nesse momento inoportuno vinha o chefe pô-lo na realidade com um sacudidão. Meneando a cabeça e resmungando as pressas uma desculpa, Augusto Felipe puxava do bolso o lenço amarfanhado, limpava a baba do queixo e a que caíra no livro de trabalho, ao mesmo tempo que enfiava a cabeça entre os livros e afoitamente reenctava a tarefa. Pelos cantos de seus tímidos olhos, plantados na sua face vermelha como um pimentão, êle via as risotas dos colegas, ecos da bronca do chefe, e mais corado ficava. A continuação do serviço se encarregava de trazê-lo à normalidade.

As 18 horas, guardado o material de labuta e batido o ponto Augusto se retirava, juntando-se com alguns colegas, conversando sobre futilidades ou contando piadas. Iam ao bar onde, entre algumas batidas de limão ou coco, discutiam sobre futebol ou cavalos, bisbilhotavam sobre algum colega de serviço que não lhes era caro, muitas vezes intrigando, ou então a respeito de companheiras de trabalho: suas pernas, seus seios, seus dentes, mau hálito, a voz e histórias da vida íntima das mesmas. Em geral o tema era Diva. Todos se acendiam em lampejos de comparações anatómicas sobre a bela secretária. Todos se igualavam na mesma ânsia. Todos a queriam mas ela era irreal demais para eles; nenhum se aventurava a falar-lhe os desejos íntimos e expressos a todos. Alguns mais atrevidos lutavam por privar de um certo contato com a garota, mas o máximo que conseguiam era que cumprissem as ordens do chefe através dela as vezes transmitidas. O máximo alcançado era um "Dona Diva, por favor..." e lá ia um pedido referente às operações da firma. A resposta era sempre um "sim" ou um "não" ou uma evasiva, nada mais. Arquejavam então histórias sobre a intimidade dela com o chefe. Diziam que era desquitada, o que fazia arregalar os olhos dos ingênuos, ou dizia-se que era uma menina distinta, etc. Ninguém sabia ao certo a verdade.

Augusto Felipe era pobre, e como todo comerciário se lamentava da sorte, mas gostava de comentar as marcas e os preços dos carros. A passagem do chefe num cadilac fazia suspirar a sua imaginação e muitas vezes via-se num ao lado da loira secretária. Esse e a posse da firma eram seus supremos sonhos. Gostava de contabilidade e o seu prazer máximo seria possuir um organizado e grande estabelecimento contábil co-

mo aquêle. — Sonhando em vida pois os sonhos são sempre momentos de felicidade. Se não se encontra na realidade, apela-se para a imaginação que a sensação é a mesma. Quem sabe, até melhor.

Já que a sorte não o favorecia, gostava de jogar no azar. Houvesse dinheiro e o hipódromo o deglutia. De vez em quando o que parecia ser um bafejo da sorte vinha afagar os bolsos de Augusto.

— "Eu não vos disse? — bravateava-se no dia seguinte no escritório. — "Aquêles cavalinho tinha que ganhar. Era na certa. Quem acompanha as corridas como eu não pode errar".

Vesperas de São João. Augusto estava radiante. Houvera um estouro de um pangaré em Cidade Jardim e êle abiscotara sete mil e poucos cruzeiros. "Papagaio! Grana é mato no bolso do Gusto" — dizia a turma do escritório.

O cavalo pagara 1.492 e êsse número não saía da cabeça dele. 1.492 era o seu número de sorte. Todos os seus colegas já o conheciam de cor, tal a expansividade de Augusto sobre o assunto.

Fim do dia de trabalho, Gusto, como era alcunhado pelos colegas, e os outros, como de costume foram tomar água que passarinho não bebe.

— "Vinte milhões. Faltam dois dias para São João. Faltam só dois dias. Vai dar a vaca. 37.492. 37.492. Compreem êste bilhete. Vinte milhes" aclamava um vendedor.

Alguém chamou a atenção de Augusto sobre o final 492, tendo êle se limitado a sorrir.

Após o jantar na pensão a advertência do colega lhe voltou à cabeça: 492. Riu-se. Mas o número da sorte tinha um na frente: 1.492, e não era vaca, mas sim cavalo, e a data do descobrimento da América.

— "Ah! Com êsse número eu hei de descobrir a minha América, 492. É só questão de um. Um não faz quase diferença" — monologava Augusto.

Foi dormir e sonhou com o número 492. Fôra um sonho gozado. Êle numa caravela, sozinho, e o número 492 por todos os lados.

Levantou-se e falando num tal de "Froide" disse à dona da pensão que 492 era o seu número. Vestiu-se as pressas e foi procurar o vendedor de bilhetes. Aquela manhã êle não trabalhou. Queria encontrar o seu homem da sorte mas não o achava. Já estava aflito e sem almoçar quando, desesperanços, encaminhando-se para o período da tarde de trabalho, anteparou com uma casa lotérica. Procurou nela o 492 mas só lhe mostrara um com a dezena final. Era o 04.192 era um invertido da poule do cavalo. "Êsse é que é o meu número" — pensou com alegria. Fez meia volta e se apressou a desembolsar três mil cruzeiros pela tira de papel. Pô-la na carteira, bem dobradinha, com todo o cuidado, e saiu rumo ao escritório, julgando-se superior aquela gentinha da rua.

— "Afinal de contas, quem é que paga trinta pernas por um bilhete? Só um banqueiro" — monologava, e ao mesmo tempo se julgava, se não já, pelo menos um futuro banqueiro, e era necessário ir aparentando.

Entrou no escritório, peito levantado, olhar arrogante, sem ninguém cumprimentar. Sentou-se e fez o trabalho com gosto. Paradoxal. Mas o fez porque estava intimamente contente consigo mesmo e o trabalho era o efeito.

Dadas as seis horas da tarde, terminada a faina diária, liberta a mente de Augusto das somas contábeis, outros números vieram a saltitar na sua cabeça. Eram cifras, dinheiro que seria gasto por êle na compra de tudo aquilo que apenas possuía em sonhos, principalmente automóveis últimos tipos e loiras. Marilyn Monroes em pencias beijando-o, afagando-o, porém, só uma fazendo bater descompassadamente o seu co-

ração: Diva; e ela a seu lado, rainha das demais.

A excitação do espírito de Augusto continuou na cama até alta madrugada quando, sempre sonhando, vieram-no envolver os braços de Morfeu. Contudo teve uma visão diferente. Ê-lo milionário! Patrocinador de grandes farras e bacanais. Todos se curvavam ante êle: seus colegas, suas colegas, o chefe e até o chefeão. Era o dono da firma. Diva sentada em seu colo. Que extraordinária sensação! O corpo dela irradiava um calor que se propagava por todo o seu ser. Agarrou-a com força e aqueles rubros e lustrosos lábios se lhe ofereceram como duas virginais pétalas. Puxou-a para si e beijou-a sôfrega e vorazmente, mas... em vez daqueles doce mel que o deleitasse, abraçando as carnes de seu ser, sentiu uns lábios gosmentos e frios, gélidos e inertes como o de um cadaver! Augusto Felipe afastou de si pouco a pouco a secretária, contraindo-se-lhe a face num ricto de nojo e surpresa. Sentiu de repente um lampejo de ódio naqueles dois olhos azuis que o fitavam. Súbito, aquela fada de seus sonhos desatou em estortórias gargalhadas. Apontando para êle dedo e braço em riste, aquêles divino rosto feminino, transfigurado pela histórica casquinada de desprezo, afiurou-se-lhe horrenda, sórdida e medonha medusa. Aquêles imprevisito transformara-o, envergonnara-o, e, recuando, aproximou-se da sala do escritório. Virando-se para si estertorando-se em gargalos os seus empregados, todos os seus ex-colegas, apontando para sã, estertorando-se em gargalhadas! Tomando-se de pânico, Augusto lançou-se correndo pelas escadas. De repente sumiram-se-lhes aos pés os degraus e ei-lo mergulhando no vácuo com um grito lancinante de terror.

Todo encolhido a um canto do quarto, junto a sua cama, os olhos arregalados numa expressão de pavor, os dedos enfiados entre os dentes, assim foi despertado e acordado Gusto por seus dois companheiros de quarto, quasi tão assustados quanto êle por seus gritos angustiosos. Um copo de água acalmou-o, e como explicação do ocorrido dissera que fôra um pesadelo. Todavia a lembrança do mesmo não mais lhe permitiu pregar as vistas.

De manhã, derrotado pela falta de sono e sobresaltado ainda pelo sonho que lhe parecia uma flagrante realidade, rumando para o escritório, Augusto Felipe maldizia-se por ter desperdiçado o seu dinheiro naquêles maldito bilhete que julgava perdido e que o fizera perder em sonhos de negros resultados. O que êle mais desejava já se desfizera naquela noite. O reflexo disso êle sentia em seu corpo alquebrado, a sua cabeça pesada e dolorida, e êle desesperançado da vida.

Sentou-se à cadeira de serviço, mergulhando-se na papelada, a espera de que lhe fosse o trabalho um lenitivo para a mente conturbada. Dessa posição foi afastado por uma leve pressão em seu ombro. Levantando a cabeça deu com Diva sorrindo para êle e estendendo-lhe um envelope. Era um convite para o casamento dela. Riu-se Augusto Felipe. Afinal, essa era uma interpretação real de parte de sua visão.

Dias mais tarde viria êle a ter o esclarecimento do sentido do resto de seu sonho. Êle e todos os seus colegas foram despedidos simplesmente porque falira a firma. O chefe fôra a bancarrota porque desejara ser multimilionário. Não se contentando com o estado presente, querendo ombrear-se o mesmo suplantando os Matarazzos, ariscara na Bolsa tudo o que possuía e... perdera.

Já fazia dois meses que adormecia na gaveta o maldadado bilhete de São João, quando, remexendo-a, Augusto o reencontrou. Consultando a lista de prêmios destacou surpresa e sorridente diante de um número: 04.192.

— "Viva! Que farrão não vou fazer! Devolução de dinheiro! Trinta pernas! Fiu-fiu!"

Augusto Felipe foi para a pensão mais contente que um descompassadamente o seu co-



Vinhos e Champagne

UNICO

UMA TRADIÇÃO DE SABOR, PUREZA E
ALTA QUALIDADE, HÁ QUASI MEIO SÉCULO.

Carta aberta aos estudantes da Faculdade de Direito de S. Paulo

Meus jovens patriotas:

Em 9 de outubro de 1915, Olavo Bilac deu, na vossa histórica Faculdade, uma das maiores aulas de civismo até hoje recolhidas em seu egregio recinto. Na época depois de pedir que vós, estudantes de direito, assumissem a qualidade de pioneiros do ideal brasileiro, iniciando reação no quadro tétrico de uma desgraça de caráter e morte moral, disse: «... e já que os vossos, incapazes ou indiferentes, deixam o Brasil devastado sem guerra e caduco antes da vitória — venham ao campo os célebros em que o ardor sagrado contrabalance a experiência e em que o ímpeto da fé supra a imaturidade dos anos!»

Voltado para o destumbramento perturbador que a grandeza de São Paulo poderia causar ao vosso espírito, advertiu: «São Paulo não é todo o Brasil; e a verdadeira grandeza de um país não é sua riqueza». Insistindo nessa ordem de idéias, depois de mostrar-se despreocupado com sofrimentos e encargos materiais, continuou: «Ainda na muita ventura e dignidade nas casas em que não há muito pão; mas nada há, quando não há amor e orgulho».

Homem de gênio e de coração, receava a falta desse amor que tece a solidariedade entre as criaturas assim como a dedicação a terra comum; desse amor que explica a resignação assim como «alta o homem à prática das ações mais heróicas»; desse amor que, ao mesmo tempo, é bondade, dedicação, energia, capacidade, perseverança e glória. Também o orgulho que ela reclamava, só poderia ser o complemento do amor, a ufania legítima, a dignidade bem entendida, estensível ao domínio social com toque de virtude e saúdo de honra. E, logo depois, acrescentou: «O que me amedronta é a mingua de ideal que nos abate. Sem ideal, não há nobreza de alma; sem nobreza de alma, não há desinteresse; sem desinteresse não há coesão; sem coesão não há pátria».

Preocupado com o espetáculo então oferecido pelas classes cultas, ele pediu a vossa atenção para «a indiferença como lei moral» e condenou a arrivismo, hediondo estrangeirismo com que se exprime uma enfermidade ainda mais hedionda para continuar acusando: «cada um quer gozar e viver sozinho, e crescer, prosperar, brilhar, enriquecer depressa, seja como for, através de todas as trações, por cima de todos os escrúpulos. Assim a comunhão destaxa-se e transforma-se em acampamento bárbaro e mercenário, governado pelo conflito das cobijas individuais. E os políticos profissionais, pastores egoístas do rebanho tresmalhado, nada fazem para impedir a dispersão; e, quando não se locupletam, imitando a gula comum, apenas se contentam com a passiva e ridícula vaidade do mando fictício...»

Já era assim em 1915! Hoje, com as ricas molduras da iniciativa particular, muitas vezes perturbada e até combatida, o quadro apresenta riscos maiores, mais conquistas a defender, problemas econômicos e sociais de maior gravidade. Pensando em atendê-los, o iluminado poeta lamentava: «O Brasil não padece apenas da falta de dinheiro; padece e sofre da falta de crença e de esperança».

Para despertar e desenvolver essa crença, para revelar e multiplicar as esperanças que o Brasil, por todas formas, sugere e oferece, procuro aproximar-me dos vossos corações, rememorando os sonhos patrióticos de Bilac, a grandeza do seu civismo e as esperanças que ele, em vós, depositou.

Só com o auxílio das memoráveis palavras com que ele conquistou a vossa confiança, eu poderia concluir-vos para um novo exame dos tempos que estamos vivendo, dos fatos a que estamos assistindo, dos dias que nos esperam e da reação calma, inteligente e perseverante com que poderéis reduzir ou mesmo evitar, encargos já destinados à vossa geração. E' o conselho do poeta indígena que me arrasta até a ousadia de cuidar problemas vossos e, no

interesse deles, vos apresentar, não um conselho, mas uma suplica; não um juízo crítico, mas a simples recordação da memorável campanha iniciada em 1915; não a concatenação desanimadora de uma série de erros, que vicejaram como erva daninha e aí estão ameaçando as vossas caras, mas a transformação possível das vossas inquietações de moços, em idéias práticas, mais ativas e mais dignas do vosso altruísmo — uma nova campanha cívico-educativa — para ampliar as bases da nossa democracia, reergue-la em força e autoridade moral, fazê-la uígnia das reações naturais e das grandiosas promessas deste belo e vasto País.

Tomai sob vossa inspiração, sob vossa iniciativa, sob vossa proteção, sob o poder ilimitado e inexcedível do vosso entusiasmo, o ensino, em todo o Brasil, dos — Deveres e Direitos dos Cidadãos. Sede professores e formais professores para esta campanha benemérita, «mas não esqueçais que do ensino devem ser dignos os professores» e que todos nós devemos melhorar, «antes de melhorar o povo» porque, em matéria de civismo, nada suplantarão o exemplo.

Bilac falando aos Universitários do Paraná, aconselhou: «Não vos orgulheis do fulgor da vossa inteligência; mas contentai-vos da satisfação inteira que vos der o cumprimento do dever. A virtude é mais natural e mais bela do que o talento. A bondade é mais espontânea e mais fecunda do que a sabedoria. Nem todos os homens são capazes de ter gênio; mas todos os homens são capazes de ter honra e misericórdia».

Se reativardes essas virtudes, teréis melhorado os vossos patriotas, dareis a eles um sentido moral diferente e promissor, criareis com eles a mística da eficiência no trabalho, da plena capacidade para a junção e da adequada intervenção nos problemas nacionais, por boa e honesta delegação.

Os frutos desta campanha poderão ser colhidos em melhor proporção e menor tempo des que os da semeadura de 1915. Nesta Bilac vos falou de trabalho organizado e temo-lo hoje, incompleto é verdade, mas evoluindo e se aperfeiçoando sob o signobendito da fraternidade. Bilac pediu vosso concurso para a realização do Serviço Militar e ele tem hoje mais de trinta anos de prática regular. Seus efeitos na incorporação do proletariado à sociedade, no estímulo à educação profissional, no melhoramento da consciência cívica do povo, na valorização do brasileiro, na modificação dos costumes rurais — são inegáveis e benéficos. Bilac também vos falou sobre o onus das dívidas que oprimiriam o futuro, e a reação não tardou. Depois de 1930, fez-se um esquema para sairmos da progressão dos empréstimos e retomarmos, quanto possível as responsabilidades empenhadas. Nesse mister não houve continuidade de esforços, mas o problema foi lançado e espera a ação do vosso amor e do vosso orgulho.

Com o esclarecimento, ensino e prática dos «deveres e direitos dos cidadãos» novos valores vão surgir nos campos moral, econômico e político. Sem discriminar problemas ireis melhorar os homens netes envolvidos; aumentando o senso das suas responsabilidades e exaltando suas virtudes, eles adquirirão confiança em si mesmo e criarão a autoridade capaz.

Com o esclarecimento, ensino e prática dos «deveres e direitos dos cidadãos» novos valores vão surgir nos campos moral, econômico e político. Sem discriminar problemas ireis melhorar os homens netes envolvidos; aumentando o senso das suas responsabilidades e exaltando suas virtudes, eles adquirirão confiança em si mesmo e criarão a autoridade capaz.

Com o esclarecimento, ensino e prática dos «deveres e direitos dos cidadãos» novos valores vão surgir nos campos moral, econômico e político. Sem discriminar problemas ireis melhorar os homens netes envolvidos; aumentando o senso das suas responsabilidades e exaltando suas virtudes, eles adquirirão confiança em si mesmo e criarão a autoridade capaz.

Com a vossa fé, com o nobre sentido do desinteresse, com a convicção e firmeza adequadas à posse de uma das maiores e melhores nações do mundo, exercereis o mais elevado dos sacerdotios humanos, praticareis o melhor regime político, criareis no povo a consciência da sua responsabilidade e, porque

não dizer francamente, restaurareis o orgulho nacional!

Os direitos dos cidadãos, atem de mais explícitos que os deveres na Constituição vigente, contam com ampla jurisprudência e tem assidua fiscalização. Devem, entretanto, ser igualmente esclarecidos, ensinados e praticados, para forçar o leal reconhecimento pelas autoridades e, mais do que isso, fortalecer a liberdade dos cidadãos.

Como frutos da vossa campanha, o trabalho passará a ser dominado pela vontade, pela inteligência, pela compreensão do interesse comum. O estudo deixará de ser a conquista de uma franquia ou diploma, porque o diploma passará a ser um acréscimo de responsabilidade, uma prova de dever potencial, o direito a uma atuação maior para o progresso nacional. A segurança adquirirá maior expressão, será dever de todas as classes, resultante de todos os interesses, parte inalienável de todos os deveres e restritiva de todos os direitos. A política terá que reformar seus hábitos e corresponder a aspiração popular. O voto secreto alcançará todas as vantagens que o ditaram e implantará o domínio incontrastável do interesse público. A representação, com novo sentido, acabará de extinguir o mandonismo político. HAVERA IDEAL, NOBREZA DE ALMA, DESINTERESSE, COESÃO E PATRIA.

Acaso achareis exagerada essa tarefa de tão elevadas e profundas consequências? Meditai sobre ela e encontrareis o início triunfal da vossa vida pública com a decisiva contribuição para suavizar o contraste chocante entre o brasileiro e a terra maravilhosa em que ele nasceu, terra que é dele, que o acolhe e defende cada vez mais e melhor mas, sobre cuja posse, ele ainda parece ter dúvidas, dados os seus temores, os seus recalques e a indecisão que mostra diante dos grandes e graves problemas nacionais.

A campanha partirá da vossa Faculdade para as outras Faculdades de Direito do Brasil. Neias será preparado o material básico, o catecismo indispensável ao ensino. Das Faculdades de Direito passará

RESPOSTA ENVIADA PELO PRESIDENTE DO CENTRO ACADÊMICO "XI DE AGOSTO" AO GENERAL PANTALEÃO DA SILVA PESSOA

«Arcadas, 18 de abril de 1955.

Excelentíssimo Senhor

O Centro Acadêmico «XI DE AGOSTO» vem, pela presente, externar a V. Excia. o seu profundo reconhecimento pelas enobrecedoras palavras contidas na carta dirigida aos acadêmicos da Faculdade de Direito de São Paulo.

Documento dos mais expressivos, não só pelos conceitos que perfila como também pela autoridade e sinceridade de quem os emitiu, temos a certeza, tocou a todos os moços de nossa Faculdade, que o terão como um poderoso estímulo para lutas futuras.

Não veja V. Excia. neste nosso agradecimento apenas um formal dever de cortezia, mas um testemunho de que o angustiante apelo em prol de uma campanha de soerguimento cívico partida dos moços não será olvidado.

Têm os moços do Largo São Francisco suficiente consciência de suas responsabilidades perante a nação e as tradições de luta

a todas as Escolas Superiores da República e a todas as associações culturais. Esta fase dará proporções convenientes ao corpo dos instrutores, aqueles que deverão penetrar em todas as organizações do País e preparar a atuação direta sobre o povo. Convém lembrar que, em todas as fases, o concurso da imprensa, sob todas as suas modernas feições, terá imenso, incalculável valor.

Aí está, meus jovens patriotas, um humilde apelo ao qual reuni o esboço da caminhada, talvez árdua mas seguramente promissora, fartamente compensadora. Nela vos deveis empenhar convencidos de estar realizando sonhos e esperanças de Olavo Bilac!

É ainda dele, ouvi este chamado: «Vinde conosco moços que amais a vida! Vinde e preparai a grandeza e a dignidade da vida futura do Brasil».

Pantaleão da Silva Pessoa. Publicado no «Estado de São Paulo» em 8 de Abril de 1955.

daqueles que os antecederam, para reconhecerem a necessidade de atitudes e pronunciamentos que mobilizem o povo de nossa terra para melhores dias.

Muito cedo V. Excia. veu a nossos propósitos objetivos em manifestações cívicas as quais lhe levarão a certeza de que suas palavras não caíram em terreno árido.

No ensejo, apresentamos a V. Excia. os protestos de elevada estima e apreço e subscrevemo-nos,

Luiz Carlos Pereira Barretto
Presidente

Curiosidades

Em 1919, a Comissão de Redação do Centro Acadêmico XI de Agosto contava com dois atuais Professores desta Faculdade. Estava assim constituída:

ANTONIO CARLOS ABREU SODRE
NOE AZEVEDO
LUIZ SILVEIRA MELLO
ARTHUR CAMARGO CARNEIRO
JOSE SOARES DE MELLO.

Desde a infância adquirimos um hábito salutar: escovar os dentes pelo menos 2 vezes ao dia. Com que objetivo? Evidentemente o de evitar a cárie. Pois, com este mesmo objetivo, devemos desde logo adotar um novo hábito: tomar diariamente um comprimido de Anti-Cárie Xavier — à base de cálcio e flúor. Seu dentista, que acompanha por certo as conquistas da ciência, lhe dirá dos notáveis estudos e observações que consagraram o flúor como a mais poderosa arma da luta contra a terrível cárie. Não se esqueça pois: acrescente ao hábito salutar de escovar os dentes 2 vezes ao dia o de tomar diariamente 1 comprimido de Anti-Cárie Xavier. Sua luta contra a cárie se completará e ganhará nova e maior eficiência.

Contra a reforma proposta

Sr. Redator do XI de Agosto,

Havendo este órgão aberto a polémica sobre a representação de classes, idéia apresentada pelo nosso colega Lawro Bueno de Azevedo, merecedor, antes de tudo, dos nossos mais sinceros encômios — haja visto o bom propósito de solucionar um dos problemas mais angustiosos das Assembleias que é o das arruaças e tumultos adrede provocados, gostaria que se me fosse dada oportunidade para tecer comentários tangentes a questão.

Parece-me não ser a representação de classe — solução ideal, viável e adequada devido aos argumentos que, perenes e inflexíveis, lidem com a concepção em apreço.

Senão vejamos:

1) Qualquer conhecedor, ainda que não profundo, da política da nossa faculdade sabe que os partidos existentes já têm o máximo de seus esforços para conquistar as representações, a fim de poder dirigir o Centro; reduzindo-se, então, a representação de partidos e não de classes devido ao domínio exercido por eles.

2) Elementos capazes que, todavia, não gozassem de popularidade entre os seus companheiros não seriam eleitos, ficando, portanto, o Centro desprovido da inteligência e da orientação deles.

3) Haveria o perigo de o grupo comunista desenvolver-se bastante, pois, embora, nodiarnamento seja minoritário constituiu-se como é notório de uma minoria organizada, disciplinada e fiel que obteria muitos lugares devido à dispersão dos votos dos democratas desta casa.

4) Tirar-se-ia o caráter profundamente liberal e democrático que possui este Centro de todos os seus associados poderem

expor livremente as suas opiniões ao plenário.

5) Obedeceriam os alunos às decisões dos seus representantes quando, em assuntos de magna importância, eles, por imposições político-partidárias, — ou arrastados por interesses subalternos, contrariassem o espírito e a consciência dos Associados?

Não, sinceramente, não. Levantar-se-iam conflitos e lutas e impor-se-iam os ditames de consciência.

Se, porventura, em agosto do ano findo, quando a Faculdade toda se levantou contra as violências e desmandos praticados, houvesse uma representação de classes que, por motivos políticos ou de temor, julgasse devêsemos permanecer indiferentes à questão, acataríamos essa decisão? É óbvio que a resposta é negativa.

Creio que se solucionaria, em grande parte, o problema, se o Presidente da Mesa, por ocasião da Assembleia, tivesse poderes de obrigar a retirar-se quem a tumultasse deliberadamente, e, se não quisesse sair, seria expulso do Centro Acadêmico por insubordinação.

Considerar-se-iam tumultos e arruaças não os aplausos e vaias à opinião de determinado orador, pois este é um direito do plenário, não os apartes solicitados e dados com consentimentos, todavia as manifestações de prejudicar o bom andamento dos trabalhos, as violências, e os jogarem-se bombas, tão bem conhecidas por nós.

Ninguém veja, nessas breves considerações, propósitos escondidos e indignos senão vontade de ajudar e tentativa de solucionar o complexo problema.

Agradecemos a atenção dispensada a esta,

ROBERTO MAIA

PEDRO ERNESTO BOARIN
SIDNEY GIOIELLI
ADVOGADOS
Escritório: RUA DO COMERCIO, 22 — 1.º and. — s/ 3 e 4
Telefone: 32-1843 — São Paulo

FORUM FEMININO

"O ESTRANGEIRO" REFORMA...

YONY BLUNDI

Lúcia continuava em pé diante da janela! Seu corpo hirtó, os olhos secos, perdidos olhavam a rua e não viam nada! Estava estática! Não percebia o que se passava em roda dela. Mesmo o barulhão do carregador fizera arrastando o último móvel não conseguira despertá-la. Agora, no quarto vazio, só restavam dois jornais amarrotados no chão. As letras grandes e pretas dos cabeçalhos pareciam fugir dali e dançavam na frente dela. Lúcia parecia indiferente a tudo; entretanto a escuridão do céu ameaçando tempestade oprimia mais seu coração. De repente as gotas grossas da chuva bateram fortemente na vidraça e o aguacete caiu pesado. Ela estremeceu! A chuva transportou-a ao passado bem próximo. "Era noite e chovia assim, lembro-me tão bem, pensava ela. Ia sózinha pela rua deserta coberta de enxurrada; segurava com força meu pequeno guarda-chuva, que mal abrigava meu rosto; tinha os pés encharcados, o vestido colado ao corpo, pondo à mostra todas minhas formas. Sentia-me completamente despida. O vento que zunia rente a mim era o único transeunte que me fazia companhia. Quando passei a esquina uma rajada mais forte virou a sombrinha no avesso e lá fiquei eu, com água pelos tornozelos, olhando aparvalhada as varetas que apontavam o céu borrasco. O holofote de um carro pôs em evidência minha nudez e meu ridículo. Escondi depressa o guarda-chuva e andei rapidamente. Senti-me envergonhada. E muito mais, quando o carro aproximou-se e uma voz quente, macia, com leve sotaque estrangeiro gritou: — Olá beleza, quer carona?"

Fiquei irritada e andei mais depressa. Eu sabia que não era feia; quando passava pelas ruas sempre notara nos homens, olhar de admiração e cobiça e nas mulheres, certo ar e despeito, ciúme e inveja. Mas assim!... com os cabelos escorridos, a roupa colada ao corpo, como podia dizer-me uma coisa dessas? Fui andando sem dar ouvidos à cantilena que continuava. Quando dei por mim, havia chegado. O automóvel também parou e o rapaz chamou-me de novo. Entrei correndo e bati a porta. Minha cabeça estalava! Sequei-me com força, jantei e meti-me na cama.

Na manhã seguinte o sol radioso deixou-me alegre. Atirei um beijo a minha mãe e cantarolando saí para o trabalho, sem lembrar-me do incidente da véspera. Ao virar a esquina o "cadillac verde" reavivou minha memória: junto dele estava um moço alto, moreno, desses tipos que aparecem nas fitas. Passei dura, empertigada, porém, desta vez, o rapaz não se deu por vencido. Correu atrás de mim e segurou-me pelo braço com força.

— Não seja atrevido, gritei!
— Desculpe senhorita; não quis ofendê-la. Quero somente um minuto de atenção.
— O que deseja — respondi grosseira e atrevida, olhando de frente aquele rosto moreno de traços finos.
— Admirá-la!!!
— Deixe-me idiota. Não aborreço; tenho horário.
— Posso levá-la. Aonde trabalha?

— Não tenho que lhe dar satisfações sobre minha vida. Passe bem.

— Não, não pense que é desta maneira que vai me deixar. Diga quando falará comigo.

— Largue-me, senão eu grito!
— Grite quanto quiser!!! Quando irei vê-la D. Malcriada?

— Hoje à tarde, respondi num gemido.

Ele virou as costas sem dizer mais nada. Eu tomei o ônibus 64 com a cabeça cheia de idéias confusas e a impressão de seus dedos fortes no meu braço. Quando entrei na loja parecia assustada. As colegas aglomeradas em frente ao espelho, não repararam em mim. Logo as portas se abriram e a freguezia entrou, apinhando-se junto às blusas, vestidos, enfim tudo o que havia de bonito na casa. Trabalhei o dia todo distraída, conjecturando: não devia encontrar-me com ele, era bonito, insinuante, todavia rico demais para mim. Minha mãe sempre dizia: — cuidado com esses ricaços que têm carro! Nunca têm boas intenções.

Mas a maneira dele rude, agressiva encantou-me. Não resisti à



«... uma rajada mais forte virou a sombrinha no avesso...»

tentação; fui ao primeiro, ao segundo e a outros encontros.

Já havia um mês que nos conhecíamos quando me disse a queima roupa: — Traga-me sua certidão para tratar dos papéis, porque casar-nos-emos dentro de 15 dias.

— Você está louco. Não tenho dinheiro. E o enxoval?

— Amanhã você receberá o que precisa.

— E sua família, não se opõe? Não tenho sua educação.

O Estrangeiro, como eu o chamava, nunca falara dele mesmo. Agora explicou: — Estou só, Lúcia; minha família morreu na Revolução Espanhola e eu saí de lá já faz 10 anos. O casamento será íntimo, na casa que aluguei. Levarei o juiz, uns amigos e o padre que é também espanhol e meu amigo.

Entregou-me uma caixa e dentro dela, no meio de lindas rosas, estava uma aliança de brilhantes. Meus olhos marejaram-se de lágrimas, ao mesmo tempo que o sorriso aflorou em meus lábios. Cheguei junto dele e passei a mão pelo rosto bem escanhado. O Estrangeiro apertou-me nos seus braços fortes e beijou-me com ternura. Aconcheguei-me mais e mais àquêle homem, que para mim representava o amor, a vida e tudo que até ali eu desconhecia. Sentindo o calor de seu corpo, convenci-me de que não sonhava, mas vivia.

Na manhã seguinte chegou o mensageiro, num carro com pilhas

de caixas. Comecei pela menor. As roupas finas, que eu vendia, agora eram minhas. Eu parecia uma borboleta inquieta que voadora em flor. Num instante, tudo estava esparramado e aberto. Era incrível que um homem tivesse tanto gosto e conhecesse tão bem as cousas!!! Vestidos, roupas brancas, sapatos, bolsas, enfim o necessário e o supérfluo!

Numa quarta-feira, às 6 horas da tarde, num lindo palacete, todo iluminado, a Lúcia, que fora caixeirinha, desceu a escadaria do salão, o grande espelho refletiu minha imagem e eu não me reconheci dentro do vestido suntuoso; com o adereço de brilhantes, presente do Estrangeiro, parecia mais a Borradeira no seu baile.

Poucos convidados assistiram à cerimônia tão simples. Começou, então, nova vida para nós. O avião, tapete mágico do Século XX, levou-nos a outros Estados; percorremos estações de águas, praias, nadamos, velejamos, dançamos, e o tempo era tão pouco para tanta cousa. Seu amor atordoava-me! Amava-o cada dia mais! Sentia seus lábios a procura dos meus sempre prontos a retribuir sua ternura. Meus olhos brilhavam mais e a felicidade era minha!!! Tinha tudo!

O Estrangeiro deixava-me dormir até tarde e quando serviam-me o café, um botão de rosas trazia-me seu bom dia. Era madrugador e aproveitava as manhãs para seus negócios.

Todas as quartas-feiras dia de nosso casamento, eu ganhava uma joia. O cofre escondido atrás de um quadro estava cheio de cousas lindas. Esmeraldas, pérolas, brilhantes, adereços antigos que haviam pertencido a sua mãe.

Saiamos todas as noites; teatros, boites e longos passeios à beira mar, ao clarão da lua. Bem junto dele, pedia que corresse muito, para sentir a brisa fresca no meu rosto.

Um dia o Estrangeiro precisou viajar. Ia a São Paulo a negócios. Voltaria logo, portanto, não me levaria. Os sinais da maternidade apareciam. Sentia-me fatigada, enjoada. Seus cuidados eram tantos, que achei natural que eu tucasse. Sentiria falta de seu amor envolvente e inesquecível.

Na manhã seguinte à partida, acordei-me com reboliço vulgar pela casa e lá fora os jornaleros apregoavam algo de sensacional. A arrumadeira bateu à porta. Espantada olhei o relógio; 8 horas ainda. O que queria ela?

— D. Lúcia olhe!

Dois jornais abertos estavam diante de mim. As letras negras e as fotografias feriram-me os olhos.

"GRANDE QUADRILHA INTERNACIONAL ASSALTOU IMPORTANTE CASA DE JOIAS EM SÃO PAULO. OS LADRÕES SÓ AGORA IDENTIFICADOS PASSARAM A FRONTEIRA ARGENTINA".

Ali estavam eles. Eu os reconhecia perfeitamente.

O Chefão, meu marido, e junto dele o juiz, o sacerdote que haviam celebrado nosso casamento, as testemunhas e alguns convidados. Não era possível! Mentira!!! Esfreguei os olhos! Eu sonhava com certeza e tivera um pesadelo. Apanhei o jornal e o contacto áspero do papel, convenceu-me da realidade. A arrumadeira saíra

(Conclusão da 7.a pag)

carando a criminalidade no Brasil, a "grosso modo", seria conveniente mandar para o campo os autores de crimes de sangue e contra os bons costumes, e para os estabelecimentos industriais os autores de delitos contra a propriedade. Parece-nos, porém, que adotando-se tal critério, não se respeitando a capacidade profissional dos delinquentes, sofreriam os mesmos outro desajuste social, o que seria um erro, no nosso entender. Respeitando-se o pendur agrícola ou industrial do recluso, a reeducação e reintegração social, que a moderna penologia visa, seriam grandemente facilitadas. Por outro lado, a seleção por crimes de sangue, reunindo-se um grupo homogêneo de criminosos, não se estaria facilitando a especialização de conversas sobre as formas pessoais de execução do crime?

O importante, porém, é que a medida vai ser posta em prática em São Paulo, o que será um decisivo passo para a recuperação efetiva dos criminosos.

Que os detentos sejam enviados aos estabelecimentos abertos o mais rapidamente possível, aqueles que os órgãos especializados entenderem dignos de manter o compromisso de honra, afim de que encontrem, na poesia e no misticismo da terra, o poder de regeneração que dela parece emergir.

O BRASIL NA O.N.U...

(Conclusão da 7.a pag)

— As várias comissões da O.N.U., consagradas a assuntos econômicos, realizam estudo acurado desses problemas e prestam não só auxílio financeiro, como assistência técnica aos países que delas necessitam. Quanto à educação e à cultura, essa é a grande obra da UNESCO, onde temos como nosso representante o dr. Paulo Carneiro.

AS MULHERES E A ONU

Finalizando sua entrevista o prof. Ernesto Leme respondeu a nossa indagação sobre o papel das mulheres na ONU: — Muitas delegações possuem, entre os seus componentes, elementos do sexo feminino. A chefe da delegação da Tchecoslováquia, na 9.a Assembleia Geral, coube a uma mulher; e a presidente da 8.a Assembleia Geral foi a sra. Pandit Nehru, delegada da Índia. São geralmente mulheres as que compõem a comissão encarregada de realizar o Estatuto da mulher.

do quarto. Corri para a sala onde estava o cofre. Vazio...

Eu vivera uma farsa, que principiara com o casamento. Nera mesmo casada estava e ia ter um filho.

Nesta mesma manhã apareceram os credores e levaram tudo. Com o último móvel foram minhas ilusões, meus sonhos e até minha recordação, minha saudade. Nem estas poderiam ficar comigo. Não devia lembrar-me de um ladrão.

Eu sentia uma dor aguda dentro de mim. Meu coração sangrava!!! Era necessário que transbordasse, senão eu sufocaria! Como lá fora as nuvens transformaram-se em chuva, dentro de mim a mágoa transformou-se em lágrimas que brotaram abundantemente de meus olhos, tentando apagar essa visão triste de minha vida...

CARTAS DO SÉCULO XX

Paula

O assunto desta carta é muito sério, como v. verá. Trata-se de minha opinião pessoal sobre a Revolução Paulista de 32, a quem de voto um amor muito intenso por entenda-la marcante da vida nacional, mas vista através da peça «Santa Marta Fabril S. A.» que, quer queiram ou não o seu autor e simpatizantes, dela cogita de uma forma que não transmite a sublimidade e a grandeza do feito dos paulistas. Como já disse, o assunto é sério e é também belo. Paulistas e não paulistas dele se tem ocupado neste vinte e tantos anos, com coloridos sempre diversos, enaltecendo os poetas, escritores, romancistas e historiadores a epopéia que se reveste de um duplo aspecto: a luta pela legalidade e a união espiritual de todos os paulistas. Se hoje pareceria a alguns palavras vãs de sentido e de utilidade, a defesa da legalidade, o idealismo, o amor à pátria, a união, não o foram em 32. Viviam, isto sim, sentido e realidade histórica. Não víramos e nem vivaremos a página de 32, como querem alguns, pois é exatamente nela que encontramos sempre acesas as instituições democráticas pelas quais muitos paulistas tomaram nos campos de batalha. Não foi fácil aos paulistas serem grandes. Manter esta grandeza, que não se dirige apenas para o alto, tem exigido de nós o que o passado e o presente estão a nos mostrar: lutas, sacrifícios e um trabalho incessante e infatigável. Construímos, pois, essa grandeza que deveremos manter como motivo de orgulho para o Brasil e para nós mesmos, fruto de uma luta contra o próprio homem, contra a natureza e contra uma outra série de fatores adversos.

Mas, vamos ao assunto da carta. Veiu «Santa Marta Fabril S. A.». Fui assistida. Não sei dizer-lhe, exatamente, qual a minha primeira impressão, se de incompreensão ou de tristeza. O teatro, em sua imensa e quasi ilimitada extensão, capta todos os sentimentos humanos, tanto os nobres como os vis, todos os acontecimentos psíquicos e físico do mundo. Como deve o autor expressá-los? Penso que pondo nesse conjunto todo um pouco da alma universal.

Por mais que me esforçasse não reconheci, num minuto sequer, algum traço da alma paulista na peça do Sr. Abílio Pereira de Almeida. A Revolução estava lá, sim, mas em condições de infinita pobreza, sem expressão, sem realidade e sem beleza, ridicularizada num nobre Tomico, cuja ilusão pelo movimento custou-lhe ser posto fora de cena logo no 2.o ato. O que assistimos, então? Não temos possibilidade de assistir na peça a uma evolução do bem ou do mal. Há um sentimento total, uniforme, completo que domina a peça; predomina a lama moral, nessa família de vendilhões da Revolução de 32. De forma que havendo uma, dez ou mil famílias paulistas que aderiram à ditadura, prostituindo-se moral e fisicamente, significa que perdemos por esse motivo o espírito de grandeza, de renúncia que inspirou a Revolução? A intenção do autor, soldado de 32, é ele mesmo quem o diz, foi mostrar e ferir as famílias que buscavam o bezerro de ouro. «Foi um movimento extraordinário, mas o que se processou depois foi uma traição miserável». Traições, v. sabe, sempre estiveram no lado da nobreza e da fidelidade. Até mesmo os cavaleiros da Távola Redonda, símbolos da bravura e da lealdade, tiveram traidores em seu meio, e nem por isso deixamos até os dias de hoje de enaltecer o feito desses homens magníficos que marcaram uma época de cavaleirismo e coragem. Para ferir e provocar o exame de consciência nos traidores de 32, o autor fere, com a sua família de fantasmas sociais, o sentimento dos paulistas por dois motivos. Primeiro, porque a peça tratando do movimento com superficialidade e deboche, sempre através da referida família e não pela intenção do autor, faz crer da inutilidade do movimento. Segundo, porque ha, na platéia, maioria de paulistas íntegros, inclusive pessoas que perderam algum membro da família e procuravam encontrar na peça o motivo da perda dessas vidas. Infelizmente, não encontraram. Que não seja por nós vivos, pelo menos por esses 3.000 soldados improvisados, muitos dos quais estudantes que deixaram os livros entreabertos, que jazem nos campos de Piratininga, façamos a justiça de mostrar ao público, ao lado do realismo da traição, o realismo muito maior e dominante da grandeza e sublimidade da Revolução Paulista.

DIVA MARIA

LIVROS E ESCRITORES

"BOM DIA, TRISTEZA"

D. M. S.

A jovem Françoise Sagan vem batendo recordes de venda e também de popularidade com seu livro de estréia ao qual, muito justamente, intitulou de "Bom dia, tristeza". Foi mesmo o seu o segundo livro mais vendido no ano passado, com o total de 250.000 exemplares, só superado pelas aventuras daquele fabuloso Don Camilo. Li a tradução, li o original certa de que na primeira o tradutor não pudera ou não soubera captar a essência, o espírito, a profundidade que a autora deveria ter escrito. Entretanto, a uma decepção se juntou outra, porque não é defeito de tradução, e realidade. daquelas páginas escritas pela moça de 18 anos ficaram tão somente um desapontamento, um amargor, até um pouco de revolta e a certeza de que "Bom dia, tristeza" é apenas um livro triste, desesperançado, sem beleza, simplesmente frio.

O assunto é banal, as personagens são ocas, vãs, fugidias, retratadas muito por alto, sem traços marcantes, como meros fantoches a se arrastarem pelas poucas páginas do livro. Se o estilo é fluido e de leitura fácil e corrente, nada tem a jovem Françoise a transmitir aos seus leitores, nem beleza, nem idéias, nem pensamentos e nem sequer sonhos. Alguém disse sobre Einstein, nestes dias, ele era grande "porque tinha conhecimentos sobre a verdade, a beleza e o bem" e esta é a própria essência de toda a vida. E, se não se pode

exigir que uma jovem de 18 anos tenha profundo conhecimento desses três princípios, pode-se porém querer que um escritor tenha pelo menos o vislumbre de algum deles. Sagan não tendo esse vislumbre, preferiu fazer suas personagens caminhar pelo caminho facilmente descritível da licenciosidade, da amoralidade, do materialismo, esquecida, deliberadamente, de todas as pequeninas alegrias da vida: o sol numa pequena baía de arceias brancas, o esplendor dourado dum crepúsculo, a frescura deliciosa de uma manhã de verão. As suas personagens, por demais embebidas nos seus pobres problemas que, na realidade, giram em torno do capricho de uma adolescente de caráter deformado, não têm olhos para a beleza.

Demais, não se pode aceitar como verdadeiro esse "quadro da geração atual" que desejam os críticos se veja retratado no livro. Não é verdade que esta geração caluniada injustamente só tenha sentimentos para o licencioso e o imoral, que não conheça nem o amor nem a amizade, nem a verdade nem o bem e nem sequer a beleza. Não é verdade que não conheça o ideal e os sonhos, que não tem olhos para nada mais que não seja a imediata satisfação dos sentidos. Se existem as Cécíles depravadas e frias e seus correspondentes masculinos que não procuram senão os momentos de prazer material como os únicos valiosos na vida.

(Conclui na 11.a pag.)

FORUM FEMININO

SIMPLES CANÇÃO DA ALMA

ISA DE CAMARGO

É luz, é sonho, é ventura,
Este meu imenso amor;
É embriaguez, é loucura,
E' perfume, é sol é côr.

Pela voragem da vida
Nada amedronta minh'alma:
Este amor me é guarida.
Agazalho, sombra calma.

É boa a simplicidade
Que nos infunde confiança.
Parece a felicidade
De um despertar de criança.

Eis porque minha ambição
Se resume na doçura
De entregar meu coração
A quem é minha ternura.

"BOM DIA..."

(Conclusão da 10.a pag.)

esses são as exceções e estas jamais serviram para retratar uma época ou uma geração. Mesmo porque, em outras gerações também se encontraram essas exceções, no tempo de nossos pais, de nossos avós, dos críticos inclusive.

Por tudo isso "Bom dia, tristeza" é um livro triste. Se não podemos negar a Françoise Sagan um verdadeiro talento de romancista, fazemos votos para que ela possa compreender que há beleza no mundo, que ainda há sonhos e fantasia, apesar de todo o materialismo de que se quer revestir a humanidade atualmente. E que ela possa encontrar, mesmo dentro daquela escola realista que quer curisar, personagens mais humanos e mais simpáticos do que os do seu livro de estréia.

Detentoras do Prêmio Nobel de Literatura

MARA KADUNC

Por quatro vezes, decidi a Academia Sueca de Letras, conferir a mulheres, o Prêmio Nobel de Literatura.

Sem dúvida alguma, encontramos em Gracia Deledda, Gabriela Mistral, Pearl Buck e Selma Lagerlof, a medida exata do que seja a verdadeira concepção do espírito feminino.

Da diversidade apenas aparente de suas obras, surgidas de idéias e épocas as mais variadas, sobressaem-se, contudo, aquelas características comuns às mulheres de qualquer tempo: uma profunda sutileza d'alma, o reinar pelo amor e pelos sentimentos, e, acima de tudo, sua espiritualidade que a desliga do material e do mecânico, induzindo-a na busca de ideais que transcendem o mundo.

Nascida em 1875 na Sardenha, GRACIA DELEDDA conquistou grande popularidade na Itália e impôs-se ao conceito de toda Europa pelo seu talento precoce e essencialmente regional. Os aspectos solenes, a vida severa da população apaixonada e trágica de sua terra natal, comoveram-na profundamente. E ainda mais, um aspecto de fatalidade física e étnica desse cenário, terminaram por configurar a própria poesia de Deledda.

As narrações de assuntos sardos, consagradas ao destino de humildes criaturas, desenrolam-se numa atmosfera lírica, em cujo fundo sente-se uma concepção religiosa da vida. Assim são, FIORI DI SARDEGNA e ANIME ONESTE.

Quer em seus contos, quer em seus romances, participa sempre do sofrimento de suas criaturas que se debatem entre o entusiasmo pelo bem e o horror pelo mal, entre a esperança e o terror, entre a culpa e a expiação. Representa e não disserta. O próprio senso da natureza, encontrou nela, as mais eficazes expressões. No estilo cheio de imagens, no linguajar fácil, imediato e ardente daquele lirismo que lhe é próprio.

Entremeados de artigos e fragmentos folclóricos, publicou também apresentando-se sempre em forma cada vez mais perfeita, TENTAZIONI, TESORO, VECCHIO DELLA MONTAGNA, DOPO IL DIVORZIO e especialmente ELIAS PORTULU que lhe assegurou um reconhecimento completo.

Nenhum escritor exerceu-lhe influência daí a inutilidade em atribuir-lhe determinada ascendência. Foi única e original em seu gênero, residindo, seu merecido posto de proeminência, na sua força de impenetrabilidade a tudo que se referia a um outro mundo ou arte.

GABRIELA MISTRAL, nome literário da escritora chilena Lucia Godoy Alcayaga, pôs o mais nobre de sua alma ao serviço de um apostolado educativo.

Nascida em Vicuna, passou sua infância no campo, iniciando sua carreira no ensino rural. Percorreu, a seguir, todas as escalas do magistério: primário, secundário, e, finalmente, superior, regendo um curso na Universidade do Chile, que lhe foi confiado, dada a notoriedade de seus méritos, em o preenchimento das provas regulamentares.

Seus SONETOS DE LA MUERTE, editados em 1914, lhe valeram a consagração e o 1.º prêmio nos Jogos Florais de Santiago do Chile.

Representante de seu país à várias conferências internacionais universitárias, Consul Geral do Chile em Madrid, foi-lhe atribuído,

em 1945, o Prêmio Nobel de Literatura.

DESOLACIÓN, LECTURAS PARA MUJERES, NUBES BLANCAS e ORACIÓN DE LA MAESTRA, são algumas de suas publicações. Em VIDA DE SAN FRANCISCO DE ASSIS, revela-se essencialmente mística e espiritual.

Admirável estilista, tanto em prosa como em verso, sua linguagem, metafórica e rica em matices, aperfeiçoa-se dia a dia, por entre as suas idéias, inspiradas, a princípio, na Bíblia e atingindo agora, mais amplitude e maiores horizontes.

"Como poeta, — dela diz Fernando Garcia Oldini — possui um aspecto que tem sido qualificado como genial: a exasperação da dor, o frenesí dilacerante da angústia enfim, todo um registro de harmonias dissonantes que vão desde o estupor mudo até o alarido convulso".

PEAL BUCK, pseudônimo literário de Pearl Sydenstricker, é hoje, sem favor algum, uma das romancistas de primeira linha da moderna literatura norte-americana.

Natural da Virgínia, onde nasceu em 1892, foi levado, com tenra idade, para a China, onde passou toda a sua infância, e parte de sua vida. Filha de um pastor missionário, hauriu, da vida profundamente religiosa edificante de seus pais, uma penetrante poesia bíblica que paira por toda sua obra, conferindo-lhe uma nota característica.

Seu 1.º romance THE GOOD EARTH, tornou-se, rapidamente, um livro internacional. Assim também, aconteceu com quase todas as suas obras: EAST WIND WEST WIND, ALL MEN ARE BROTHERS, SONS, A HOUSE DIVIDED, THE MOTHER, THE EXILE, FIGHTING ANGEL e muitos outros, em que a autora, pondo em relevo sempre, temas profundamente humanos, tem por ambiente, a milenar sociedade chinesa.

Não foi pelo estilo que Pearl Buck se impôs à atenção do mundo literário. Sua prosa nada tem de brilhante ou original, pelo contrário, apresenta aquela simplicidade própria das Sagradas Escrituras às quais era tão familiar. Preocupada sempre mais com o fundo que com a forma, apresenta-se portadora de todos os dons de uma perfeita narradora: descrição precisa, breve e palpante de vida.

Sentindo e vivendo a velha China como poucos, legou-nos, através seus contos e romances, uma visão perfeita deste misterioso panorama. Pintou com rara maestria, os conflitos de raças, os dramas de guerras, revolu-

ções e da fome, permanecendo sempre, num plano profunda mente humano.

Embora tentada por fatos e idéias, não teve pretensões sociológicas ou filosóficas de qualquer espécie. Quis ser apenas, uma mulher, sensível e interessada nas alegrias e dores de seus semelhantes.

Seus trabalhos são uma afirmação continuada da fraternidade e do amor entre os homens. São esperança conformadora de que as raças e os povos se compreenderão melhor algum dia.

Nisto, reside a grandeza de sua obra, que, longe de pertencer ao domínio da literatura americana ou do domínio chinês, parece-nos já começar a pertencer ao patrimônio universal.

No dizer de Pedro Calmon, não há mais suave e empolgante literatura que essa das lareiras escandinavas... e Selma Lagerlof, soube tecê-la com os fios impalpáveis dos sentimentos e a ternura ingenua das almas.

Inspirada na memória anônima da gente simples, esterilizou-lhe antigas narrativas, recompôs com graça e candura, pedaços velhos de poesia popular. Soube, como poucos gênios literários, prescrutar as vozes discretas de seu povo. Perpetuou em páginas imperecíveis, toda a lirica de uma Nação.

A exemplo de Andersen, preferiu explorar sua paisagem sentimental: o inverno sueco, as aldeias mergulhadas na neve e toda a sua beleza macia e silenciosa.

Dedicou obras às mãos infantis e à sensibilidade cristã de sua gente. Descreveu Cristo como podiam vê-lo os meninos em seus sonhos, e o povo, em sua modesta imaginação. Fez do Natal, a mais característica, a mais nacional e mais saborosa das festas daqueles climas áspers. E' preciso pois pensar nessa indole de Natal para compreender o alcance da autora de VIAGEM DE NILS HOLGERSSON.

A harmonia e a arte dos livros de Selma Lagerlof, valem como uma restauração no mundo ressonante de guerras e ódios em que vivemos. Sua obra revela as reservas de emoção e bondade intactas no torturado espírito europeu.

Triste é o inverno que a humanidade atravessa. E' tempo de reler-se pois, a literatura de Selma Lagerlof e orar para que novamente volte ao mundo a primavera.

Tempo virá em que prevalecerão os nobres sentimentos sobre os desvarios ideológicos que negam a dignidade humana, as tradições, a imortalidade das pátrias, Cristo e os seus Evangelhos.

A MULHER...

(Conclusão da 7.a pag)

pelo não provimento da apelação, confirmando a prudente sentença apelada.

A turma Julgadora do Tribunal de Justiça, discutindo a apelação, em que foi apelante Mario de Assis e apelado o pai de Jocy, de conformidade com o parecer do Procurador Geral do Estado negou provimento à apelação, para confirmar a sentença que indeferiu o pedido de suprimento de consentimento paterno, formulado pelo apelante para o fim de, com ele, poder contrair matrimônio com a filha do apelado.

Vamos aos comentários do julgamento. Estamos de inteiro acordo com as decisões dos julgadores do caso que hoje focalizamos, uma vez que as razões de ordem moral eliminariam por completo a possibilidade de qualquer pai poder confiar a um homem a vida de uma filha menor ou mesmo maior. Além deste argumento, que por si só seria suficiente para indeferir o pedido de suprimento de Mario e Assis, há, também, o argumento muito forte das possibilidades econômicas do requerente, provadas insipientes para manter um digno lar. Um lar pode ser mantido com pobreza, mas não com miséria moral e econômica. Nesse excelente livro "Homem e Super-Homem" Bernard Shaw, com toda a sua agudeza, se refere à necessidade de uma organização social capaz de impedir um desenvolvimento desastroso da pobreza, da prostituição, da mortalidade infantil, da degeneração adulta, de tudo o que o homem mais teme. Tudo isto se evitará, certamente, abolindo-se a idéia altamente errada de que

Assembléia

YONY BLUNDI

Se um estranho entrasse, por mero acaso numa Assembléia do Centro XI de Agosto, sentir-se-ia, por golpe de magia, transportado ao anfiteatro da antiga Roma, onde a população bárbara ululava frenética por sangue. Não é senão este, o quadro triste das Assembléias do nosso querido Centro. Por esse motivo, cá estamos para solicitar, de seu digníssimo Presidente, medidas sérias para evitar espetáculo tão degradante, nada próprio de alunos da Faculdade e principalmente de Direito.

Ao mesmo tempo, se nos for permitido, com a devida vênia, apresentaremos sugestões, pois sabemos que S. Excia. tem vasto programa de organização.

Uma vez que a Sala de Estudantes não comporta mais de 300 alunos, não seria justo que só esse número assistisse às reuniões, eliminando-se os outros ou também nada aconselhável que todos comparecessem e as referidas reuniões se transformassem em verdadeiros pandemônios.

Dentro da desordem, da contusão, pugilato, explosões, correrias é humanamente impossível tratar-se qualquer assunto sério. E estes são frequentes, como a questão da greve do ano findo, sendo necessário, portanto, que toda a mulher deve casar a qualquer preço".

E' a nossa opinião sobre os atos referidos. O assunto fica aberto aos debates das colegas que desejarem se pronunciar a favor ou contra a opinião sustentada no Juiz e órgão da Superior Instância.

Faculdade participe, coopere, vibre na solução deles.

Se cada turma, sem política e sem a intervenção do Centro, visando interesse comum, elegeisse representantes dignos, poderiam estes ser em número tais, que atingissem aquele total.

Dessa forma os alunos teriam ali pessoas de confiança e ao mesmo tempo competentes, que saberiam debater e discutir com calma os problemas apresentados, chegando a resultados satisfatórios.

Mesmo que os representantes das classes não tivessem uniformidade na maneira de pensar, poderiam discutir antecipadamente o assunto e dessa forma as Assembléias seriam mais serenas.

Se o Sr. Presidente achar inconveniente a forma proposta, seria, então, indispensável que se fizesse campanha ensinando aos alunos a se portarem nas reuniões, observando às regras do «BOM TOM».

Cada jovem de hoje será o cidadão de amanhã, urge, portanto, que se compeetre de sua responsabilidade.

O aluno que hoje anarquiza a Assembléia, amanhã será o homem público que não saberá respeitar Câmara, Legislativo, Senado.

A Recuperação Nacional, movimento que teve tão grande repercussão, deve continuar viva na mente de todo estudante e para isto devemos iniciar uma RECLPORAÇÃO INTERNA.

Há mais de meio século servindo todo o Brasil!

CASA ROSENHAIN

DESDE 1.896

INSTRUMENTOS DE ENGENHARIA — ARTIGOS PARA DESENHO
PAPELARIA — TIPOGRAFIA — FABRICA DE LIVROS EM BRANCO
INDÚSTRIA DE ARTIGOS PARA ENGENHARIA E DESENHO TÉCNICO

E. SCHMIDT & CIA. LTDA.

R. S. Bento, 385 — Fones: 32-0335 e 32-2537 — Cx. Postal, 385
Telegrams «ROSENHAIN» —:— SÃO PAULO

Compare... e Compre
Clark

Filiais em São Paulo

Rua Augusta, 2943
Rua São Bento, 264
Rua de Moóca, 1839
Rua São Caetano, 13
Av. Rangel estana, 1767
Av. Celso Garcia, 461
Rua Quintino Bocaiuva, 238
Rua José Bonifácio, 134

Grande Sortimento de Calçados para Colegiais

AVALANCHE

JACOMO JOSE' ORSELLI

Amanhecera. As vagas vinham tranquilamente espriar-se na areia fina. Os rochedos erguiam-se veneráveis e sérios mergulhando nas águas tranquilas que refletiam o verde escuro das montanhas próximas. De vez em quando lá do alto uma gaivota se despencava e vinha quebrar a serenidade do mar bicando uma sardinha distraída à superfície d'água.

O sol erguera-se. Logo seu disco flamejante dominaria as montanhas e iria acordar os moradores da cidadezinha que dormitava para além do canal. Um barco pesqueiro madrugador cortava as águas imponente, bigode branco de espuma à proa, e motor batendo descompassadamente a música monotona de ferros e engrenagens.

Agora os gritos dos pássaros marinhos se mesclavam com o repicar de sinos enquanto os raios de sol desciam ao mar, miravam-se, refratavam-se a lançavam seus lampejos de alegria.

Pela praia de coqueiros farfalhantes um homem alto, espadaudo, musculoso, de olhos azuis, em manga de camisa, dirigiu-se aos rochedos galgou-os, mirou o canal e acompanhou por um instante o barco de motor com batidas monotonas, que segula seu caminho. Protegeu com a mão direita a vista, olhou o céu azul e as nuvens brancas sobre a serra.

— Bom dia, seu Correia.
— Bom dia, Raimundo. Já vai à roça?

— Sim, senhor. O dia vai esquentar e quero aproveitar a manhã, respondeu o homem de tez morena, chapéu de palha, camiseta, calças arregaçadas nas canelas e que atendia por Raimundo. Levava um gadanho e uma enchada sobre o ombro direito e muito largo. Não se deteve, logo descendo as pedras em direção a uma pequena praia onde havia muitos ranchos ao pé de um morro que mostrava em seu dorso o trabalho profícuo dos roceiros.

Manoel Correia; acompanhara com a vista o percurso de Raimundo e detera-se a ver o morro lavrado. Uma voz feminina trouxe-o da contemplação. Manoel voltou-se respondendo ao cumprimento:

— Bom dia, sinhá Jacinta.

— Pensei que vossicê inda estava na cidade — disse a mulher baixinha com trouxa de roupas sobre a cabeça e que trazia seu chapéu de palha seguro na mão esquerda enquanto com a outra equilibrava a trouxa que a escada das pedras fizera balançar. — Acho que Mariquinhas não esperava o sinhô prá já, comentou.

— Sim, sinhá Jacinta, mas aproveitei a vaça do Portinho porque já tinha terminado meus negócios na cidade. Não podia me demorar. Pensava em Mariquinhas e nas crianças.

— Bobagem de cuidados — disse a lavadeira disposta a iniciar conversa — Ela tá forte as crianças toda boa...
— Graças a Deus, interrompeu o Correia.

— ... crianças de saúde — prosseguia sinhá Jacinta — Aquel se dão bem, seu Correia. Praia, terreno e um casarão para correrem, é o que criança quer. Diga uma coisa seu Correia, o sinhô inda pensa em mudá prá cidade?
— Ainda, sinhá Jacinta. Ainda mesmo agora fui comprar, como a senhora sabe, um terreno lá. Não me saiu caro e quero construir uma casa lá.

— Deus ajude a vossicê, retrucou d. Jacinta. O sinhô tem capricho e cabeça. Onde vossicê

põe a mão as cousas são bem feitas. A quele barco, então.

— O barco?! perguntou o Correia admirado — Então a senhora viu o barco?

— Vi, sim sinhô. As meninas me mostraram! Que grande! Não sei como o sinhô trouxe aquilo bruta pra de cedro de serra acima!

— Ah! sinhá Jacinta, veio puxado pela junta de bois. Veio arrastada mas precisava ver quando caiu! Estalava, rebentava tudo que tinha pela frente. Um tombo daqueles! Que barulhada, parecia uma avalanche.

D. Jacinta confirmou:

— Isto mémo. Uma avalanche o que eu disse ao Zé Tiago. Vi uma há muito tempo nas Pedras Mindas. Que barulhão, seu Correia, pedra atrás de pedra e que susto a gente levou!

O Correia abaixou-se, segurou a pequena mochila que havia arriado assim como seu paletó e despediu-se:

— Me vou, o sol vem brabo — disse. Té logo.

— Té logo, respondeu a lavadeira já se afastando também.

Correia a largos passos deixou as pedras e ganhou a encosta do morro. Subiu o atalho e avistou a casa grande que sobressaia entre as pequeninas dos pescadores e se isolava adiante do engenho. Olhou o canal atrás deste e voltando os olhos para a frente da casa grande viu os homens estendendo suas redes de pesca nos varais para secar.

Uma certa alegria apoderou-se de sua alma e estampou-se em seu sorriso franco e largo. Parou. Passou a mão livre nos cabelos e pensamentos sem alegria vieram-lhe a mente: a questão da herança, a ambição dos seus manos, a figura de seu falecido pai, Mariquinhas, tão doce, tão amável, tão trabalhadeira sempre a preocupar-se com aquela casa que ele mesmo construiu e que lhe queriam tomar. Rosa, Maria e Benedito a espalhar alegria por tudo aquilo com turbulência só própria das crianças criadas ao contacto da natureza, e educadas por um pai trabalhador e uma mãe cheia de virtudes e prendas. Caminhava rumo ao lar, aquele mesmo que amava e que planejava devido as circunstâncias, a mudá-lo dali para a cidade. Por isto fora lá comprar terreno. Morar na cidade! Sem prata, os canaviais, aqueles vizinhos pescadores e roceiros com quem sempre convivera!

Aproximava-se dos homens que secavam as redes nos varais. Cumprimentou-os. Dirigiu-se aos fundos da casa grande. A pequenina Rosa descobriu-o: Gritou pela mãe e irmãos. Abracou-se o ele e afaçou-o. Beijou seu rosto suado e com sua vozinha perguntou-lhe como tá.

Suas preocupações agora eram esquecidas. Como era bom chegar assim à casa grande, tomar a sua casa em seus braços, ouvir as vozes dos outros que largavam seus afazeres para virem recebê-lo! Mariquinhas de avental aparecia no portal, o filho ao colo, e atrás agarrando-se à sua saia a Mariquinha que já adiantava-se à mãe estendendo os bracinhos gorduchos para ele!

E Manoel Correia em sua casa grande entrou altivo e feliz abraçado à esposa e seguido pelas filhas.

II

Maneco acabara de tomar café com angú de milho. Recusara o pão que trouxera e que a esposa lhe oferecia ao desembrilhar, di-

zendo que era para as crianças. Sim, sempre para elas era uma novidade, pois passavam a roer biscoitos quase toda as manhãs. Levantou-se, foi a janela escancarada para o terreno, ao lado da casa onde estava a sua obra que d. Jacinta, elogiara, o barco ou melhor, o bote.

Olhou-o. Pareceu-lhe forte, resolutivo aquele tronco de cedro agora modelado, com proa ativa e decidida, pronta a travar luta com as águas, bojo e quilha a insultar audazes aventuras! Era uma obra digna de fazer parte da casa grande da casa dos Correias.

Vieram-lhe a mente as palavras de d. Jacinta, a lavadeira, e a comparação que fizera, ao abater-se o gigante da floresta nas montanhas.

— Uma avalanche — concordara d. Jacinta lembrando o medo que tivera — vi uma há muito tempo. Que barulhão, pedra atrás de pedra!

A comparação agradara-o.

— Avalanche será teu nome — disse ao bote em voz alta e junto a janela.

— Que disse? perguntou Mariquinhas que ao retirar o bote da mesa, parara e fitara o marido.

Ela aproximou-se. Pequena, magra e baixa ergueu os olhos grandes para ele, que a enlaçou pela cintura e, apontando o bote disse:

— Dei um nome ao bote: Avalanche. Parece bom?

Ela concordou.

— Éle loco vai para a água?

Acho que serve para carregar pedras...

— Pedras?! — extranhou o Manuel — para onde?

— Para a cidade, Manuel. Sinhá Jacinta disse que por lá não tem pedra boa, e você não vai fazer nossa casa lá?

— E' verdade... — concordou Manuel aprovando a idéia da esposa e, carregando o sobrenho, tornou a olhar para fora.

Era verdade: como se encadeavam as cousas: — pensava — A mudança em expectativa, a nova casa construída na cidade, o bote, as pedras que iriam ajudar a construção nova.

E aquela mulherzinha, tão amiga daqueles pescadores e roceiros da ilha com os quais se criara e sempre convivera?

E ele tinha que tirá-la dali para desconhecida paragem, para viver entre estranhos, numa cidade onde a vida é diferente. Não mais canaviais, roças, pescarias e até aqueles cotidianos cafés com biscoitos duros ou angú, não mais haveria. As crianças comeriam o pão que a padaria já cedo entregaria, e não mais correriam pelos terreiros amplos ou por aquelas praias coalhadas de varais, redes e canoas!

Mariquinhas agora falava-lhe sobre a compra que ele fora fazer na cidade. Nas intrigas e fúrias de seus cunhados, que num testamento começado há dias, já começavam obra de rapina e não se detinham em armar a ele. Manoel Correia, as maiores armadilhas que a ambição e o egoísmo ditavam.

— Eles vão ser capazes de quererem o bote — disse Mariquinhas com certo acento de medo na voz — se o virem!

— Nunca. Ele é meu. Todos aqui sabem disto. Eu cortei a árvore e com minhas ferramentas o trabalhoi. — A voz de Manuel soou enérgica e clara.

Mariquinhas gostava de ouvi-lo assim, decidido e enérgico. Com certo receio pelo bote, contudo, recclinou a cabeça no ombro do marido. Ele beijou-a.

No dia seguinte os homens vieram

BREVEMENTE

Gráfica Universitária S.A.

(em organização)

Uma completa e moderna

OFICINA GRÁFICA á altura do

progresso de São Paulo

ram e as mulheres e crianças os espriavam a mover o "Avalanche" sobre os rolos em direção ao mar. Uns semi-nús de calças compridas e arregaçadas até o meio das pernas, outros de chapéu de palha à cabeça e cigarro ou pito à boca. Diziam uma cousa ou outra. Consultavam-se. Falavam com o dono do barco, agarravam-se as suas bordas, empurravam-no e enquanto assim faziam o esforço, emitiam sons de incitamento, rápidos ou longos, em diferentes tonalidades.

O casco de cedro moveu-se. Os rolos passaram para a ré e sua quilha de proa enterrou-se na areia úmida. Uma ondinha sófrega e curiosa quebrou-se na areia e veio humedecer-lhe a madeira esboroadando o montículo de areia que se formara na proa.

— Oooba, aguenta! gritaram os homens enquanto se firmavam na popa que estava ainda sobre o rôlo.

Mais alguns esforços e o barco flutuou sobre a crista de uma onda que procurava a praia, quebrando-se com um longo chuuá e muita espuma. Um rapaz logo pulou para dentro do bote, pronto a calafetar o ponto do casco que disto necessitasse. Equilibrou-se, olhou o fundo do barco com atenção e passou por ele. Estes empunharam varejões levaram o bote a uma boa distância da praia e o fundearam. Uma pequena canoa trouxe-os à praia.

Manoel enterrou uma barra de ferro na areia enxuta, e amarrou o cabo que saindo da popa do bote, vinha até ele. Mais tarde esta corda permitiria aproximar o "Avalanche" da terra quando quizesse.

Perto dali Mariquinhas de chapéu de palha e descalça, assim como as crianças, havia observado o trabalho dos homens. Manoel foi juntar-se a eles enquanto os pescadores e vizinhos o cumprimentavam pelo barco que todos agora podiam admirar vagando ali perto.

Um velho marujo de quépi preto cumprimentou-o, tirou uma longa baforada em seu cachimbo e ofereceu-se para ajudar na chapeação do casco.

Manoel agradeceu e disse que chamasse os demais homens para tomar um aperitivo lá no engenho. Conduzido Mariquinhas pelo braço e seguido dos filhos subiu o barranco e deixou a praia.

III

A ampulheta foi deixando correr sua areia e novos dias vieram.

Na cidade a casa dos Correias erguia-se agora dos alicerces fortes e suas quatro grandes janelas

da frente, ladeando uma porta, já olhava a rua onde o casario miúdo parecia acanhado ao surgir da esbelta mansão. A tarde, aproveitando a viração, velas enfumadas, o "Avalanche" fazia sua travessia trazendo em seu bojo, homens, pedras, utensílios, bagagens, juntamente com aves vivas e peixes secos.

Aquela placidez do mar, os dias bonitos de sol brilhante e negras de nuvens sobre as montanhas da ilha, os gritos espaçados das aves marinhas não prenunciavam tormenta. Nem entre os homens, nem a que se desencadearia furiosamente entre os elementos.

E a procela veio. Trouxe-a o ódio, a ambição. Abateu-se sobre a casa grande do engenho dos Correias. Os homens se injuriaram. Exibiram músculos e prometeram fazer correr sangue.

— Maneco, chegou a hora da decisão. Temo pelas crianças — disse-lhe sua mulher. Ela falara esperando sua decisão na varanda da casa. Maneco dirigiu-se, os cabelos em revolta, à janela que dava para a praia. Seus pensamentos confusos vinham da casa que construa no continente, passavam pelo engenho e subiam até o cume das montanhas onde nuvens grandes acumulavam-se. As feições de seus pequenos, de Mariquinhas de tudo quanto queria bem, misturavam-se em seus pensamentos com as figuras rancorosas daqueles homens ambiciosos!

O vento soprava. As ondas tornavam-se cada vez maiores fazendo surgir, na rapidez em que vinham, cristas brancas e pequenas de espuma em seus dorsos.

Manoel olhou-o. Viu o bote, o belo "Avalanche", ancorado a baloucar doidamente sobre as ondas como a querer vencê-las, libertar-se dali, devorar distâncias, rasgando com sua célere quilha, aquele lençol de água imenso.

— A decisão é esta: não ficaremos mais aqui. Arrume as cousas. Vamos para a cidade, para a casa nova, hoje no "Avalanche". Maneco falou firme enquanto virava-se e encarava a esposa. Ela, miudinha, trêmula levantou-se concordando com ele e dizendo um sim que mal se ouviu. Acheçou-se ao esposo. Ele tomara uma decisão. Olhou-o ternamente como muitas vezes já o fizera. Uma lágrima veio-lhe aos olhos e desceu-lhe nela face. O lenço de Manoel recolheu-a e seus braços fortes a envolveram.

—

— Ventania, seu Correia, Mar revoltoso. Isto piora. Travessia

arriscada hoje, seu Correia! — dizia um pescador fumando cigarro de palha e cabelo remexido pelo vento, ao ver que se preparava o "Avalanche" para a travessia.

— Tem que ser hoje — retrucou Manoel Correia decidido.

O sol se recolhera atrás das nuvens cinzentas. A ventania assobiava entre as árvores e os bambus dos morros. Um lusco fusco envolvia a terra e os homens. Um mar de chumbo encapelado com manchas brancas em suas ondas, a feição de carneiros em louca corrida, escachovavam-se nos rochedos burrifando-os e galgava as praias com rapidez lambendo as areias e o capim rasteiro dos barrancos.

— Larga — comandou Manoel Correia aboletando-se na popa do "Avalanche" que acabava de receber sua carga, seus passageiros e tripulantes. O cabo que o ligava à terra foi recolhido. O barco livre empinou nas ondas e rasgou as firmes, Açoitados pela ventania, meia dúzia de homens e mulheres da ilha, em pé da praia, ergueram os braços em adeus e votos de boa viagem.

Um corisco cruzou o firmamento, e um trovão ribombou e as quebradas e alcantis repetiram em côro o seu brado.

Uma bufada de vento encheu a vela do "Avalanche" que obedecendo ao leme manejado pelo Manoel Correia, furou com a proa as ondas adversas, apurou sua bigodeira escumosa, espreguiçou-se deitando o bojo direito no mar; partiu ufano e impetuoso com sua carga, sua gente, como que muito consciente de sua nobre missão de fugir daquela ilha, de partir em busca da terra prometida, de sonho, paz, segurança e esperança!

A tormenta pareceu amainar por uns instantes e um aguaceiro começou a cobrir a ilha com um manto branco.

Mariquinhas e as crianças assim como seu marido olharam por longo tempo o manto branco que aos poucos ia envolvendo a ilha!

THE END.

COCKTAIL MATA RESSACA

114 cálices de RON MERINO.

Suco de tomate esfriado. 1 fatia de limão.

Coloque o RON MERINO numa taça previamente esfriada e encha com o suco de tomate. Deite o limão na taça e sirva.

TAREFA INADIÁVEL:

AUMENTAR O PATRIMÔNIO DO C.A. XI DE AGÔSTO

Ouvindo o Presidente da Comissão de Aumento do Patrimônio — Um dever dos moços — As ações da Cia. Paulista

A reportagem procurou ouvir do acadêmico João Eduardo Corrêa Jr. algo a respeito das iniciativas da Comissão que preside, constituída pelo Presidente Luiz Carlos Pereira Barreto com o fito de aumentar o patrimônio do Centro Acadêmico XI de Agôsto.

Durante estes dois meses de gestão à frente do organismo, o acadêmico João Eduardo Corrêa Jr. promoveu estudos visando à melhor solução ao problema, uma vez que a atual situação econômica-financeira do Centro não permitiria a simples aquisição de bens tendentes ao aumento do patrimônio.

UM DEVER

A atual Diretoria do Centro não faz segredo da situação financeira da agremiação, que é muito delicada. Todos os acadêmicos, entretanto, já se compenetraram de seu dever, no sentido de promover melhores condições para o desenvolvimento de uma gestão mais profícua.

No que se refere ao aumento do patrimônio do Centro, então, mais imperiosa é a necessidade da co-

operação de todos, graças à qual será possível um restabelecimento nas finanças da nossa entidade associativa.

MAIS AÇÕES

A atual Diretoria encarregou, por outro lado, o acadêmico João Eduardo Corrêa Jr., de conseguir para o Centro Acadêmico XI de Agôsto um maior número de subscrições de ações nominativas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Possui o Centro 4.782 ações da referida companhia, e o intuito dos acadêmicos que compõem a Comissão de Aumento do Patrimônio é elevá-las à casa das 5.000, o mais brevemente possível.

Visam os encarregados da tarefa alcançar tal média, a fim de tornar garantida ao Centro Acadêmico a percepção de um dividendo de Cr\$ 100.000,00 anuais. Tal quantia em muito ajudará os mentores de nosso órgão associativo, na tarefa de bem cumprir as finalidades dos diversos departamentos, sujeitos, atualmente, a inúmeros entraves e despesas.

A Valorização...

(conclusão da última pag.)

c-) Políticos (com P maiúsculo, tais como participações em Congressos, etc.) contar-se-ia: 15 pontos

2-) Participações:

a-) Esportivas — contar-se-ia 10 pontos.

b-) Teatrais — contar-se-ia 10 pontos

c-) Administrativas — cargo eletivo — contar-se-ia 15 pontos

d-) Administrativas — cargos não eletivos contar-se-ia 5 pontos.

e-) Colaborações jornalísticas — cada — contar-se-ia 1 ponto.

f-) Pagamento da anuidade — só p/ registro — contar-se-ia 1 ponto.

Esta última não dará direito a nenhum certificado ou distintivo; serviria tão somente, para acrescentar no cômputo geral.

Tais autênticas condecorações seriam publicamente conferidas por ocasião da solenidade de empossamento da diretoria do Centro. E, assim, aqueles que atingis-

O CURSO BANDEIRANTES

DO

Professor CASTELLÕES

CONGRATULA-SE

COM A VITÓRIA

DE

"O XI DE AGÔSTO"

PRIMEIRA CRÔNICA TEATRAL

Publicada por Monteiro Lobato, em 31 de agosto de 1903, no «Onze de Agôsto», órgão oficial do Centro Acadêmico XI de Agôsto, da Fac. de Direito de S. Paulo

Sou obrigado, em cumprimento de uma ordem emanada do Supremo, a me atolar numa ampla sobrecasaca, metter cartola e, com um sizudo par de oculos a cavalleiro do nariz vir dogmatizar quinzenalmente as noites do theatro. Eis-me Sarcey da noite para o dia e eis-me à procura dum Antoinette ou duma Clara Della Guardia para me voar às dentadas ou curvar o dorso reverente. Na amplidão do meu novo vestuário meus olhos e meu corpo se abysmam assustados; acho-o enorme para mim e si o povo não mente, si o habito não faz o monge, receio immenso que alguma badalada comprometedora não venha destrir o meu *apilomb* de critico sizudo e verissimo, abalando conjuntamente os meus creditos de — d'ora avante — homem d'oculos e cartola.

Minha missão é vir a espaços dizer que fulano está trabalhando no Sant'Anna, que sicrano é um idiota, que beltrano é um genio, é fazer a critica dessas individualidades depois de conscienciosamente estudá-las... de longe, do meu quartinho, porque o ONZE não possui cadeira e eu, outrora frequentador assíduo do poleiro, me acho destituído das forças necessárias para galgar os innumeráveis degraus que nos levam às torrinhas do Sant'Anna. Vejam como pesam os nazoculos dum critico forjado!

Não começarei neste numero porque os nossos theatros estão actualmente desertos; entretanto, o Sant'Anna varre-se para receber a Darclée, e... os outros permanecem fechados em virtude de causas multiples que não convem mencionar. Em breve o antigo Apollo terá apoplexias de gente: camarotes a 180\$000 são a melhor reclama para as companhias e para os que têm filhas a casar ou apparencias faustosas a sustentar.

Os smokings sairão do fundo dos guarda-casacas, os monoculos se ensaiarão nas orbitas oculares, as criadas escovarão minuciosamente os reluzentes chapéus-claques e a grande exhibição annual far-se-á sob a égide magnifica da musica selecta. Pobre musical inutilmente as catadupas de tuas harmonias tentarão chegar à alma dos dandys absortos no jugarem-se alvos de toda a attenção: feminina, alvos tuas melodias conseguirão enlevar o sentimento do burguez encasacado a quem a pose estudada na vesperata estafa diabolicamente se comover a mocinha empenhada em não deixar transparecer nas faces rissonhas a dôr supliciante

do "droit devant" arroxado. Pobre musica! Só esporadicamente no poleiro e aqui, ali, na platéia, terás, almas attentas vibrando intensamente aos teus magicos accents; o dilletantismo elegante te applaudirá nos trechos determinados pela critica indigena, te bisará no que Paris fez bisar e, si por um máo fado, entre tuas arias uma existe, por uma circumstancia de ocasião cahida no desagrado da claque européa, fica certa de que, embora identica circumstancia aqui não exista, os nossos criticos ao dar com ella franzião superiormente os sobrôlhos ou se rirão condoidamente com sorriso de pontifice, e a casa inteira, vendo tais demonstrações na face de tão augustos sarceys, franziará também os sobrôlhos ou sorrirá com ares de finissima superioridade.

Basta, porém, de prophécia e sem falar na carta do Antoinette, nem repisar os innumeros argumentos com que o apedrejaram todos os nossos criticos depois que o padre Severiano, os confins de Minas, deu o signal, apesar de conhecer Antoinette só pelo cheiro; tem dizer que a Clara voltou a darnos com Sardou pela cara, eu me reservo para na proxima vez falar em emotividades creadoras, sensibilidade esthetica, mallcabildade representativa e muitas coisas interressantissimas.

LOBATOYEWISKY

O "Coruquerê"...

(conclusão da 4.a pag.)

está elle cômodamente refestelado em sua magnificência improdutiua? Não só de afixar no quadro de avisos editais e mais editais de nomeações é que vive uma agremiação estudantil do porte e tradição do "XI de Agôsto". E' preciso ação, e ação fulminante e decisiva, no estilo mesmo que nos acostumamos a ver partir do "XI" em tempos não muito longinquos. Desencadeie uma *verdadeira e arrazadora "blitzkrieg"* contra a criação de faculdades de Direito de fachada, Presidente Barreto, e comece — realmente agora — a sua gestão com o pé direito. Vamos aguardá-la com confiança, prontos para cerrar fileiras a seu lado.

CENTRO ACADÊMICO "XI DE AGÔSTO"

BALANCETE FINANCEIRO REFERENTE AO PERÍODO DE 7 A 31 DE MARÇO DE 1955

RECEITA	
TESOURARIA CENTRAL	
Anuidades	25.880,00
Carteiras	840,00
<hr/>	
Bancos — emissão dos cheques n.ºs. 729.451/4	12.750,00
<hr/>	
CASA DO ESTUDANTE (*)	
Aluguéis ..	28.000,00
Mensalidades de alunos residente	23.100,00
IAPC/SAM ..	2.254,00
<hr/>	
DEPARTAMENTO JURÍDICO	
Verba da Reitoria	2.500,00
<hr/>	
DEPARTAMENTO DE APOSTILAS	
Venda de apostilas	6.435,00
<hr/>	
DEPARTAMENTO FEMININO	
Anuidades ..	1.680,00
Carteiras	80,00
Flâmulas ..	50,00
<hr/>	
DEPARTAMENTO DE TEATRO	
Subvenções ..	99.474,60
<hr/>	
Soma da Receita	203.043,90
<hr/>	
SALDOS ANTERIORES	
Tesouraria Central	866,30
Casa do Estudante	11.142,40
Departamento Jurídico	60,30
Departamento de Apostilas	437,60
Departamento Feminino	123,60
<hr/>	
Soma geral	12.630,20
<hr/>	
Soma geral	215.673,80

DESPESA	
TESOURARIA CENTRAL	
Artigos de escritório	208,00
Assinaturas ..	200,00
Despesas legais	250,00
Donativos ..	90,00
Limpesa e conservação	283,40
Telefone ..	784,90
Telegramas e correspondência	86,50
<hr/>	
Associação Atlética	2.750,00
Bancos — depósitos efetuados	116.114,60
<hr/>	
CASA DO ESTUDANTE (*)	
Água ..	477,90
Despesas diversas	1.412,00
Gaz ..	2.905,30
Impostos e taxas	1.748,70
Limpesa e conservação	7.528,40
Luz e força ..	3.769,00
Ordenados e gratificações	37.000,00
Telefone ..	1.016,30
<hr/>	
DEPARTAMENTO JURÍDICO	
Artigos de escritório	182,00
Despesas diversas	61,00
Ordenados ..	700,00
Telefone ..	317,30
Selos e estampilhas	54,60
Móveis e Utensílios	150,00
<hr/>	
DEPARTAMENTO DE APOSTILAS	
Aluguel ..	2.283,00
Limpesa e conservação	541,20
Material de produção	1.523,00
Ordenados ..	1.000,00
Serviços datilográficos	933,00
Telefone ..	143,70
Despesas diversas	270,00
<hr/>	
DEPARTAMENTO FEMININO	
Limpesa e conservação	300,00
Telefone ..	174,30
<hr/>	
GABINETE DENTÁRIO	
Honorários ..	4.000,00
<hr/>	
Soma da Despesa	189.258,10
<hr/>	
SALDOS PARA O MÊS DE ABRIL	
Tesouraria Central	13.043,50
Casa do Estudante	8.638,80
Departamento Jurídico	1.095,40
Departamento de Apostilas	2.178,70
Departamento Feminino	1.459,30
<hr/>	
Soma geral	26.415,70
<hr/>	
Soma geral	215.673,80

(*) Refere-se ao período de 16 de Fevereiro a 31 de Março

Luiz Carlos Pereira Barreto
Presidente

José E. Queirós Guimarães
1.º Tezoureiro

Henrique Silva
Contador - CRC. 580 - sp.

Antonio Padovani Neto
Contador - CRC. 10.639 - sp.

A TESTEMUNHA

H. M. FILGUEIRAS

Evidentemente, Benedito estava com azar.

Os olhos esbugalhados pareciam querer acompanhar as mangas que se esparramavam pelo chão. Tudo foi tão depressa que ele não pôde fazer nem um gesto depois. Foi só querer pegar a mais bonita que ia cair e lá se foi todo o prato de mangas. Mas o pior foi o prato de vidro ir com elas e até agora o barulho dos cacos pulando no chão ladrilhado ainda estava no ouvido do moleque.

As mangas já deviam ter se amassado todas e Benedito não gostava de mangas machucadas. Parecia-lhe que elas perdiam aquele gosto bom que tinham quando apanhadas na hora e chupadas ainda em cima da mangueira. Mas isso não importava agora; aquelas não eram mesmo para ele... eram presentes.

Precisava catá-las e esconder os cacos de vidro para que Dona Dulce não soubesse. Arranjaria uma cesta e quando dessem falta do prato, poriam culpa na cozinheira. Tinha que se mexer logo dali. Mas Benedito ficara aturdido com o prato quebrado. Logo aquele que era presente de casamento. E ele se lembrava das recomendações de Dona Dulce ao mandar apanhar o prato de mangas para levar à vizinha. Tanta coisa recomendada que havia dado naquilo. Que ele segurasse direito, que não corresse, que não parasse para brincar, enfim, tanto cuidado, que o prato estava ali, no ladrilho espedaçado.

Desta vez ele não teria desculpa e Dona Dulce ia ficar zangada. Benedito sabia que não seria possível esconder dela os cacos e que iam descobrir tudo. Também ali era toda a gente contra ele. Até a cozinheira, que era preta como ele, corria para contar tudo a Dona Dulce. Era só saber que ele estivera jogando bola, que voava nos ouvidos da patroa. Então, quando se esquecia de botar lenha para o fogão, era uma gritaria louca até Dona Dulce saber e vir zangar com ele.

E a zanga agora ia ser feia. Benedito tinha medo de voltar para a fazenda. Também, ele tinha um pouco de culpa. Mas não era propriamente dele, era das mãos. As suas mãos não tinham muita firmeza e não seguravam bem as coisas. Foi assim ainda da outra vez quando foi lavar o filtro e deixou escorregar aquela talha pesada, que foi um tombo só. E, olhando as mangas ainda esparramadas pela copa, os cacos de vidro brilhando, Benedito teve medo. De Dona Dulce, não, que ela não batia. Prometia só, mas não podia com ele na corrida e depois, esquecia. Pois aquele dia do filtro, quando ela levantou a mão, já ele não estava lá no fundo do quintal? E só voltou de lá quando ela disse que ia contar tudo ao seu Olavo. De seu Olavo, sim, Benedito tinha medo. Não só de apanhar, mas de ir de volta para a fazenda. Na roça, seu pai fazia que ele corresse os pastos procurando vacas, ora uma que tinha dado cria, outra que caíra no buraco e Benedito não gostava de lá. Aqui na cidade era melhor, no domingo tinha cinema e, além disso, ele quase não fazia nada. Era um recado aqui, levar lenha para a cozinha, varrer o quintal, coisa pouca que lhe sobrava tempo para ir à escola. E jogar bola. Seu Olavo não gostava de jogo de bola e já tinha falado que o levava de volta para a fazenda se ele continuasse a jogar. Aquilo era coisa de "agabundo", dizia. E seu Olavo cumpria o que falava. Benedito sabia porque até seu pai tinha medo dele. O leiteiro contou um dia que aquela cruz da estrada alta era de um empregado que seu Olavo matou só porque soube que ele havia repassado a sua égua. E, além de ser bravo, tinha muita força. Agora, não era tanto que já estava velho e na roça nem andava mais a cavalo. Era só de jipe, onde a estrada deixava.

Mas, mesmo assim, Benedito tinha muito medo dele. Imaginem se Dona Dulce contasse tu-

do o que vinha prometendo... Era apanhar quase toda semana e não ir mais ao cinema. Talvez já tivesse até ido embora para a fazenda. E ele não queria ir. Logo agora que estava melhorando. Dona Dulce estava gostando mais dele, ele pensava, desde aquela noite da manga. Estava mais camarada, não gritava mais com ele e até porque não podia brigar mais com o moleque, a patroa não queria.

Porém, Dona Dulce não perdoaria aquilo. Ainda mais quando ela lhe tinha pedido que ficasse comportado. E Benedito gostava muito de Dona Dulce. Para ele, era a mulher mais bonita da cidade. Se fosse possível, até desejava que ela fosse sua mãe de verdade. Talvez, se fosse mãe dele, de verdade, ela não brigasse por causa do prato.

Mas não era e Benedito tinha que andar depressa antes que alguém chegasse ali e visse aquilo. Precisava catar os cacos de vidro que se espalharam pelo ladrilho. Mas eram muitos e ele precisava de alguma coisa onde guardá-los. Mas se saísse para procurar e demorasse muito, alguém poderia chegar na copa. Pensou em juntá-los nos bolsos, mas eram pequeninos e muitos, não apanhariam todos. Uma vassoura ajudaria a catá-los, mas também estava na cozinha. Benedito começou a sentir que se havia enroscado de fato. Desta ele só sairia para a fazenda.

A culpa não fora sua, isto é, não fora de propósito. Foi tudo por causa da manga. Ele era louco por manga, que até lhe chamavam de guloso. Se não fosse por causa daquela pintada de peito amarelo que ia cair do prato, não teria acontecido nada. Toda a gente lhe dizia que os gulosos não iam para o céu, mas ele nunca ligou porque o padre Antônio iria para o céu e gostava muito de manga, também. Quantas mangas já não tinha ido levar lá na igreja? E padre Antônio só gostava daqueles da mangueira grande do lado da casa. E verdade que eram as melhores mesmo. Benedito gostava delas também e tinha sido por uma igualzinha àquele pintada que ia cair, que ele tomara um susto aquela noite. Se bem que ali, a culpa não foi dele. Desde cedo que andou namorando a manga. E, de noite, esperou apagar a luz da casa, para subir na árvore. Mas tinha ficado tudo contra ele. A sorte é que não tinha sido seu Olavo, que ele estava na fazenda. Mas, mesmo assim se assustou. Também, não era para menos, o escuro, aquele homem parecia seu Olavo. Bobagem, devia não ter descido, porque sabia que seu Olavo estava na fazenda. Mas como é que podia saber, no escuro, que aquele homem que saía da casa era o doutor? E se ficasse bobo, iria preso mesmo, que o doutor estava nervoso. Só soltou o braço do moleque quando ele falou. E precisou chamar Dona Dulce na janela do quarto para ter certeza de que esse era empregado dela. Se ela fosse que nem seu Olavo, Benedito estava perdido. Mas ela era muito boa e o doutor também. Machucou primeiro porque pensou que era ladrão. Depois, até sorvete pagou para ele, quando Benedito veio da escola. E prometeu dar um jeito para seu Olavo deixar que ele aceitasse uma bola de couro. Mas seu Olavo não deixaria, mandaria Benedito embora para a fazenda se ele aparecesse com a bola em casa.

O pior de tudo era isso. Quando podia ganhar uma de verdade, acontecia aquilo. Dona Dulce estava prometendo contar tudo ao seu Olavo. E ela agora ia contar. Benedito não sabia como esconder os cacos de vidro. Tinha vontade de largar tudo e correr, mas não adiantava nada. Iam descobrir tudo. Cada vez mais, Benedito se sentia infeliz e mergulhado no medo. Os pedaços de vidro brilhando, as mangas amassadas, seu Olavo zangado, a fazenda, a bola de couro em vez da meia,

OS PICARESCOS

Timidamente sobraçando regular maçaroca de pasquins, aproxima-se de nós um jovem colega, ar triste, como em compunção. Exemplar distinto de uma aberração acadêmica, impingenos, com um misto de patético e religiosidade nos olhos, um mo-

tudo dansava na sua frente. Benedito ia chorar, não por causa de tudo isto, mas por causa da bola somente. Da bola de couro que ia perder. Ele não podia mesmo jogar bola como os outros. Se a bola fosse sua, então ele mandava no jogo. E ia para a linha fazer gol. Mas não podia mais.

Pe'o menos agora, Benedito não podia jogar. Precisava recolher depressa os cacos de cristal do prato que se espantifara no ladrilho. E tinha que ser logo que já vinha alguém, e sentia os passos virem de dentro da sala. Devia ser Dona Dulce.

Pronto, estava tudo acabado. Não iria ganhar mais a bola, iria para a fazenda. Benedito começou a chorar, pensou na sua mãe, quando viu dona Dulce. Que bom, se ela fosse sua mãe de verdade! Se fosse, não brigaria com ele. As lágrimas escorreram dos olhos, viraram choro corrido, ele não podia dizer nada, uns pedaços do prato na mão, os pés presos, nem correr podia de tanto medo. Tanto medo que nem notou que Dona Dulce sorria. Não tinha coragem de olhar para ele.

Agora apanharia ali mesmo não sairia correndo como das outras vezes e choraria. Se bem que já estivesse chorando. Mas até agora tinha sido de vergonha. Bem feito, merecia tudo isto para não ser estabonado e guloso. Interessante que não se importava de perder a bola, só não queria que Dona Dulce se zangasse. E ela estava perguntando o que tinha acontecido. Não, não admitava que ela dissesse que não tinha nada, que não tinha importância e que não ia contar nada ao seu Olavo. Ela ia contar, Benedito sabia...

Mas se ela estava dizendo que sabia que não tinha sido de propósito, então ela não ia mesmo contar... Sim, prometia, sim... nunca mais, jurava... nunca mais subiria de noite na mangueira. Agora ia dormir cedo. Nem chuparia mais manga, e não fugiria mais do quarto. Prometia tudo.

Já as lágrimas se evaporavam e um sorriso escancarou o rosto negro iluminado pelos dentes brancos, quando ela falou na bola de couro. Como ela soube que ele queria uma bola? Ela lhe prometia e se ela desse, seu Olavo não tomaria, que ele fazia que ela queria.

Como era boa a Dona Dulce. Era como se fosse sua mãe de verdade. E como estava bonita assim de azul! Agora ele ia ganhar a bola de couro, mas nunca mais faria nada errado para não desgostar Dona Dulce. Vestida de azul até que parecia aquela santa do altar grande da igreja, aquela que padre Antônio tinha um retrato de a na sala. Teve vontade também de ter um retrato daquele no seu quarto. Parecia tanto com Dona Dulce e Benedito pensou que Dona Dulce podia também ser uma santa daquelas.

desto e mal impresso polígrafo, nunca à altura da Faculdade que abriga o maior e melhor jornal universitário do país. Correndo os olhos pelo título e manchetes, vemos que peca de modo equivocado, infantil e funambulesco pelo conteúdo. Aqui começa uma pequena tragédia acadêmica...

Trazidos ridiculamente pela canga, em incômodo colarinho, abordam diáritamente a Academia certas figuras burlescas. Com um ar altaneiro e desassombrado, como se se tratassem de personalidades iluminadas pela luz da razão, e com palavras minadas de irreverência suspicaz, dão início, após haverem consultado as anotações de seus padrinhos, a uma jornada destrutiva. Seu objetivo, que transpira claramente, é formar uma ambiência favorável ao descrédito, à negação e ao desconhecimento anárquico dos verdadeiros valores. A fim de conquistar mais e mais a simpatia daqueles de quem são simples instrumentos, mantêm entre si forte emulação, que se traduz na ordem direta de suas singulares e aéreas campanhas moralizadoras. Limpidos por fora, enfumacados por dentro, charlatães uns, outros deploravelmente simplórios, parte aq conscientemente, parte inconscientemente. Quem poderá penetrar-lhes o âmago, para elaborar a análise exata de suas ações e atitudes?

Elementos nocivos, alheios à sua plena ignorância sobre tudo o que diz respeito a acadêmismo, espírito acadêmico e tradições acadêmicas, atribuem-se a competência de julgar o proceder de seus colegas, condená-los e prejudicá-los com suas sórdidas delações. Magarefes, estão sempre prontos a descer o cepo de sua moralidade contestada e desviada, tão cedo encontrem pela frente um bêbedo ou um cafageste boçal. Então, oportunistas ignorantes, dão por paus e por pedras, fazendo daqueles inconseqüentes os eternos joguetes indispensáveis às finalidades excusas. Nas assembleias do Centro, distinguem-se pelo maço de sua voz e preciosidade de seus termos, acostumados que estão a somente enxergar diante dos olhos os nimbos miríficos de uma ficção conveniente, ficção esta a que se apegam pela carneirice de seus temperamentos e limitação de sua espiritualidade.

Elementos mediocres, batendo sempre na mesma tecla, incapazes de uma crítica construtiva ou mais arrazoada, serão certamente no futuro encostados em algum cargo ou função, nunca chegando a valores exponenciais, como, pela sua procedência, muito seria de esperar. Melhor! assim cairão logo ao anoinato, subservientes que serão, por certo, à política pernicioso do campanário.

E. S. Faria

INDICADOR PROFISSIONAL

ADALBERTO PEREIRA DA FONSECA
ADVOGADO
Escr., Rua Marconi, 34 — 1.º andar — Tel., 34-8604

LUIZ GERALDO FERRARI
ADVOGADO
Rua Boa Vista, 245 — 7.º — Sala 718 — Telefone, 32-0189

LUCIANO DA SILVA CASEIRO
ADVOGADO
Escr.: Av. da Liberdade, 21 — 5.º andar — salas 511/2 — Tel.: 35-6786

FRANCISCO FALEIROS
RUI FALEIROS
ADVOGADOS
Escr.: Praça da Sé, 371 — 7.º — salas 707/8 — Tel.: 35-6087

JONAS RIBEIRO CONRADO
ADVOGADO
Escr.: R. Cons. Crispiniano, 398 — 7.º andar — Tel.: 35-5771

C. SANTA PAULA NETO
Rua Boa Vista, 245 — 1.º andar — s/ 108-110 — Tel.: 33-2921

CARLOS DE AGUIAR MAYA
Residência: Rua Honduras, 253 — Fone: 8-6225
Escritório: Rua José Bonifácio, 209 — 5.º — s/ 504 —
FONE: 32-6312 — S. PAULO

LOUREIRO JUNIOR — DAMIANO GULLO
GUILHERME PERCIVAL DE OLIVEIRA
ADVOGADOS
Rua 7 de Abril, 404 — 2.º and. — Tels.: 35-3336, 33-9405 e 37-7995

CARLOS CANIATO
ADVOGADO
Praça da Sé, 62 — Sobre-loja — Telefone: 35-5996
Avenida Lacerda Franco, 92 — Telefone: 37-9065

FRANCISCO NETTO CABRAL
F. H. MENDES DE ALMEIDA
ADVOGADOS
Rua Benjamin Constant, 138 — 4.º andar
Telefones: 33-7356 — 35-8668

MARIO A. BRUNO
ADVOGADO
Rua São Bento, 200 — 3.º andar — sala 54 — Tel.: 32-2525

LAURO DE ASSIS BRASIL
ADVOGADO
Praça da Sé, 23 — 2.º andar — sala 206 — Tel.: 32-0716

FRANCISCO RANGEL PESTANA
ADVOGADO
Rua Senador Feijó, 176 — 6.º andar — s. 620/624 — Tel.: 32-4418

FERNANDO BICALHO VEIGA
ADVOGADO
Rua Barão de Paranapiacaba, 24 — 3.º andar — Tel.: 32-9344

A. P. PINTO MOREIRA
TANCREDO VIEIRA JUNIOR
ADVOGADOS
Rua Boa Vista, 245 — 9.º andar — salas 301/902
Rua João Bricola, 46 — 9.º andar — salas 991/902
Prédio Piratingui — Telefone: 35-5594

ZAELI MOURA DOS SANTOS
ADVOGADO
Rua Marconi, 124 — 11.º andar — Telefone: 34-0733

EMILIO FARHAT
ADVOGADO
Escritório: Rua Boa Vista, 245 — 2.º andar — Fones: 32-7402 e 32-0210 — Resid.: Alameda Campinas, 450 — Telefone: 31-4686

SIDNEY AVILA
BENEDICTO FALLEIROS
ADVOGADOS
Rua Senador Feijó, 161 — 9.º — Conj. 91/92 — Tel.: 32-2345

JOSÉ AUGUSTO PADUA DE ARAUJO
ADVOGADO
Rua da Liberdade, 21 — 7.º andar — conj. 703 — Fone: 36-2043

SYLVIO LUCIANO DE CAMPOS
ADVOGADO
Rua Xavier de Toledo, 114 — 8.º andar — Telefone: 34-1230

RYNALDO GODOY BORGIANI
ADVOGADO
Escritório: Lgo. Tesouro, 36 — 7.º andar — Tels.: 32-4859 e 32-3534

LINO DE MORAIS LEME FILHO
ADVOGADO
Rua Quintino Bocaiuva, 176 — Salas 405/7 — Fone: 32-5392

ALEXANDRE MARCONDES FILHO
LUIZ LOPES COELHO
ALEXANDRE MARCONDES NETO
ATALIBA MARCONDES MACHADO
CARLOS FERREIRA ONOFRE
JAIR CARVALHO MONTEIRO

Rua Cons. Crispiniano, 29 — 11.º andar — Fone: 34-9171

WALDEMAR MARICONDI
ADVOGADO
R. Marconi, 124 — 12.º and. — s. 1.208/9 — Tels.: 34-3850 e 35-0888

JORGE ASSAD JAYME
ADVOGADO
Rua Quintino Bocaiuva, 71 — 7.º andar — Salas 706/7
Fone: 32-6859 — (Edifício R. Monteiro) — S. PAULO

Peças e acessórios para automóveis - Geladeiras -
Televisores - Máquinas de lavar roupa - Máquinas
de Costura e um mundo de artigos domésticos de
qualidade, pelos melhores preços da cidade!



São João, 1.100 - Celso Garcia, 331 - Piratinga, 301

Como precocemente, ao contacto com a futura calourada em exames, davam-nos a perceber desoladores prognósticos, adentraram as Arcadas, no ano da desgraça de 1955, duas glórias dos mais asininos mueres da raça burrega... Trescentos, dos mil e cem que arriscaram o seu amor próprio perante os mestres, conseguiram, graças a orelhadas, dentadas e coices, um lugar na Academia, e, com alegres relinchos de cáudio e reconhecimento protestam a sua satisfação por terem entrado no Templo do Direito, na Escola dos grandes nomes, na matriz entre dezenas de filiais e derivadas. Dentre estes, típico foi o caso de Francis, que apareceu logo no primeiro dia de aula...

Francis é um rapaz tímido, burro e bonzinho, como convem que seja todo calouro. Muito prestativo, sujeitou-se ao trote desde os mais priscos tempos de curso. Antes e depois dos seis exames vestibulares que prestou, fez absoluta questão do inefável trote, sem o qual julgaria incompleta a sua jornada de vestibulando. No dia que saíram os resultados, então, foi um dos primeiros a abrir, em trajes menores, a temporada de atletismo na rua de São Ben'ó, com um magnífico solo de revezamento em 1 200 metros! Como foi a única equipe que concorreu, teve a vitória garantida, e o prêmio foi uma volta completa no ônis Parkes, ainda em trajes esportivos. Assim mesmo, voltou...

No primeiro dia de aula, alegre foi a nossa surpresa ao reconhecermos em Francis o único representante do novo sangue da Academia que tinha tido ânimo suficiente para expor sua calvice aos rigores de um inverno incipiente. E, grata foi a sua satisfação, ao sentir em seu crânio, limpo de qualquer resquício de pilosidade, uma formidável massagem de água-raz, patrocinada pelos seus colegas mais velhos e experientes. Com isso, achou-se recompensado do fato de terem adiado o seu contacto com o estimulante Direito Romano. F. não foi só...

Mas deixando Francis de lado, o qual foi o primeiro calouro oficial do ano corrente, voltemos nossos olhos para os outros. Mas trotes suceder-se-ão. Mais calouros sentirão na mente ou no espírito os rigores de uma diferença provisória, ditada pela sua situação de recém iniciados em um mundo novo, que envolve imenso cabedal de conhecimentos, cultura, tradições, amizade... amizade sobretudo! A nós, veteranos, cabe entrosar os mesmos, com o nosso sentido acadêmico, dentro da essência de nossa Escola, dentro do que ela sempre foi, dentro do que é, nunca dentro do que falsos moralistas pretendem que seja! Pois, todo o valor dela consiste exatamente em ter sido o que foi — a forja de onde saíram os maiores nomes de nossa Pátria — e consiste em ser ela o que é no presente, a Academia que fez frente à dita dura, após já haver dado o seu sangue à Constituição; a Academia da qual partem os grandes movimentos e que tutela, com a sua liderança, todos aqueles que queiram lutar pelo Direito e pela Justiça!

E' nessa Academia, que nós queremos, se a J. U. C. deixar com que os calouros encontrem o seu ideal, o seu ambiente, a sua identidade, e, para isso, faremos com que comecem do nada,

lavando-lhes os espíritos de quaisquer recalques ou inibições, de quaisquer arrogâncias e de todo o preconceito.

E essa nôvel turma de calouros, por mais motivos, receberá, com a devida encíclica da J. U. C., trotes até o dia 11 de Agôsto, data de sua tradicional alfôria.

A COMISSÃO

O direito e a sociologia

Após o «Novum Organum» do grande BACON, discute-se da legitimidade científica do raciocínio lógico-dedutivo aplicado à pesquisa e à descoberta da verdade. Parece mesmo que tôdas as conquistas da ciência se têm efetuado através da observação e experimentação dos fenômenos naturais, e a formulação teórica das leis tem sido historicamente feita a partir de um raciocínio indutivo amplificador, que nos tem permitido a inferência de leis universais, válidas para um número de fatos infinitamente maior que o número de fatos submetidos à observação e verificação empírica, quando em circunstâncias idênticas. Nesse sentido é que, diga-se de passagem, a indução aristotélica não passava de uma dedução às avessas, cuja conclusão não era senão a soma das afirmações ou fatos contidos nas premissas.

Do método proposto por BACON à ideação, no século XVIII, de uma ciência positiva dos fatos sociais, foi um passo. O formidável impulso das ciências da natureza e, por outro lado, a intenção arqui-freqüente de

Emílio Gonçalves

Problema crucial da Criminologia e do Direito Penal é o da pena de morte. Objeto de intermináveis polémicas, nas quais se degladiam adversários e adeptos da pena capital, bem pouco há de definitivo sobre a mesma. Aliás, a solução do problema da

criminalidade não reside na adoção ou abolição da pena de morte. Não resolvem o problema as discussões prolongadas sobre a utilidade e justiça da mesma, discussões nas quais perdem o precioso tempo criminólogos e penalistas.

O que precisamos, para mino-

opor, à metafísica e aos juízos axiomáticos dos filósofos, as lições de objetividade dos físicos e naturalistas, fizeram surgir uma Sociologia comteana, que, se outro mérito não teve, contribuiu ao menos para uma sistematização do método objetivo, empreendida em grande parte e aperfeiçoada, no século seguinte, por DURKHEIM. A atitude durkheimiana, se, por um lado, tornou possível a especificação do objeto e do método da nova disciplina, por outro lado quis dar à Sociologia uma segurança científica de que na realidade ela carece, e que mereceu do nosso TOBIAS BARRETO uma observação, tresandando a espírito e malícia: «Enquanto pois, assim como a velha astrologia dos Apolônios de Tiana, dos magos da Caldéia, passou a ser a astronomia dos Copérnicos, dos Galileus e dos Keplers, a nova sociologia de Comte, de Spencer e outros sociólogos e magos do ocidente, não passar também a ser a socionomia de sábios, de estadistas e políticos estou firme na minha convicção: a sociologia é uma frase».

Hoje, porém, ultrapassadas as afirmações mais ousadas de COMTE, SPENCER, SIMMEL, TOENNIES, MARX e do próprio DURKHEIM, podemos dizer que há uma Sociologia, como ciência positiva em nosso tempo, não mais preocupada com os aspectos mecânicos, biológicos, estático-dinâmicos, ou meramente antropológicos e etnográficos da vida social, mas com o que ela tem de especificamente social. E a vida social, com desobedecer às mesmas leis necessárias que presidem os fenômenos da natureza, e a que desejavam submetê-la os homens da «Física» social, pelo menos apresenta-se com certa regularidade previável, que faz com que, — como observou MANHEIM, — os fenômenos sociais ocorram como as respostas a uma pergunta: podem variar em número, forma ou intensidade, mas sempre esta variação tem limitações, impostas pela pergunta, que simboliza um cálculo de probabilidades.

Nesse sentido, a Sociologia e ciência indispensável a quem se propõe a estudar as regras de Direito, que se situam no âmbito das ciências sociais. Dois perigos, desde logo, apresentam-se, correspondentes a uma aparente alternativa de atitudes que o jurista deve tomar. Ou o Direito é apenas norma e, neste caso, a ciência jurídica se cristaliza no tecnicismo formal do Direito Puro de KELSEN; ou tal ciência não é senão um vasto capítulo da Sociologia geral, sendo a norma jurídica um fato social. Dissemos que a alternativa é aparente, porque é possível enxergar na regra jurídica assim o seu aspecto formal como o seu conteúdo social. Há mesmo quem se refira a um terceiro aspecto da norma, dado pela sua qualidade de juízo valorativo, e teríamos uma teoria tri-dimensional do Direito.

De qualquer maneira, porém, uma coisa é certa: a Sociologia, ciência positiva em nosso tempo, e o Direito têm objetos e métodos próprios, que se não confundem, mas, porque o conteúdo da norma jurídica é dado pela Sociologia, o estudo desta é indispensável para a formulação teórica daquele.

J. R. F. F.

SAIRA' AS RUAS A TRADICIONAL PERUADA

Declarações do Presidente da Comissão de Trote — Ultimam-se os preparativos — O hasteamento solene da bandeira

Em recente palestra com a reportagem de «O XI DE AGOSTO», declarou o acadêmico Donaldo Armelin, Presidente da Comissão de Trote, já se encontrarem em andamento os diversos preparativos para a tradicional Peruada deste ano, que, no seu ver, nada deixará a desejar quanto às melhores já realizadas. Neste ano, para a preparação da festa de confraternização de calouros e veteranos, foi cedido ao Centro Acadêmico, pela Secretaria da Agricultura, um pavilhão do Parque da Água Branca, que é o local de onde partirá a mesma em direção à cidade.

PREPARATIVOS

Segundo as palavras do colega Donaldo, o atraso da Diretoria do Centro em entregar a verba especialmente recolhida dos calouros para os tradicionais festejos está retardando um pouco a preparação da Peruada, mas, segundo declarou, tão logo esteja de posse da referida verba, que é, aliás, da importância de

50 mil cruzeiros, ultimarão os preparativos. Por outro lado, está a aguardar qualquer idéia sugestiva dos colegas, com referência à Peruada, bem como a colaboração irrestrita de todos os acadêmicos, indispensável ao êxito que pretende obter.

HASTEAMENTO SIMBOLICO

Finalizando, declarou o acadêmico Donaldo Armelin já estar pronta a tradicional bandeira que implantará o terror no Território Livre, o «Ridendo Castigat Mores». Para o ato solene de hasteamento da bandeira simbólica, a ser feito oportunamente e de improviso, já está sendo planejada uma sugestiva cerimônia, com a Diretoria do Centro presente, calouros, colegas de Academia e imprensa. Na ocasião, será lida uma Ata, sendo empregados diversos alto-falantes, e será prestado o juramento pelos calouros, o qual será possivelmente, transmitido por uma rádio-emissora da Capital. Os colegas que aguardem os acontecimentos!...



CIA. ESMERALDA DE IMÓVEIS

INCORPORAÇÃO DE CONDOMÍNIOS • CORRETAGEM DE IMÓVEIS
ADMINISTRAÇÃO PREDIAL • CASAS POPULARES • LOTEAMENTOS

RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 344 - 9.º ANDAR - FONES: 33-1663 - 35-9612 - 35-9613 - SÃO PAULO

rar a criminalidade, é buscar as causas que levam o indivíduo a delinquir. Descobertas estas, e atacadas de rijo, conseguiremos certamente diminuir o índice de crimes.

As causas determinantes do crime são várias. As mais importantes são as que se referem ao padrão econômico e à educação dos indivíduos. Em segundo lugar colocam-se a falta dum eficiente policiamento preventivo e as inúmeras falhas que apresenta o sistema penitenciário. Caso especial é o dos criminosos anormais, cuja causa é de natureza orgânica. Estes são doentes; devem ser tratados; via de regra, são internados em manicômios judiciários.

Grande número de indivíduos delinque por causa da ignorância e da miséria. Analfabetos, ignorantes, sem conhecimentos profissionais de espécie alguma, tornam-se fácil presa do crime, a que se atrain, muitas vezes, em desespero de causa.

No geral tais indivíduos delinquem porque a falta de conhecimentos profissionais lhes acarreta o desemprego. Do desemprego à malandragem e ao crime, o caminho é curto: um salto apenas. Outros delinquem em estado de extrema necessidade; é a miséria que os arrasta para o crime. Tal circunstância lhes será favorável no julgamento. Aos olhos do juiz o estado de necessidade é uma atenuante. Aos olhos do criminólogo, porém, é um sintoma de extrema gravidade: significa que o Estado não tem dado a necessária atenção ao problema da assistência social; que tem falhado nas suas finalidades de promover o bem-estar da coletividade.

D outro lado, a falta de eficiente policiamento preventivo facilita a proliferação dos delitos. Se a Polícia desse maior atenção à tarefa de prevenção de crimes, certamente assistiríamos à diminuição do número de delitos. Muitas vezes, a presença dum policial num bar, numa esquina, evita uma briga ou mesmo um conflito entre pessoas, o que geralmente tem funestas consequências. A autoridade, de que se acha investido o policial, imporia moderação e respeito entre os cidadãos. As rondas policiais, principalmente à noite, tornariam mais eficiente o policiamento, preventivo. Os bares, as buates e bailes, devem ser os pontos preferidos por esse policiamento, pois é sabido que nesses lugares o álcool costuma produzir os seus efeitos maléficos.

Por último, resta-nos analisar o problema penitenciário. As nossas penitenciárias não têm conseguido reeducar o delinquente. Isto percebe-se facilmente, pois notórios são os casos de reincidência. Não recebe o criminoso nas prisões o tratamento

adequado à sua reintegração na vida social. O sistema entencário está eivado de falhas que, não raras vezes, inutilizam os esforços que as autoridades enviam no sentido de conseguir a reeducação do criminoso. Não sem razão já se chamou às prisões «universidades do crime». O convívio diário, a reunião indiscriminada de criminosos de várias espécies, a promiscuidade em que os mesmos vivem em algumas prisões, tudo isto facilita a transmissão das práticas ilícitas, arrastando elementos primários ao caminho do crime. Além disso, insuficientes em número e acomodações, enorme é a quantidade de criminosos que vivem fora delas, porque a prisão dos mesmos acentuaria a crise de superpopulação mas prisões, o que, aliás, já se tornou crônico em nosso meio.

São estas, em ligeira e incompleta análise, as causas determinantes do crime. Necessário se torna dar-lhes a atenção que merecem. Vivemos numa época em que predomina o conhecimento científico, que outra coisa não é senão o conhecimento dos fenômenos pelas causas. A ciência investiga principalmente as causas (causas próximas, é verdade, mas de grande valia). E' impossível, porisso, desconhecê-lhes o valor. Foram elas que possibilitaram em grande parte a formulação das grandes doutrinas científicas e as maravilhas da técnica moderna. Conhecedor das relações causais, o cientista busca aplicar esse conhecimento na solução dos problemas humanos, forcejando, muitas vezes, neutralizar o efeito das mesmas. Por que não empregamos este método, com referência ao crime, em escala bem maior do que tem sido feito até agora?

No setor educacional, mais escolas, mais cursos de alfabetização, campanhas educativas através do rádio e da imprensa, talvez lograssem educar o cidadão, muito embora se devam reconhecer os inúmeros obstáculos que se oporão a tais empreendimentos, principalmente da parte dos adultos, velhos hábitos, costumes já fortemente arraigados, influências poderosas do meio social. Todavia, tais medidas alcançam, novas gerações melhor nível educacional e conhecimentos profissionais especializados, possibilitando, enfim, os esclarecimentos necessários para que o homem possa conduzir-se harmonicamente no seio da sociedade.

Não creio em verdade, que tôdas essas medidas consigam extirpar inteiramente o crime do seio da sociedade. Este existiu desde os primórdios da Humanidade. Todos nós recordamos do fratricídio de Caim o crime é tão velho quanto o mundo. Todavia, não devemos considerá-lo tarefa impossível a de procurar minorar o índice de crimes. Tenhamos por certo que procurar sanar as principais causas da criminalidade, é o caminho mais rápido para conseguir resultados bastante satisfatórios no tocante à diminuição do número do crime.

A Ressonância do Prêmio Obtido por "O XI de Agosto"

Ofício da Associação de Imprensa Estudantil — Premiada este jornal em Sessão Solene, na A. B. I. — Mensagem de estímulo aos estudantes de Direito

Havíamos noticiado, na edição de 31 de março, a conquista do prêmio instituído pela Associação de Imprensa Estudantil para "o melhor jornal universitário do país", durante as comemorações da Semana do Estudante Jornalista. Em princípios de abril chegaram-nos maiores detalhes referentes ao concurso, através de um comunicado da própria Associação de Imprensa Estudantil, que tem sede à Praça da República, 14-A, 3.º andar, no Rio de Janeiro. Divulgamos, assim as informações contidas naquela missiva, que ilustram a maneira por que foi realizado o concurso, e publicamos, outrossim, a carta recebida do Presidente daquela entidade, sr. Ricardo Erico Howling, evadida de conceitos elogiosos e sobretudo honrosos, com referência a este órgão, redigido, durante todo o ano passado, pelo acadêmico Dalmo Leme de Abreu Dallari.

SESSÃO SOLENE

Na primeira semana de fevereiro do corrente ano, a Associação de Imprensa Estudantil, em sequência ao seu programa em prol da imprensa estudantil e das vocações jornalísticas, resolveu lançar o referido concurso com o fito de reconhecer, divulgar e estimular as publicações estudantis que mais labutaram em 1954. Começaram a chegar as publicações estudantis oriundas de todas as partes do país, secundaristas e universitárias, de estabelecimentos de ensino secundário e de ensino superior. O resultado final, quiseram os organizadores divulgá-lo durante a Semana do Estudante Jornalista, de 24 a 31 de março próximo passado, comemorativa do 1.º aniversário da A.I.E.

No dia 20 de março, encerraram-se as inscrições, cabendo o julgamento a uma comissão, assim composta: Prof. e vereador Aníbal Espinheira; Antonio Veiga de Freitas,

radialista; René Cavê, diretor artístico da Rádio Ministério da Educação e da equipe do Rádio-Jornal Estudantil, da A.I.E. No dia 24 de março, em sessão solene realizada no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, em presença de altas autoridades e de seu Presidente, jornalista Herbert Moses, foram proclamados os resultados, tendo aquela jornalista usado da palavra, para fazer o elogio dos jornais vencedores. O prêmio, medalha de prata com as inscrições "Ao melhor jornal estudantil de 1954", coube ao órgão oficial do Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito de São Paulo.

MENSAGEM DE ESTÍMULO

Do Presidente da Associação de Imprensa Estudantil, datada de abril de 1954, recebemos a seguinte missiva, que é uma mensagem de estímulo aos estudantes de Direito de São Paulo:

"Ilmo. Sr. Diretor da publicação "O XI DE AGOSTO" Faculdade de Direito de São Paulo Saudações.

Vimos pela presente comunicar a V. S. a vitória da publicação "O XI DE AGOSTO" no concurso "Melhores publicações estudantis de 1954", instituído por nossa entidade, visando estimular e reconhecer o trabalho e as realizações dos jornais que mais labutaram no ano de 1954.

Coube ao jornal "O XI DE AGOSTO", na classe de jornais impressos (série A — dependentes; de Faculdades etc.), o 1.º lugar pelo seu brilhante labor no ano de 1954, seja pela sua magnífica apresentação, pela sua parte técnica, seja pelo excelente aspecto redacional.

A publicação "O XI DE AGOSTO" vem prestando à mocidade estudantil, à

cultura, à educação, à solução dos mais prementes problemas de nossa terra importante papel e que não poderia passar despercebido à Associação de Imprensa Estudantil, baluarte na luta pelo engrandecimento do jornalismo no Brasil e que tem por obrigação incrementar, premiar e solidarizar-se a iniciativas de tão relevante teor.

Que o prêmio merecido pela publicação "O XI DE AGOSTO" sirva, não como um motivo de regosijo somente, mas como uma mensagem sincera de estímulo em suas lutas, como uma palavra de fé, esperança e persistência em seu caminho de labuta, para que não esmoreça ante as dificuldades, para que não desanime nas adversidades.

Almejando um porvir cada vez mais radioso, quero, em nome de meus companheiros e no meu próprio, apresentar os protestos da mais alta consideração aliados aos nossos profundos agradecimentos por tão honrosa participação em nossas atividades. Atenciosamente, Ricardo Erico Howling Presidente."

CURSO DE ORATÓRIA

PROFERIDA A AULA INAUGURAL



Vemos, no clichê, um aspecto da aula inaugural do curso de Oratória do Centro Acadêmico «XI de Agosto», proferida em fins de Abril, pelo Prof. Adelino J. Silva D'Azevedo. O curso tem tido uma assistência bastante concorrida.

A Valorização do Acadêmico

JOSE LEAL DE REZENDE "Velha... e sempre nova Academia". Da sua fase vetusta muito ouvimos, muito podemos ler. Suas histórias. Suas lendas. Sua significação. Suas arcadas. Suas inscrições. Túmulos. Monumentos... E... na nova Academia, o que vemos? Uma Babel, onde alguns se conhecem e uma multidão se entrecruza... Muitos corpos presentes; mas, quantos, quantos espíritos ausentes. — Serão todos alunos? — nos perguntam — e embarçadamente respondemos: certamente, a maioria!

"Alunos fantasmas" — Eis o mal presente da nossa grande Escola: falta de participação do seu corpo discente na vida dinâmica da sua Faculdade, no convívio com a sua entidade — o Centro Acadêmico. Nem a anuidade, grande número paga! Mas, todos querem ser tidos como Acadêmicos do Largo São Francisco. Sim, todos sentem satisfação em o declarar. Seria natural, seria justo; mas, por isto mesmo, será justo e natural que lembremos a necessidade da participação dos alunos na vida acadêmica. — E o que chamar de "participação"? Bastará o pagamento da anuidade, ao Centro?

— Lógicamente que não. Participação — entendemos — é a contribuição pessoal do aluno, no convívio acadêmico, de acordo com os seus pendores — sejam políticos, literários, teatrais, poéticos, boêmios, ou... até jurídicos — visando o benefício comum. E' preciso que os colegas de valor se mostrem, se revelem, pois, os há — sabemos — e muitos... então, que os estranhos — fora da Faculdade — também o saibam e digam: tenho a satisfação de ser amigo, conhecido ou parente de um Acadêmico do Largo São Francisco. Mas necessário será que desempenhem o papel de verdadeiros acadêmicos.

O XI DE AGOSTO

ANO IV * Arcadas, 30 de Abril de 1955 * N.º 2

PRAGA NOVA

MIGUEL A. AITH

Quando Deus voltou ao mundo Para castigar infieis Deu ao Egito gafanhotos E ao Brasil deu bacharéis.

A nossa já abundante flora vê-se enriquecida com uma nova espécie de praga: Faculdades Rurais de Direito. Acolhida em berço esplêndido e encontrando um solo fértil, onde em se plantando dá, proliferou por todo o Brasil e, muito especialmente, por estes lados de Piratininga, não devidamente benzidos por Anchieta.

Vilarejos, onde escasseiam escolas primárias, ostentam orgulhosos suas faculdadezinhas. Desrespeitando as nossas leis de proteção à fauna, caçam alunos de u'a maneira cruel e impiedosa. Usam de artifícios inúmeros para atraí-los. Chegam a oferecer brindes democraticamente distribuídos em aleluias.

Meirinhos são guindados às cátedras e, daquelas alturas, ensinam o que não sabem a quem não quer

aprender, imolando, em holocausto à ignorância, a última flor do Lácio, inculta e bela.

Com suas lotações esgotadas, partem estas "show-escolas" em viagem de turismo pelo mundo do Direito. Durante seu despreocupado cruzeiro, só exigem de seus alunos — parodiando certo estabelecimento comercial de São Paulo — que sejam rapazes direitos, pontuais em suas prestações.

Tais e tantas são as heresias jurídicas que se cometem nesses piqueniques sacrílegos que Niterói sente seu primado ameaçado e prestes a ruir.

E, dentro de alguns anos de gestação, estas caricaturas de escola desovarão, com fertilidade, quase que suína, levas e levas de bacharéis dignos da definição de Cujácio: "Rapacissimum hominis genus".

Jejunos de Direito, ignorando as mais elementares normas jurídicas, só lhes restarão a chicana e a rabulice.

Confiar-lhes uma promoção seria incentivar o crime e premiar a desonestidade.

Feitos juizes dêles fugiriam as partes. Prefeririam disputar o objeto do litígio no jôgo de palitos a confiar na ciência de semelhantes magistrados.

Levados aos parlamentos só poderiam ajudar o Brasil a cair finalmente no abismo que o ameaça desde que foi descoberto. Como o dizia Pero Vaz de Caminha. E, se não o disse, muito deve ter pensado a este respeito.

E' preciso impedir a extensão desta praga. Urge que se coibam tais abusos. Ali, gerações perderão tempo, sacrificarão sua capacidade e, findo seu curso, nada poderão oferecer à pátria senão o triste exemplo que lhes foi dado. São as Faculdades

de Direito os celeiros que alimentarão o Poder Judiciário. Só êle atravessou imune o vendaval corruptor que assolou estes lados.

Cumpra ao Conselho Nacional de Educação extrirpar êsse mal, que grassa livre e impunemente.

Caso contrário, que Thêmis os perdôe e viva o Dr. Itapecuru.

— E como?

— Cooperar. Contribuindo com honesta disposição. Seja de trabalho, idéias... ou dinheiro. Mas, não aos calouros ou "cupinchas" e "cabrestos". É claro. Apesar de lamentavelmente, esta ser a forma negativa que alguns alunos (acadêmicos "mal-iniciados") praticam.

Possuímos uma Cooperativa de Livros. Poderia, ela, nos proporcionar, material didático a preços reduzidos. Porém, o seu minúsculo número de sócios, tem-na deixado à míngua de recursos.

Possuímos uma Associação Atlética, desfalcada de atletas e esportistas.

Possuímos um Departamento de Teatro que conta com escasso pessoal — aliás, por sinal, os poucos e bons praticantes da arte são entusiastas e talentosos (lembrem-se da "Corrupção").

Possuímos um Departamento Feminino... trá-lá-lá, nada sabemos. Com a palavra as nobres colegas...

Possuímos políticos e mais políticos... e não temos politização (queremos dizer: comportamento educado para a prática da Democracia).

Possuímos estudiosos do Direito e quase não conhecemos produção de trabalhos jurídicos dos alunos. Esta última atividade que reconhecemos, deveria ser mencionada em primeiro lugar. Propositadamente, deixámos de fazê-lo, para ressaltar a sua posição atual de a grande incógnita. E' neste setor, precisamente, que muitos colegas poderiam surpreender-se se soubessem que outros tantos, como êles, possuem alguns esboços jurídicos que não se atrevem revelar. «Banquem» os atrevidos colegas. Ponham as suas "manguinhas" de fora.

Julgamos, ainda, que cabe, também, à Diretoria do Centro XI de Agosto o encargo indeclinável de estimular estas participações. Instituído prêmios anuais a trabalhos jurídicos e outras atividades ou ainda, pelo menos, Distintivos de Mérito acompanhados de Certificados que atribuíssem um número variável de graus ou pontos ao estudante, segundo a sua participação.

Como sugestão inicial propo-riamos:

- 1—) Para trabalhos de reconhecimento valor: a—) Jurídicos-contarse-ia 20 pontos b—) de cultura geral - contar-se-ia 15 pontos pontos (conclui na 13.a pág.)

AS FACULDADES NO INTERIOR

MANIFESTA-SE O CONSELHO DA ORDEM DOS ADVOGADOS

O Conselho da O.A.B., secção de São Paulo, protesta — Melhor fiscalização do ensino — O Parecer aprovado

Reuniu-se no dia 12 de abril deste ano, na sede da Secção, no Palácio da Justiça, o Conselho de São Paulo, da Ordem dos Advogados do Brasil, que foi presidido, naquela reunião, pelo conselheiro Leôncio Ribas Marinho, estando presentes os conselheiros Emilio Ippólito, Licínio Silva, José Aranha, Manoel Pedro Pimentel, Celso Neves, Pedro Luis Veloso Chaves, Admir Ramos, Francisco Netto Cabral, Francisco Emygdio Pereira Neto, Antonio Carlos de Camargo Viana, Bartholomeu Bueno

de Miranda, Celso Leme, Geraldo de Camargo Vidigal, Jair Celso Fortunato de Almeida, João Acácio Marchese e João Alfredo Cattalji.

Durante o decorrer da sessão, foi aprovado o Parecer do conselheiro Prof. Paulo Barbosa de Campos Filho, relator no processo de n.º P-158; o aludido Parecer sugeria nova representação ao atual Ministro da Justiça a fim de que sejam tomadas providências para a melhor fiscalização do ensino nas Faculdades de Direito instaladas no Interior do Estado.